



EM QUATRO ANOS

# Número de paraibanos que investem na Bolsa cresce 81%

Até novembro, quase 56 mil pessoas do estado custodiavam R\$ 2,54 bilhões em recursos na B3. **Página 17**

Dez anos após a epidemia de zika, mães enfrentam desafios cotidianos

Famílias convivem com os impactos permanentes oriundos da infecção, que afetou o desenvolvimento de crianças no estado.

**Página 6**

Partidas de hoje definem as equipes finalistas da Copa do Brasil

Corinthians e Cruzeiro enfrentam-se na Neo Química Arena, às 18h, enquanto Fluminense e Vasco jogam no Maracanã, às 20h30.

**Página 21**

*Busca por saúde e corpo dos sonhos lota academias em João Pessoa*

Interessados em adquirir novos hábitos ou para compensar os excessos de fim de ano, clientes procuram os estabelecimentos.

**Página 5**

Foto: Leonardo Ariel



■ “Como sou grato aos céus por esta velhice de tantos testemunhos! Não sei quem, de supetão, me indagou: ‘Qual, a seu ver, o momento mais importante da Paraíba?’”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Utilizar a raiva para atrair audiência não é alvo recente. Já acontece há tempos. A novidade é o incremento da inteligência artificial generativa para a produção de conteúdos diversos”.

Angélica Lúcio

**Página 26**

*Liss Albuquerque celebra, hoje, 45 anos de carreira com show*

Cantor e compositor paraibano apresenta trabalhos das últimas quatro décadas em “Liss 45 — O Show da Vida”, a partir das 16h, no Bessa Grill, em João Pessoa. Para festejar o momento, o artista recebe parceiros como Capilé, Renata Arruda, Sandra Belé e Jurandy do Sax, com número de abertura a cargo de Os Eloquentes. Os ingressos custam de R\$ 30 (individual) a R\$ 120 (mesa para quatro pessoas) e podem ser adquiridos por meio do site Sympla.

**Página 9**

Foto: Magno Virgínio



Foto: Divulgação/Prefeitura de Pilõezinhos



## Ecoturismo movimentou Pilõezinhos

Último local a sediar a Rota Cultural Raízes do Brejo, município repleto de atrativos naturais celebra 62 anos de emancipação em meio à programação do festival, que acontece do dia 26 ao 28.

**Página 8**



# Clima versus pobreza

Como diria o cantor e compositor inglês John Lennon (1940–1980), imagine um mundo sem pobreza, com todas as pessoas vivendo em paz e solidariamente, sob um plano econômico assentado na razão e sensibilidade, uma vez que os poucos muito ricos é que teriam que abrir mão de parte de suas riquezas, para que a natureza pudesse dar suporte a essa fase de isonomia financeira, sem precedentes na história da humanidade.

Imagine um mundo sem mortos de fome. Sem guerras motivadas pela precariedade financeira, com imensos contingentes populacionais ou legiões de famintos lutando para ter direito a casa, comida, vestuário... O básico do básico, portanto, visto que a cidadania plena envolve, entre outros direitos elementares, educação, saúde e emprego e renda — no último caso, capazes de patrocinar uma vida digna.

A realidade concreta, porém, continua a milhões de quilômetros de distância da sociedade planetária ideal. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e a Iniciativa Pobreza e Desenvolvimento Humano de Oxford (Ophi) da Universidade de Oxford, por exemplo, constataram que cerca de 887 milhões de pessoas que vivem em pobreza multidimensional estão expostas a um cardápio variado de riscos.

Ou seja, de acordo com cálculos feitos pelas duas instituições acima citadas, oito em cada 10 pobres multidimensionais (um universo habitado por nada menos do que 1,1 bilhão de seres humanos carentes de qualidade de vida) estão diretamente expostos aos chamados riscos climáticos, que incluem ondas de calor extremo, inundações e desabamentos provocados por temporais, longos períodos de estiagens e poluição do ar.

No relatório do Índice de Pobreza Multidimensional Global de 2025, intitulado “Dificuldades Sobrepostas: Pobreza e Riscos Climáticos”, que veio a lume antes da COP30, realizada de 10 a 21 de novembro deste ano, em Belém (PA), o Pnud e a Ophi concluíram que, hoje, “a pobreza não é apenas um problema socioeconômico isolado, mas um fenômeno profundamente interligado às pressões e instabilidades planetárias”.

É um problema de difícil solução, para não dizer impossível de resolver. A ciência multidisciplinar, inspirada em pesquisas minuciosas, afirma que, para o enfrentamento da pobreza global e a criação de um mundo mais seguro para todos, faz-se necessário encarar os riscos climáticos que ameaçam quase 900 milhões de pessoas pobres. Mas o que fazem as nações que podem reverter esse quadro? Armam-se mais e buscam a guerra.

## Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

### AI-5: a consagração do autoritarismo

Ontem relembramos os 87 anos da edição do Ato Institucional nº 5, o AI-5, com a consciência de que conhecer o passado é condição essencial para impedir que ele se repita. Não há como ignorar a gravidade daquele episódio, que representou o mais bárbaro ato de repressão da história republicana brasileira. Pode ser considerado, com razão, o golpe dentro do golpe.

Naquele final de tarde de 13 de dezembro, os 24 integrantes do Conselho de Segurança Nacional foram convocados pelo presidente Costa e Silva para uma reunião extraordinária, durante a qual lhes foi apresentado o texto redigido pelo ministro da Justiça, Gama e Silva. Não houve espaço para análise ou debate. A decisão já estava tomada; faltava apenas a chance-la formal do colegiado. O vice-presidente Pedro Aleixo foi o único a manifestar discordância.

A gota d’água para o regime foi o pronunciamento do deputado Márcio Moreira Alves, na Câmara, em 3 de setembro, conclamando o povo a se abster dos desfiles cívicos do 7 de Setembro e pedindo às moças que se recusassem a participar dos bailes de formatura dos cadetes. No dia 12 de dezembro, a Câmara, inclusive com votos da Arena, rejeitou o pedido de licença para processar o deputado, acirrando ainda mais o ímpeto autoritário.

O AI-5 marcou o momento mais duro do regime militar, gerando ações arbitrárias de efeitos devastadores. O jornalista político Villas-Boas o descreveu como “o mais brutal diploma da ditadura”.

Para os militares, era preciso adotar medidas radicais para conter manifestações contrárias — sobretudo estudantis — e enquadrar, sob um novo arcabouço jurídico, qualquer forma de oposição. O diagnóstico oficial falava em “um processo bem adiantado de guerra revolucionária”, supostamente liderado por comunistas.

Com o AI-5, instalou-se no país um profundo quadro de insegurança jurídica. Qualquer cidadão poderia ser preso por 60 dias — sendo 10 deles incomunicáveis — e submetido, na prática, a sessões de tortura. O presidente-general passou a ter poderes para cassar mandatos, suspender direitos políticos por dez anos, proibir manifestações, afastar servidores estáveis e confiscar bens de indivíduos ou empre-

sas sem apreciação judicial. Professores foram expulsos das universidades; artistas, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, tiveram prisão decretada; censores ocuparam redações de jornais, rádios e emissoras de TV. O Congresso foi fechado e só reaberto em outubro de 1969, com a tarefa de elaborar uma nova Constituição, que chegou a prever a pena de morte. No início de 1969, três ministros do Supremo Tribunal Federal — Victor Nunes Leal, Hermes Lima e Evandro Lins e Silva — foram aposentados compulsoriamente.

A revogação do AI-5 pelo presidente Ernesto Geisel, em 1978, tornou-se marco da abertura política, restituindo direitos e abrindo caminho para avanços democráticos.

Ainda hoje, o Ato Institucional nº 5 permanece como um dos símbolos mais sombrios do autoritarismo estatal no Brasil. Como registrou o relatório da Comissão Nacional da Verdade: “O país não tivera, em toda a sua vida republicana, um conjunto de medidas que concentrasse tanto poder discricionário nas mãos de um chefe de Estado”.

O que assusta é que, apesar de tudo, ainda haja quem sinta saudades do AI-5.

“

**Ainda hoje, o Ato Institucional nº 5 permanece como um dos símbolos mais sombrios do autoritarismo**

Rui Leitão

## Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Opinião sobre exemplo

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### A UFPB e nossos próprios saberes

Com ampla foto no alto da 1ª página, A União da última quarta-feira não demorou mais que um fechar de olhos para me situar diante de outra foto, esta em preto e branco, publicada no mesmo jornal, há exatos 70 anos, como um sonho que a fotografia de agora recolhe em jubilosa realidade. A foto de hoje: uma plêiade de professores chamados ao palco para a aclamação de professor emérito dos que concorrem com eles, seus pares do magistério.

A 12 de dezembro de 1955, a Paraíba rompia o conformismo-ambiente e fundava a Universidade de que se sentia capacitada desde a primeira Constituinte, quando um Carneiro da Cunha, nosso representante no parlamento, entre as propostas de outras províncias que defendiam a sede da instituição fora do alvoreço do Império, propõe a capital da Paraíba, a terceira mais antiga do país, como ambiente ideal para o cultivo acadêmico. Século e meio depois, entre os argumentos do fundador da UFPB, vamos encontrar quase as mesmas palavras: “Oferece a cidade o seu ar acolhedor, mais vegetal do que urbano, para a vida do espírito. E um ambiente discreto em que o estudante se sente melhor na escola do que na rua” — é do discurso da instalação, numa manhã ensolarada de dezembro, o sobrado do Conselheiro na Duque de Caxias como o palco histórico, embora ainda sem a inscrição valiosa.

Como sou grato aos céus por esta velhice de tantos testemunhos!

Não me lembro bem quem foi, se Ulisses Barbosa, na mais generosa das entrevistas para a “Memória da cidade”, iniciativa editorial da Prefeitura coordenada por Fernando Moura; se Ana Cláudia Córdula ou Elisa Damante Ângelo para as suas teses de mestrado... Não sei quem, de supetão, me indagou: “Qual, a seu ver, o momento mais importante da Paraíba?”. Muita coisa continuava rodando no meu filme, nalgumas delas atuando como repórter: o Hospital Laureano, a BR-230 e o Anel do Brejo numa empreitada governamental inédita de infraestrutura básica; a mudança radical imposta pela Sudene na cabeça dos gestores públicos, inovando ou revolucionando a formulação dos nossos projetos de repercussão

“

**Como sou grato aos céus por esta velhice de tantos testemunhos!**

econômica e, recorrendo a um sopro de Ângela Bezerra de Castro, a transformação dos quadros e da paisagem cultural do meio a partir do ato criador da nossa Universidade, no 12 de dezembro de 1955.

Não é um testemunho de ouvir dizer ou de simples leitura: vi a banda passar, o legendário José Américo à frente, e, sem saber a que ia, filiei-me a ela. Larguei a porta da delegacia, onde passava uma chuva, e me enfiei entre José Rafael e Nominando Diniz sem atinar jamais que entrava naqueles raros ajuntamentos que terminam como quadro de Pedro Américo ou estampa histórica. O repórter-fotográfico Rafael Mororó, da intimidade com o poder, falou-me como coisa do dia a dia: “Vai ser a instalação da Universidade, criada na semana passada, tendo o sobrado velho como reitoria”. Era tanta novidade naquele fim de governo que uma a mais não fazia muita diferença.

E como faz, hoje! Com a Universidade, passamos a pensar e a viver dos nossos saberes. Por mais que me sinta estranho ao crescimento exacerbado de hoje, por mais que me anule no novo agrupamento, a mudança vem de meus filhos, dos de sua idade ou geração, frutos da Universidade que o saber preconceituoso da metrópole (leia-se Austregésilo de Ataíde, presidente da ABL) classificou, naquela hora para muitos incerta , de “caixa prego”.

Houve tempo em que se dispunha de uma linguagem para assinalar esses eventos, a linguagem épica das armas e barões.

## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$385,00 / Semestral ..... R\$192,50 / Número Atrasado ..... R\$3,30

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



ACESSO CIDADÃO

# Projeto na praia promove acessibilidade e inclusão

*Todo sábado, o Cabo Branco recebe pessoas com deficiência para momentos de lazer*

Nalim Tavares  
nalimtavaresrdo@gmail.com

Ao longo de toda manhã de sábado, no trecho de mar em frente à Fundação Casa de José Américo (FCJA), no Cabo Branco, um grupo distinto de pessoas reúne-se para promover a inclusão e fomentar o acesso ao lazer, esporte, arte e cultura na capital paraibana. São os integrantes do projeto Acesso Cidadão, que junta voluntários e pessoas com deficiência (PcD), para proporcionar banhos de mar e partidas de vôlei a um público que, de outra forma, não teria acesso ao espaço da praia, que deveria ser comunitário. Hoje, uma média de 50 a 60 pessoas participam semanalmente das atividades desenvolvidas pelo projeto que, esporadicamente, também recebe as PcD de outras cidades e estados.

Propostas em 2011, as primeiras ideias para o projeto foram concebidas por Gláucia Karina Barros, analista de sistemas e mãe atípica — termo utilizado para se referir a uma mulher que cria um filho com neurodivergência ou deficiência. Ao ser compartilhada, a ideia dela foi abraçada por outras pessoas, que se mobilizaram para fazer acontecer: entre elas, Genilson Machado — na época, membro da Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad), atual presidente da ONG AC Social — e Janete Rodriguez —gerente-executiva do museu da FCJA.

“É difícil se locomover, por exemplo, enquanto cadeirante, em uma cidade que não está adaptada para receber pessoas como você. Naquela época [2011], não havia calçada com piso tátil, nem formas de acesso às principais instituições”, diz Janete, para explicar quantas mudanças o projeto impulsionou. Ela conta que, enquanto a FCJA pensava em formas de desenvolver o Acesso Cidadão, ficou sabendo de um projeto semelhante funcionando no Rio de Janeiro — o Praia para Todos, criado em 2008, a fim de tornar a orla um local democrático e inclusivo, que as pessoas com deficiência pudessem frequentar com a autonomia e dignidade que lhe eram devidas.

“Com o apoio do presidente da fundação, que, na época, era o Flávio Sátiro, uma equipe viajou para conhecer esse projeto de perto. Também fomos até o Museu Belas Artes de São Paulo, onde programas de arte e cultura para as PcD estavam sendo desenvolvidos. Tive a oportunidade de ver como os quadros eram adaptados para os deficientes visuais, como esses dois projetos tornavam os espaços acessíveis, e voltamos cheios de ideias”, lembra Janete.

Em João Pessoa, a proposta envolvia o melhor dos dois mundos: um projeto que, pela primeira vez, uniria lazer e esporte à arte e cultura. Com o suporte do Governo do Estado e da Prefeitura do Município, cerca de R\$ 1 milhão foi investido em obras, para tor-



Foto: Arquivo pessoal

Partidas de vôlei são atividades desenvolvidas pelo projeto



Foto: Evandro Pereira

“**Temos um objetivo em comum, de levar acessibilidade ao máximo de pessoas**”

Janete Rodriguez

nar as dependências da FCJA acessíveis para todos os cidadãos. O acesso ao mar veio com a aquisição de cadeiras anfíbias — equipamentos flutuadores com rodas especiais, projetados para permitir que pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida acessem praias e piscinas — passeios de caiaques adaptados, partidas de vôlei sentado na areia e outras atividades recreativas.

Festas temáticas, como forró em período de São João, e oficinas de modelagem com argila para deficientes visuais, também foram incluídas no projeto e acontecem, ocasionalmente, dentro da fundação.

Pouco a pouco, o Acesso Cidadão foi encontrando formas de eliminar os obstáculos que impossibilitavam o acesso das PcD aos espaços públicos da capital, com o objetivo de garantir que todos os indivíduos teriam um meio para se relacionar com seu ambiente de vida. Nas palavras redigidas no texto inicial do projeto, quando ele foi proposto: “Uma sociedade inclusiva não admite preconceitos, discriminações, barreiras sociais, culturais e pessoais”.

No entanto, o projeto encontrou desafios que iam além das mudanças estruturais: para garantir uma sociedade verdadeiramente inclusiva, também é preciso passar

por uma mudança na mentalidade social — fator que, ainda hoje, dificulta o acesso das PcD a espaços que pertencem a elas por direito. Em agosto de 2019, por exemplo, um grupo de moradores da orla do Cabo Branco entrou em contato com parlamentares de João Pessoa, na tentativa de proibir o projeto de levar pessoas com deficiência à praia, sugerindo que o Acesso Cidadão não estaria “pintando um quadro bonito para a vizinhança”. A prefeitura repudiou a atitude e garantiu a continuidade do projeto, mas o alerta foi aceso para a discriminação e o preconceito.

Janete rememora a tentativa de boicote com indignação. “O que nós fazemos é o contrário de ‘enfeiar a praia’. São inúmeras as pessoas que, dizem, nunca tinham pensado em entrar no mar antes do projeto. O objetivo é melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência, seja através da prática de atividades físicas e recreativas, seja pela possibilidade de socialização”, fala. Segundo ela, o projeto ajuda a formar e fortalecer vínculos comunitários e familiares, promovendo um ambiente em que pessoas com e sem deficiência podem se divertir juntos, no mar, na areia e sob as tendas erguidas todo sábado, pela prefeitura de João Pessoa, que fornece um lanche para os participantes terem um momento de conversa e relaxamento. “Na verdade, isso é lindo”, ressaltou Janete.

Nacionalmente premiado por promover a inclusão social, o Acesso Cidadão, hoje, recebe a visita de representantes de instituições de outros estados, procurando conhecer o projeto mais de perto para replicá-lo. “Compartilhamos nossa experiência com prazer, porque temos um objetivo em comum, de levar acessibilidade ao máximo de pessoas”, disse Janete.

Para Genilson Machado, coordenador da parte de Esportes e Lazer do projeto, o Acesso Cidadão é a realização de um sonho. Apaixonado pela praia e por esportes como handebol e surfe, quando tinha 19 anos, ele sofreu um acidente durante um mergulho em uma piscina de clube, que o deixou tetraplégico. A partir daí, foram 24 anos



Foto: Arquivo pessoal

Voluntários ajudam na hora do banho de mar

para que, em 2012, Genilson pudesse voltar a se banhar no mar — um processo que exigiu muita força de vontade e a recuperação do amor-próprio.

Depois do acidente, a primeira vez que Genilson entrou no mar foi por meio do Acesso Cidadão, que hoje ele coordena. Daí vem a determinação de fazer com que o projeto se estenda e dure para sempre, objetivo pelo qual Genilson trabalha, junto à sua equipe da AC Social, a fim de proporcionar o mesmo prazer que ele obteve a outras pessoas. “É sobre transformar a praia, que é comunitária, em um espaço acessível”.

“Para mim, enquanto usuário e coordenador, o que o Acesso Cidadão promove é saúde em todas as formas: social, física e mental. Esse é só o começo de uma orla inclusiva, um local em que todos, sem exceção, vão poder desfrutar da liberdade de ir e vir”, ele comenta, destacando sobre o quão satisfatório é ver o projeto funcionar com o amparo de tantas mãos.

As reuniões do projeto começam às 8h e se estendem até o meio-dia. Embora um membro da Fundação Casa de José Américo esteja sempre presente para anotar o nome e número para contato dos novos integrantes, não é necessário fazer nenhum cadastro para participar das atividades. Segundo Janete Rodriguez, “chegou, é atendido!”. Ainda que o foco do projeto esteja nas pessoas com deficiência, a equipe que promove o Acesso Cidadão entende que acessibilidade é uma necessidade de diversos públicos, assim também recebe idosos, crianças com câncer e qualquer pessoa cuja participação plena em espaços públicos esteja sendo obstruída.

Segundo Janete, faça sol ou chuva, o coletivo está na orla, bem em frente à fundação: “Todos fazem questão. Como armamos tendas para nos proteger do sol, também as usamos em dias de chuva. Ficamos abrigados sob elas, lanchando e conversando, mas ninguém deixa de vir”. Assim, o lugar que o projeto conquistou se torna um espaço de interação, onde as pessoas podem exercer sua plena cidadania.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

## A Rainha do azul infinito

Para Renata Escarião

O amanhecer ainda era apenas uma promessa no horizonte quando o cheiro de fundo de mar e flores frescas começou a subir pela areia molhada. Era Dia de Iemanjá, e a praia, normalmente adormecida àquela hora, pulsava com uma energia solene e festiva. Não era ainda o azul profundo que viria mais tarde, mas um cinza-perolado, o manto da madrugada que a Rainha do Mar parece preferir para seus primeiros devotos.

Os primeiros a chegar eram os mais antigos. Pés calejados na areia fria, mãos sábias arrumando com cuidado meticuloso as oferendas. Cada espelho redondo refletia não um rosto, mas um pedaço de céu, uma prece silenciosa. Os perfumes se misturavam: alfazema, manjerição, rosas brancas. E as cores... ah, as cores! Não eram apenas tons, eram linguagem. O branco da paz e da pureza, o azul de todas as profundezas do oceano, o prata cintilante do luar sobre as ondas, o rosa suave do alvorecer no mar.

À medida que o sol ganhava corpo, a praia se transformava num altar a céu aberto. Mulheres com panos da costa turbantados como coroas, saias rodadas que pareciam ondas coloridas prestes a quebrar. Homens vestindo o branco imaculado, espelhos da firmeza de Oxalá. Crianças com contas de miçangas azuis e brancas, pequenas sereias terrestres observando tudo com olhos sérios.

E, então, começou o toque dos atabaques. Um chamado ancestral, grave e profundo, que parecia nascer das próprias entranhas da terra e conversar direto com o coração do mar. Dum, dundum, dum... Era o pulso da celebração. Os pés, antes quietos na areia, começaram a marcar o ritmo. Corpos se moveram, primeiro devagar, depois com uma fluência que lembrava o balanço das águas. Não era uma dança qualquer. Era oração em movimento, cada gesto um significado, cada giro um verso de um poema sagrado. Os braços ondulavam como algas, os pés desenhavam símbolos na areia que a maré logo levaria, entregando às águas.

Vi uma senhora de idade avançada, movimentos já lentos, fechar os olhos e começar a dançar. Seu rosto, marcado pelo tempo, transformou-se. Era a expressão pura de entrega, de memória, de uma conexão que atravessava o Atlântico e chegava a uma costa distante, em outra latitude. Em sua dança, carregava histórias de navios quebrados, de cultos proibidos, de sabedorias guardadas em segredo, de resistência transformada em celebração. A beleza ali não era apenas estética; era histórica, política, espiritual. Era a afirmação silenciosa e poderosa de que “ainda estamos aqui, e nossa fé é um rio que não seca”.

Os cultos de matriz africana não são folclore. São geografias vivas da alma, mapas para navegar as alegrias e os dilaceramentos da existência. Em cada oferenda a Iemanjá, há um pedido, um agradecimento, um pacto de cuidado. Cuidado com os filhos, com os caminhos, com os amores, com a própria comunidade. A religião, ali, é comunitária, é afeto organizado em ritual, é psicologia ancestral que entende que o sagrado habita o cotidiano.

Ao entardecer, quando o Sol começou a se derreter no horizonte em tons de laranja e dourado, o ritual de entrega das oferendas atingiu seu ápice. Centenas de pequenos barcos de madeira e isopor, carregados de flores, perfumes, espelhos e esperanças, foram levados pelas ondas. A multidão, em fila, cantava em uníssono: “Odó iyá! Odó iyá! Rainha do mar, mãe das cabeças, aceita nossa oferenda!”

Havia lágrimas nos olhos de muitos. Não eram só de emoção, mas de libertação. De ver sua fé, tantas vezes marginalizada, ocupar com toda dignidade e esplendor a principal praia da cidade. Era a beleza como ato de resistência. A dança como memória viva. A cor como linguagem dos orixás.

Quando a primeira estrela apareceu no céu, já cor de índigo, a última oferenda havia sido levada. A praia, pouco a pouco, esvaziava-se. Mas ficava no ar uma sensação de paz profunda, o abraço úmido e salgado de Iemanjá. As ondas continuavam seu ritmo eterno, agora carregando no colo azul-infinito as preces de um povo que, através da beleza, da dança e da cor, reconta todos os dias a sua história e reafirma: a fé que vem de longe é forte, é bonita e é livre como o mar.

Colunista colaborador



Foto: Julio Cezar Peres



## Claudianor Alves

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da UFCG

# “Quero que os jovens tentem esquecer essa história que matemática é bicho-papão”

*Professor, único pesquisador nordestino entre o 1% mais citado do mundo, concedeu entrevista ao jornal A União*

Maria Beatriz Oliveira  
Obeatriz394@gmail.com

O professor de matemática e pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Claudianor Alves, está entre o 1% de pesquisadores mais citados do mundo, de acordo com lista elaborada pela empresa Clarivate, que avaliou quase sete mil pesquisadores de mais de 1.300 instituições em 60 países. Entre os 17 cientistas brasileiros que integram o *ranking*, Claudianor é o primeiro e único representante do Nordeste. Em entrevista ao jornal **A União**, o professor compartilhou sua trajetória acadêmica e refletiu sobre o significado dessa conquista, tanto em âmbito pessoal quanto para o fortalecimento do Ensino Superior na Paraíba.

## A entrevista

■ *Qual é o sentimento de fazer parte de um grupo de cientistas tão seletos?*

Eu sou de Campina Grande, a minha vida toda e carreira foram feitas aqui. Em escolas públicas, sempre gosto de reiterar. Fiz a graduação em Matemática aqui na UFCG, na década de 90, e depois fiz mestrado e doutorado na Universidade de Brasília. Eu acredito que a importância disso, sobretudo para nós, que estamos inseridos em um estado que não é rico, uma região que tem suas dificuldades econômicas, é mostrar, mais do que nunca, que o Nordeste tem condições e competências de fazer grandes coisas, de fazer ciência. Antes de ser um feito pessoal, isso é um feito coletivo, porque ninguém faz ciência só. Eu tenho algumas centenas de artigos científicos que, a maioria deles, foram feitos em parcerias com professores daqui, da China, do Canadá, da Índia, enfim. Ou seja, receber esse destaque é apenas a ponta do *iceberg* em que, no momento, eu aparoço em evidência, mas, no fundo, eu represento. Outra coisa que acredito é que, às vezes, quando aparecemos nesses *rankings* e nesses destaques, mostramos para jovens, crianças e adolescentes que, com trabalho e dedicação, é possível chegar. É mostrar que a educação muda vidas. Eu venho de uma família que estava longe de ser miserável, mas tínhamos dificuldades econômicas. Uma mãe solo com quatro filhos era quem sustentava a barra e dizia que, só através da educação, íamos conseguir chegar em algum lugar.

■ *Qual o foco da sua produção científica?*

Eu sou matemático, e esse é outro detalhe da lista, além de ser o único professor do Nordeste, sou o único matemático dentre os brasileiros. Porque a matemática é uma ciência, por vezes, difícil de ser produzida, é um saber que requer muito pensar e não é uma coisa muito prática. Vivemos em um mundo em que queremos respostas

rápidas, então a pesquisa em matemática não é compreendida pela sociedade porque não vemos, de forma clara, seus resultados. Não reconhecemos que a matemática está no computador, por exemplo. Está no projeto de um carro, no desenvolvimento das inteligências artificiais. A matemática é como se fosse a raiz de uma grande árvore; quando olhamos, nos encantamos pelas folhas, pelos frutos e damos pouco valor à raiz, mas sem raiz a árvore não fica em pé. A matemática é a raiz da ciência. Eu estudo uma coisa chamada “equações diferenciais”. As equações diferenciais tentam resolver questões trazidas pela física, química, biologia e pelos mais diversos setores. A poluição de lagoas é um exemplo. Muitos biólogos precisam saber: se pararmos de colocar poluentes, será que é possível descontaminar uma lagoa? Essa resposta será dada por equações diferenciais. A criação de peixes, de frangos também, é uma área aonde, por trás, existem modelos matemáticos — as equações diferenciais — que dizem em quanto tempo os animais estarão prontos, qual o melhor dia e horário para pescar, qual a quantidade de alimento necessário aos animais. Então pesquisamos para tentar resolver questões que engenheiros, químicos, biólogos e físicos nos propõem. Eles recebem as informações matemáticas e as traduzem na coisa prática e concreta que a sociedade vê. Mas a matemática está lá como raiz desse desenvolvimento.

■ *Por que você é o único matemático da lista? Há uma falta de reconhecimento nessa área?*

Acredito que seja mais pela dificuldade mesmo. Em cursos como os de engenharia, por exemplo, em um laboratório terá um professor, uns 10 alunos de graduação, uns oito de mestrado e mais uns três de doutorado, e essas pessoas trabalham juntas, ou seja, o trabalho é feito de maneira muito mais rápida. Já na matemática não é assim. Eu

já tive a experiência de passar sete anos tentando resolver um problema. A grande característica do matemático é a paciência, o persistir. Alguém que quer estudar matemática e não tem paciência, não alcançará bons resultados. Muitos dizem que a pessoa que estuda matemática é muito inteligente; eu discordo. Tento quebrar esse conceito porque existem pessoas inteligentíssimas na área de ciências sociais, na literatura, na música. Para mim, a inteligência se subdivide em aptidões. Outro grande ponto é escrever artigos científicos e submetê-los em revistas internacionais. Então, como eu publico nesses grandes jornais, possa ser que isso permita que as pessoas comecem a entender que, no Brasil, no Nordeste, na Paraíba e em Campina Grande, existe uma universidade que está fazendo matemática que outros grupos do mundo reconhecem como importante e que publicam. Se você me pergunta se é fácil publicar, não é. Escrevemos o trabalho e o enviamos para o periódico. Esse jornal seleciona dois ou três outros matemáticos do mundo que vão ler o trabalho, vão ver se tem algum erro e vão dizer se deve ou não ser publicado. Às vezes isso leva dois, três anos. Enquanto uma experiência prática, laboratorial, em menos de seis meses, é feita e você sabe se dá certo ou não. A pesquisa em matemática pode ser demorada e o impacto social direto que ela tem não é visto.

■ *A pesquisa matemática é solitária?*

Pode ser. Se formos a um dos laboratórios de química aqui da UFCG, é a coisa mais linda do mundo ver tantos estudantes colocando a mão na massa. Já para a matemática, nosso laboratório é simplesmente um quadro e um giz, às vezes um computador. O estudante nos procura e ficamos por horas escrevendo e tentando traduzir naquele quadro o que passa na nossa mente. É um processo solitário porque, muitas vezes, não conseguimos traduzir em palavras ou símbolos o que pensamos. O matemático vive entre dois mundos: o real e o imaginário. É como tentar explicar para pessoas de outras nacionalidades o termo “saudades”. Saudade é uma coisa do nosso português, ninguém entende. Mas, ao mesmo tempo que a matemática é uma ciência solitária, também é uma ciência para todos: do pobre ao rico, todos podem fazer. Há cursos que sabemos que uma pessoa pobre tem dificuldade de fazer porque a questão não é só entrar na universidade; é se manter nela. Quando você decide cursar matemática,

percebe que não precisa de livros caros ou equipamentos sofisticados e que, só com o dom, você é capaz de aprender coisas belíssimas. Quero que os jovens tentem esquecer essa história que matemática é bicho-papão, porque dificuldades existem em qualquer área. A dificuldade aponta para onde devemos melhorar. Quando eu estudava algo que não entendia, aquilo não era motivo para desistir e sim para aprender. A cada desafio, precisamos fazer uma reflexão e, a partir daí, ter uma percepção de crescimento individual e não comparativo.

■ *Como melhor aproximar a matemática da sociedade?*

As equações que eu estudo ajudam na tomada de decisões. Na psicultura, por exemplo, elas modelam peixe. Se escolhe um tipo de peixe e utiliza-se as equações diferenciais, elas lhe dirão os dias ideais para lançar a rede no tanque; quando as tilápias estarão com o peso e o tamanho adequado. Na criação de frangos, da mesma forma; o que muda são somente os dados que colocamos na equação. Matemática é isso. Por isso que temos que conscientizar os professores nas escolas a saírem do modelo antigo de ensino. É inadmissível ensinar matemática sem aproximá-la do mundo real. É inaceitável ensinar as raízes da equação quadrática e não mostrar para o aluno que, numa guerra, aquele cálculo é essencial para determinar a trajetória de um míssil em função de uma parábola. O ângulo de inclinação dirá o lugar que o projétil cai. Então, se a tropa do inimigo está mais longe, a inclinação tem que ser menor; isso é a matemática que diz. Se o aluno vai estudar equação da reta e o professor explica que, quando colocamos dinheiro na poupança e todo mês o dinheiro aumenta um pouquinho, isso é modelado por uma reta. Quando estamos abastecendo o carro e quanto mais combustível colocamos, mais dinheiro pagamos, isso também está sujeito a um cálculo que é uma reta. Isso faz com que o ensino se torne mais agradável. Esse é o grande desafio que temos: fazer com que as pessoas se aproximem e percebam que a matemática está dentro do mundo real. Não se faz ensino sem motivação, e só temos motivação para aprender aquilo que é importante para a nossa vida. Há também a ideia de que quem se forma em matemática passa fome. Isso não é verdade. Hoje em dia, os alunos que terminaram o doutorado comigo aqui são todos professores universitários. A coisa é tão seletiva que as universidades abrem concursos e, por vezes, não conseguem contratar pro-

fissionais. Há também grandes empresas que estão percebendo a importância de ter matemáticas em suas equipes. Google, Amazon, Yahoo são exemplos. Porque o matemático é a pessoa que, quando um carro estiver sendo modelado, por exemplo, e os engenheiros estiverem em dúvida sobre a altura do veículo ou a sua inclinação, ele dará as respostas. No desenvolvimento de inteligência artificial, se não tiver um matemático no grupo, o projeto não anda. Grandes empresas vão atrás desses profissionais para fazer a coisa acontecer. Muitos gerentes de bancos são matemáticos porque necessitam do raciocínio lógico para a tomada de decisões, algo que nem sempre associamos. Então oportunidades existem.

■ *Como está sendo a experiência de se afastar um pouco da pesquisa e assumir a função de pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPG) da UFCG?*

Em fevereiro, o reitor me convidou para assumir o cargo e é um grande desafio. Porque antes eu pensava somente na matemática. Mas, na PRPG, tentamos ajudar as pessoas de Geografia, História, Filosofia, Comunicação Social etc, desde Campina Grande até o Alto Sertão. São 38 cursos de pós-graduação que estão sob a nossa responsabilidade. A minha função como pró-reitor é fazer com que todos os cursos cresçam. Eu sempre digo que um pesquisador sozinho é como um palito de picolé: quebra fácil. Mas, se tivermos 10, 20 palitos de picolé juntos, será bem mais difícil de quebrar. Então, para uma universidade, não é interessante ter apenas um cientista destacado. O meu sonho é que eu não seja o último, mas sim o primeiro nome dentre vários que virão. A pesquisa agora diminui um pouco, mas posso fazer outra coisa que o matemático tem, que é a grande capacidade de ajudar na tomada de decisões. Somos treinados para usar o raciocínio lógico e o utilizamos muito na tomada de decisão, ajudando o reitor a escolher qual é a melhor opção. Dessa forma, como tudo na vida tem um preço, estou abrindo mão de pensar um pouco mais em mim para pensar no coletivo da UFCG. Há quase 35 anos, estou nessa universidade. Entrei aqui como estudante, aos 18, então a minha história aqui dentro é de amor e de carinho. Esse amor agora eu tento traduzir em minha nova função. Quero fazer com que as pessoas amem a UFCG e, se conseguirem amar metade do que eu amo, acredito que podem realizar muito por essa universidade.



MUSCULAÇÃO

# Academias da capital lotam no verão

Em busca do “corpo dos sonhos”, praticantes relatam ganhos de autoestima e qualidade de vida com as atividades

Íris Machado  
irmsmehdo@gmail.com

Promessas de ano novo, espírito de renovação e vontade de compensar os excessos: a dois meses do verão, os motivos para correr em busca do “corpo dos sonhos” já movimentam as academias em João Pessoa. Segundo especialistas, essa tendência começa em dezembro e estende-se até o período do Carnaval.

Para a educadora física Marly Lima, isso acontece como forma de tranquilizar a consciência quanto aos hábitos e ficar em paz consigo mesmo. “É uma característica da maioria das pessoas buscar resultados em um curto espaço de tempo, querendo estar com o ‘corpo em forma’, uma espécie de projeto verão”.

Mas obter um resultado rápido, em um curto espaço de tempo, depende da dedicação de cada um. O ideal, de acordo com os profissionais da área, é procurar um médico para realizar exames de rotina em vez de iniciar a prática de exercícios por conta própria. Após essa avaliação, deve-se consultar um profissional de Educação Física, com o intuito de ajustar a rotina às necessidades, progressão e metas individuais.

“Nos treinos, comece com uma intensidade menor e evolua gradualmente. Não se force a ponto de exagerar, para evitar lesões e garantir



Fotos: Leonardo Ariel

Exercícios seguros começam com exames, orientação profissional e evolução gradual; dietas extremas e uso indevido de medicamentos não são recomendados

uma base sólida. É preciso ser muito disciplinado com alimentação, sono, hidratação e rotinas de treinos adequadas para que o objetivo seja atingido. As pessoas devem entender, no entanto, que a dinâmica do desenvolvimento não é regra, ela depende, também, do metabolismo

de cada um. Lembre que o resultado perfeito só é alcançado com uma rotina de longo prazo e exige uma mudança mais profunda no estilo de vida”, reforça.

A contagem regressiva para a conquista do corpo perfeito revela ainda uma preocupação ocasionada

pela pressão estética. A busca por padrões irreais de beleza, intensificada pelo uso de redes sociais, pode desencadear problemas de saúde mental e física. “Ansiedade, depressão e transtornos alimentares estão entre as doenças mais comuns”, explica a profissional.

“Hoje, o que está em alta, infelizmente, é o uso de medicamentos para emagrecimento rápido em pessoas que não tem indicação e anabolizantes, que podem acarretar danos ao usuário e levar até a morte”, alerta.

Marly Lima ainda frisa que é fundamental traba-

lhar a autoaceitação e valorizar o corpo em todas as formas, assim como buscar uma visão mais realista e saudável. “Mesmo assim, se isso estiver afetando sua saúde mental ou física, procure a ajuda de profissionais como psicólogos, nutricionistas e médicos”.

## Meta é manter a consistência nos treinos e superar os objetivos

Dados de 2025 do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) colocam o Brasil como o segundo país no mundo em número de academias e frequência de clientes, um mercado capaz de movimentar R\$ 8 bilhões por ano. Mais de 64 mil empresas do ramo *fitness* foram registradas em 2024, com 21% da população adepta aos estabelecimentos.

Em agosto deste ano, a assistente administrativa Letícia Victor, de 25 anos, passou a integrar esse índice. Ao obter valores acima do recomendado em exames de rotina, ela foi orientada a adotar comportamentos mais saudáveis para conseguir nivelar as taxas de colesterol e glicose: começar a prática de atividade física e alimentar-se melhor.

Acompanhada pela educadora física Laryssa Borba, Letícia conseguiu manter a constância nos treinos e superar o objetivo inicial de apenas perder gordura proposto pelo médico. Os dígitos da balança caíram de 70 kg para 64 kg. Agora, além disso, a meta é ganhar massa muscular. “Estou conseguindo colocar o meu IMC no meu tamanho, sair do sobrepeso. Nesses dois meses, com Laryssa, já perdi 6 kg”.

A especialista aconselha quem quer desenvolver um plano de treinos para o verão a conhecer os profissionais da



Mudança de hábitos e orientação levou Letícia a perder 6 kg

### Números

No Brasil, em 2024, foram abertas mais de 64 mil empresas do ramo, índice que contribui para colocar o país como segundo colocado no ranking mundial

academia que deseja frequentar e acompanhar as maneiras corretas de execução dos

exercícios. Isso contribui para reduzir lesões e o risco de se desmotivar com expectativas equivocadas. Também é essencial evitar comparações com o desempenho de outras pessoas.

“Tem gente que treina um mês ou dois e consegue ver uma diferença. Mas tem gente que não. Vai de pessoa para pessoa. A academia não vai fazer milagre, mas a gente tenta intensificar o treino, dependendo do perfil do aluno, lembrando da alimentação e deixando o mais próximo possível do objetivo dele”, esclarece.

Após os primeiros meses de experiência, Letícia con-

fessa que é difícil ter ânimo para ir à academia e seguir a dieta todos os dias. Mas o esforço vale a pena. “A autoestima cresce, a disposição aumenta, o sono é melhor. Com os resultados vindo, você consegue ter mais foco. Você tem que pensar sempre em querer ser melhor, mais ativa e imaginar como vai estar na velhice. Tem que pensar a longo prazo”.

E como ela se vê no verão de 2026? “Com 5 kg a menos”, brinca.

#### Benefícios para saúde

Além da dimensão estética, vinculada a um padrão corporal que define o belo na sociedade contemporânea, o exercício da musculação, de acordo com especialistas das áreas de Educação Física e médica, traz vantagens para a saúde de quem o pratica.

- 1. Melhora a postura
- Muitas pessoas optam pela academia para praticar musculação, que ajuda no fortalecimento da musculatura que sustenta toda a base da coluna, diminuindo as dores no corpo e melhorando a sua postura.
- 2. Prevenção contra doenças
- A prática de atividades físicas contribui para acelerar o metabolismo, contribuindo com o aumento do gasto calórico e para a prevenção de inúmeras doenças cau-



A academia não vai fazer milagre, mas a gente tenta intensificar o treino, dependendo do perfil do aluno

Laryssa Borba

sadas pelo sobrepeso, por exemplo, aterosclerose e obesidade, e também, a redução do risco de diabetes.

- 3. Combate a problemas emocionais

Como todas as atividades físicas, a musculação libera a endorfina, conhecido como hormônio da felicidade, responsável pela sensação de bem-estar, permitindo a redução dos sintomas relacionados à depressão e ansiedade.

- 4. Aumento da densi-

dade óssea

A prática da musculação faz com que os ossos fiquem mais resistentes, reduzindo significativamente as chances de fraturas ou o desenvolvimento de doenças como osteoporose.

- 5. Melhora do condicionamento cardiorrespiratório

Quanto mais intenso forem os exercícios físicos, mais você trabalha o coração, proporcionando um melhor condicionamento respiratório e cardíaco.

### Saiba Mais

- Avalie o custo-benefício e se a mensalidade encaixa na sua realidade financeira;
- Opte por estabelecimentos próximos a sua residência ou trabalho para facilitar o encaixe na rotina;
- Observe a infraestrutura do local e se ele conta com um ambiente acolhedor e seguro, além de profissionais qualificados para orientá-lo nos treinos, ajudá-lo a alcançar bons resultados e prevenir possíveis lesões;
- Pergunte se o estabelecimento passa por fiscalizações periódicas e se possui um bom sistema de acompanhamento;
- Verifique as opções de treinos disponíveis, como musculação, aulas de ginástica, funcional e outras modalidades que o motivem a treinar.



SURTO DE ZIKA

Mães enfrentam desafios cotidianos

Uma década depois da epidemia, famílias convivem com os impactos permanentes oriundos da microcefalia

Maria Beatriz Oliveira  
obeatriz394@gmail.com

Há 10 anos, o Brasil virava notícia no mundo todo por ser um dos principais centros da epidemia do zika vírus. O arbovírus, transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti* — o mesmo que causa a dengue e a *chikungunya* —, provoca uma infecção normalmente leve, mas que, em gestantes infectadas, pode levar à síndrome congênita do zika (SCZ), cujo resultado pode ser microcefalia e outras anomalias neurológicas, oculares e motoras. Além disso, o vírus danifica o desenvolvimento do cérebro fetal, o que explica a característica da cabeça menor nas crianças afetadas.

De 2015 a 2017, o Brasil registrou quase cinco mil casos de nascidos vivos com a má-formação em decorrência do zika vírus. A Paraíba foi o segundo estado com o maior número de casos, ficando atrás apenas de Pernambuco.

Em 2025, 10 anos após o surto, as mães paraibanas ainda enfrentam a luta diária para garantir o mínimo de qualidade de vida aos filhos com microcefalia. No Instituto Professor Joaquim Amorim Neto de Desenvolvimento, Fomento e Assistência à Pesquisa Científica e Extensão (Ipesq), em Campina Grande, elas se encontram — vindas de diferentes regiões do estado — para buscar apoio e renovar a es-

perança.

Michele Bezerra é mãe das gêmeas Maria Alice e Maria Cecília, de 10 anos, frutos da sua primeira gravidez. Ela conta que só soube da má-formação congênita nas filhas no momento do parto. “Fiz vários exames e não foi detectado nada. somente percebi que havia algo diferente quando elas nasceram. O médico veio e explicou que elas tinham microcefalia e, na época, eu sequer sabia o que era. O que mais me marcou foi ele dizer que a expectativa de vida delas não passaria dos 10 anos”, conta.

Michele narra que, mesmo com o prognóstico desfavorável, manteve a esperança. “Eu tenho um sobrinho com paralisia infantil e ele evoluiu muito bem. Mesmo os médicos me dizendo que elas não fariam e nem andariam, eu continuei acreditando e, quando elas estavam com um ano de idade, já faziam os tratamentos semanais aqui no Ipesq. Mas, quando elas completaram três anos e nada mudou, foi aí que caiu a ficha e eu entrei em depressão”, relata.

Depois das gêmeas, Michele teve mais três filhas. Elas deram novo fôlego para a mãe continuar lutando pela qualidade de vida de Alice e Cecília. “As irmãs são apaixonadas por elas e minha mãe também nos ajuda. Venho de Sumé, toda quarta-feira, para que elas possam continuar fazendo o acompanhamento. Aqui no



Michele Bezerra só descobriu que suas gêmeas Maria Alice e Maria Cecília tinham a má-formação congênita após elas nascerem, mesmo caso de Maria dos Remédios com Maria Clara

Ipesq elas têm acesso a fisio-terapeuta, fonoaudiólogo, ortopedista, nutricionista, dentista, otorrino, então é muito importante”.

Apesar de as gêmeas terem ultrapassado a expectativa de vida dada pelo médico, Michele admite que vive uma espécie de luto antecipado. “De fato, estamos vendo várias crianças com microcefalia, que nasceram em meados de 2015, falecerem, e sofremos todas juntas quando recebemos a notícia. Vivemos com medo de que os

nossos filhos sejam os próximos”, desabafou.

Maria dos Remédios Clemente também só soube que sua filha, Maria Clara, tinha microcefalia no momento do parto. Era sua terceira gravidez e, durante uma ultrassonografia de rotina, uma profissional de enfermagem chegou a desconfiar da condição, mas não tinha segurança suficiente para confirmar. “A enfermeira que fez o exame me disse que havia uma discrepância entre o tamanho do fêmur e o do crânio.

Falei com meu médico, e ele disse que estava tudo normal. Minha desconfiança aumentou ainda mais quando vi a entrevista da dra. Adriana no Fantástico sobre a relação do zika com a microcefalia, mas só tive a confirmação quando ela nasceu”, relata a mãe.

Natural de Sousa, no Sertão paraibano, Remé-

dios apresentou os sintomas da zika aos seis meses de gravidez, mas acreditou tratar-se de uma virose. Hoje, com o apoio recebido no Ipesq, ela percebe uma melhora na qualidade de vida da filha. “Ela evoluiu muito, consegue segurar melhor a cabeça e o tronco e, na medida do possível, está bem”.

Projeto Amor sem Dimensões, no Ipesq, acolhe e assiste as crianças

O Ipesq foi o espaço que abraçou o projeto Amor sem Dimensões, criado pela médica Adriana Melo, em 2018. A especialista em Medicina Fetal foi a primeira pesquisadora a identificar a relação entre as gestantes que haviam sido infectadas com o zika vírus e o nascimento de crianças com microcefalia.

Passados 10 anos desde a epidemia, a médica lamenta que ainda não exista uma vacina contra o vírus. “Se ainda estivéssemos tendo muitos casos de zika, estaríamos em uma situação muito grave. Há estudos para criar uma vacina, mas o processo é muito lento. Se formos comparar com o que aconteceu com o Covid-19, vamos ver o quão rápido foi. O que facilitou o processo é que o Covid não era um vírus totalmente desconhecido, era uma mutação de um agente

que já tinha atingido a Ásia e o Oriente Médio em anos anteriores, então já existia vacinas em estágios iniciais sendo desenvolvidas, principalmente na China. Mas, para o vírus da zika, faltou investimentos. Percebemos que, quando a doença atinge países mais pobres e populações de baixa renda, sem muitos efeitos na economia global, o investimento em pesquisa é mínimo. Isso faz com que os avanços sejam lentos”, declarou Adriana.

Sem a perspectiva de uma vacina, o receio que mais gestantes sejam infectadas permanece o mesmo, assim como as orientações que eram passadas para as grávidas uma década atrás. “O zika não deixou de circular. Para se ter uma ideia, temos crianças com menos de um ano com microcefalia em nosso centro, em Belo Horizonte. O vírus ainda é um risco, e

o conselho às gestantes nunca mudou: o uso de repelente continua sendo nossa melhor opção. Achar que ele acabou é um engano, e a nossa única proteção é a individual, usando repelente diariamente, sobretudo nos quatro primeiros meses da gestação”, recomenda a especialista.

Para as famílias que já foram afetadas com a microcefalia, Adriana cobra uma maior assistência por parte do Sistema Único de Saúde (SUS). “O sistema de saúde pública não oferece as terapias que essas crianças precisam. Temos que repensar como é feita a assistência à criança com deficiência porque, quando a criança nasce com uma deficiência, ela precisa iniciar a terapia precocemente para habilitar suas funções. Ainda não vemos isso acontecendo pelo SUS”, pontuou.

Boletim da SES registra queda expressiva nos casos do arbovírus

A Secretaria de Estado da Saúde (SES) da Paraíba divulgou, no dia 3 de dezembro, um Boletim Epidemiológico das Arboviroses referente ao período de 1º de janeiro a 2 de dezembro de 2025, com destaque para a expressiva queda nos casos de zika no estado. Segundo o documento, foram registrados 22 casos prováveis da doença — uma redução de 76,09% em relação ao mesmo período de 2024, o maior recuo entre as três principais arboviroses urbanas monitoradas.

Apesar da baixa incidência, a SES reforça que o vírus da zika continua circulando e exige atenção, especialmente por seus potenciais impactos na saúde materno-infantil. A diminuição significativa é atribuída ao fortalecimento das ações de vigilância e controle vetorial desenvolvidas ao longo do ano.

No total, a Paraíba contabilizou 8.570 casos prováveis de arboviroses em 2025, sendo 7.339 de dengue, 558 de *chikungunya* e 651 confirmações de febre do oropouche. As quedas também foram expressivas em dengue (47,65%) e *chikungunya* (67,02%), mas a zika registrou o recuo mais acentuado.

Mesmo com a redu-

ção geral, o estado confirmou nove mortes por dengue — cinco em João Pessoa, uma em Campina Grande, uma em Solânea, uma em Tavares e uma em São Domingos do Cariri — e dois óbitos por *chikungunya*, em Campina Grande e Prata.

A técnica responsável pela vigilância das arboviroses na SES, Carla Jaciara, destaca que o cenário é positivo, mas não permite relaxamento. “Os dados divulgados mostram uma melhora importante em relação ao ano passado, mas os vírus continuam em circulação. Precisamos manter a vigilância, fortalecer a notificação oportuna e intensificar as ações de controle vetorial. E isso só é possível quando Estado, municípios e população atuam juntos”, afirmou.

Carla reforça que a eliminação de criadouros segue como a medida mais efetiva para prevenir todas as arboviroses, inclusive a zika. “Mais de 70% dos focos do *Aedes aegypti* estão nos domicílios. Por isso, é essencial que cada família reserve um momento da semana para verificar vasos, caixas d’água, reservatórios, calhas, garrafas e qualquer objeto que possa acumular água. Essas pequenas

ações evitam adoecimentos e salvam vidas”, explicou. Ela alerta ainda para a importância de procurar atendimento médico ao surgimento dos primeiros sintomas e evitar automedicação.

A SES reforça que o reconhecimento precoce dos sinais e a adoção de medidas preventivas são essenciais para evitar agravamentos e manter controlada a circulação viral — especialmente no caso da zika, que pode causar complicações graves durante a gestação.

“

Os dados divulgados mostram uma melhora importante em relação ao ano passado, mas os vírus continuam em circulação

Carla Jaciara



No espaço, são realizadas diversas atividades para o desenvolvimento dos pacientes



CONSELHO TUTELAR

Órgão garante amparo a menores

Considerados essenciais na defesa de crianças e adolescentes, entidades zelam pelo cumprimento do que define o ECA

Emerson da Cunha  
emersonesousa@gmail.com

Na semana do dia 31 de novembro, repercutiram, nas redes sociais e em veículos jornalísticos locais, nacionais e internacionais, vídeos sobre a tragédia de Gerson de Melo Machado, de 19 anos, morto naquela data. Ele invadiu o recinto da leoa Leona, mantida no Parque Zoobotânico Arruda Câmara — a Bica —, em João Pessoa, e foi atacado letalmente pelo animal. Naquele período, uma das vozes que mais reverberaram sobre as vulnerabilidades do jovem, que sofria de esquizofrenia, foi a da conselheira tutelar do bairro de Mangabeira, Verônica Oliveira.

Tendo prestado assistência a Gerson dos 10 aos 18 anos, ela soma 10 anos de experiência no Conselho Tutelar de João Pessoa e mais de 40 dedicados à militância pelos direitos de crianças e adolescentes. Em mensagens publicadas e replicadas na internet, Verônica lamentou a morte de Gerson e apontou omissões estatais que teriam levado o jovem ao desfecho trágico.

“Nós lutamos muito, tentando garantir os direitos de Gerson. Era para ele estar em tratamento”, relatou



Os Conselhos requisitam serviços de Saúde, Educação e Assistência Social, além de recorrer à Justiça

Depoimentos da conselheira que atendia o jovem morto na Bica chamaram atenção para a importância do trabalho assistencial

a conselheira tutelar, em um dos vídeos publicados após o falecimento do rapaz. Os depoimentos de Verônica e sua repercussão trouxeram à tona o impacto do trabalho desenvolvido pelos Conselhos Tutelares nas ci-

dades. Instituídos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), esses órgãos públicos municipais atuam de forma permanente, autônoma e não jurisdicional (ou seja, sem vínculos com o Poder Judiciário), encarregados

de zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Os Conselhos Tutelares foram instituídos pelo ECA e são órgãos permanentes e autônomos, não jurisdicionais (ou seja, não vinculados

ao Poder Judiciário), encarregados de zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes. Entre as atribuições dos Conselhos Tutelares, estão medidas para proteger os menores, em caso de ameaça ou

violação de direitos — por parte da sociedade, do Estado, de pais ou responsáveis ou devido à sua própria conduta; atender e aconselhar seus pais ou responsáveis; requisitar serviços públicos de áreas como Saúde, Educação e Assistência Social; e recorrer ao Ministério Público e ao Poder Judiciário, entre outros órgãos.

A atuação do Conselho Tutelar também acontece a partir de denúncias, que podem tanto ser feitas por meio dos respectivos telefones ou e-mails de cada unidade quanto encaminhadas por meio do Disque 100 ou do Disque 155 — canais de atendimento federal e estadual, respectivamente, voltados ao registro de violações de direitos humanos.

Equipes encaminham casos de violência

Cada município deve ter pelo menos um Conselho Tutelar. Em João Pessoa, há sete, divididos por regiões: Valentina, Cristo Redentor, Mangabeira, Norte (sediada no Bairro dos Estados), Praia (com sede em Manáira), Sudeste (com sede no bairro João Paulo II) e Sul (com base no Centro). No primeiro semestre deste ano, essas unidades realizaram, ao todo, mais de dois mil atendimentos na capital, de acordo com informações divulgadas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de João Pessoa (Sedes-JP).

“Agimos quando os direitos que estão garantidos no ECA são violados”, explica a conselheira tutelar da Região Praia, Patrícia Galvão. “Por exemplo, se uma criança está sem atendimento de saúde, sem acesso a alguma medicação que o Estado tem de dar, a gente faz a requisição, por forma documental, determinando um prazo para resolverem a questão. Se a criança está em situação de vulnerabilidade, a gente requisita os auxílios, benefícios, o suporte do Cras [Centro de Referência de Assistência Social] na área familiar”, lista a conselheira.

“Temos o papel de fazer uma interlocução”, enfatiza Verônica Oliveira. “Se a mãe foi à escola e não tinha vaga [para seu filho], se foi negado o direito à educação, ela recorre ao Conselho Tutelar e nós requisitamos o serviço. Se esse serviço não é atendido a partir da nossa requisição, nós representamos judicialmente, junto ao Ministério Público, para

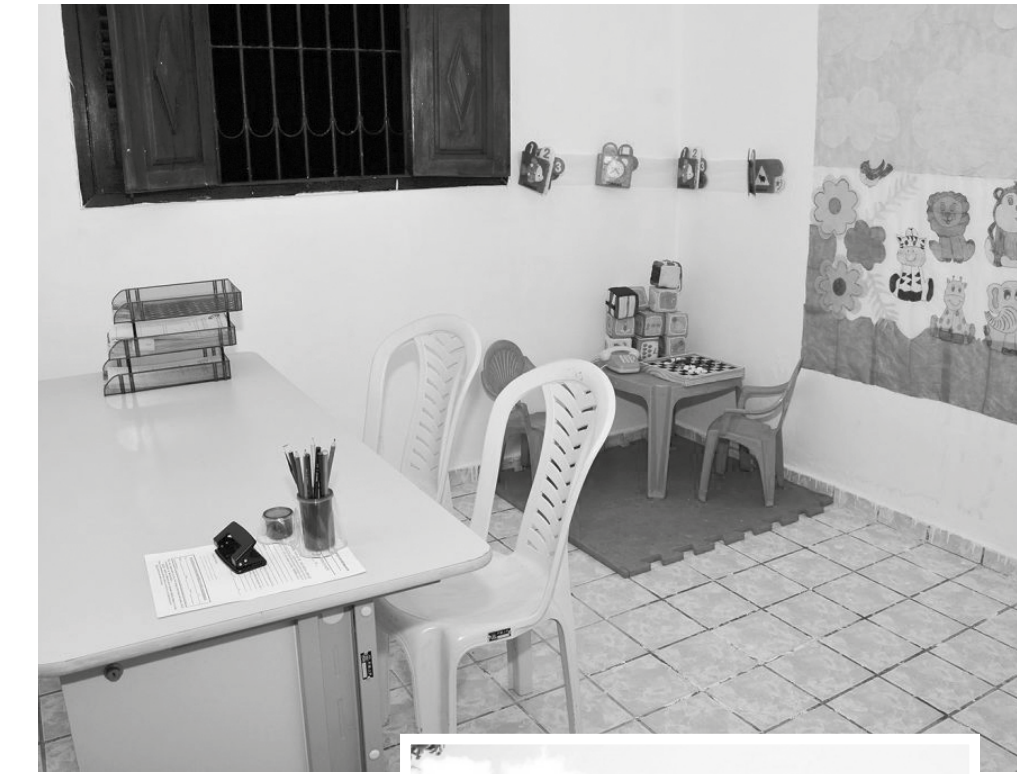


Foto: Gilberto Firmino/Secom-JP

Representante de associação avalia que falta informação, por parte da sociedade e até de outros órgãos, sobre a atuação dos conselheiros

que o direito seja garantido”, continua.

“Em caso de violência física, se alguém liga e denuncia, vamos à casa da família ou a notificamos para que ela venha até o Conselho Tutelar. Se não for algo tão grave, aplicamos uma advertência por escrito e damos orientações. Caso a agressão machuque, encaminhamos o caso para a delegacia”,



Foto: Kleide Teixeira/Secom-JP

Capital dispõe de sete unidades em seu território

acrescenta Patrícia.

Para o presidente da Associação de Conselheiros e Ex-Conselheiros Tutelares da Paraíba (Acontepab), Carlos Ribeiro, falta informação sobre como esses órgãos e seus integrantes trabalham, tanto por parte da sociedade como até de outros entes públicos.

“É preciso que a sociedade desperte para esse tipo de problema e entenda-se como responsável pelo que aconte-

ce com as crianças e os adolescentes do país. É preciso que o ECA e que a função do Conselho Tutelar sejam vistos com outro patamar. Uma sociedade que não conhece e que não respeita um órgão de defesa de proteção integral é uma sociedade que não tem humanidade, porque o Conselho Tutelar é um órgão de defesa de direitos humanos. E, sem isso, a gente não vai para a frente”, defende Carlos.

Defensoria Pública fornece apoio jurídico gratuito

Um dos órgãos parceiros no trabalho desempenhado pelos Conselhos Tutelares é a Defensoria Pública do estado (DPE-PB), que atua na oferta gratuita de assistência jurídica para a população mais socialmente vulnerável, incluindo crianças e adolescentes vítimas de violações de direitos. Nos contextos que englobam esse público, geralmente, a instituição intervm sobre questões referentes a ações judiciais de guarda e medidas protetivas, além de oferecer escuta especializada. É o caso, por exemplo, de uma criança que vive com parentes, como avós ou tios, que não têm sua guarda legal. Ao constatar a situação, o Conselho Tutelar comunica o fato à DPE-PB ou pede que a família dirija-se ao órgão, para que, então, seja proposta uma ação de guarda que busque regularizar a condição da criança. Com a guarda legal, o responsável conseguirá solucionar questões jurídicas, envolvendo desde a inscrição em programas assistenciais até a matrícula escolar.

“Se o Conselho Tutelar identifica que uma criança ou um adolescente está sendo ví-

tima de violência, abuso ou qualquer tipo de violação de direitos, encaminha essa vítima para a Defensoria Pública, para que tomemos providências jurídicas, como medidas protetivas de afastamento do lar, alteração de guarda, regulamentação do direito de convivência com visita assistida ou, ainda, o impedimento da visita de quem violou seus direitos”, salienta o defensor público João Rodrigues Jr.

Além dessas atividades, caso o Conselho Tutelar suspeite ou identifique uma situação de violência sexual contra criança ou adolescente, é com a DPE-PB que esse jovem poderá ter acesso à escuta especializada — um serviço promovido por psicólogos e psicólogas especializados e preparados para lidar com situações desse tipo, para que a vítima atendida sinta-se acolhida e possa denunciar possíveis situações de agressão. Esse tipo de escuta é realizado uma só vez, para evitar a revitimização de quem faz o relato. “A partir daí, a Defensoria Pública pode tomar alguma ação de proteção ou medidas jurídicas que sejam cabíveis”, conclui o defensor público.



Foto: Divulgação/DPE-PB

A DPE-PB também oferta escuta especializada com psicólogos



RAÍZES DO BREJO

# Aniversário marca o desfecho da rota

*Pilõezinhos, última cidade a sediar o festival neste ano, celebrará 62 anos de emancipação em meio à programação*

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

O município de Pilõezinhos, localizado a aproximadamente 100 km da capital paraibana e a cerca de 5 km do Centro de Guarabira, sediará a Rota Cultural Raízes do Brejo, no período de 26 a 28 de dezembro, finalizando a programação deste ano do circuito itinerante. Conhecida por seus engenhos e atrativos em turismo de aventura, a cidade prepara-se para receber um grande público na etapa local do festival.

De acordo com o prefeito Marcelo Matias, Pilõezinhos está pronta para ofertar aos visitantes o que o município tem de melhor. A programação especial vai explorar a cultura local, de modo que os turistas consigam realmente vivenciar as diferentes atrações do lugar. A gastronomia também terá seu espaço reservado na agenda festiva. “Nós nos destacamos com as belezas rurais — que proporcionam trilhas com vários níveis de dificuldade e a prática de rapel nas Pedras do Juá e Paraíso — restaurantes rurais — que trazem como carro-chefe a galinha de capoeira — e dois engenhos produtores de cachaça”, apontou.

O gestor ainda ressaltou que a rota cultural contará com atividades esportivas, como o trei-

■  
Para preparar a agenda especial de atividades, a Prefeitura mobilizou secretarias e parte da população

no para a primeira Corrida de São Sebastião da cidade, na manhã do sábado (27), e a sexta edição do Pedal Raiz, na manhã do domingo (28).

Além disso, para comemorar o aniversário de 62 anos do município, celebrado na mesma data, a noite do dia 27 será animada por um show do cantor e sanfoneiro paraibano Amazan. Outro destaque do evento deste ano será a realização do 1º Festival de Repente com Cachaça, que ocorrerá no dia 28, no Engenho Mariano, fabricante da Cachaça Mariana.

Desenvolvimento local

A Prefeitura de Pilõezinhos preparou-se para receber os visitantes mediante um trabalho conjunto com as secretarias de Cultura e Turismo, Saúde, Educação e Ação Social, incluindo a participação de estudantes



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Pilõezinhos

Entre seus principais atrativos, o município apresenta belezas naturais onde são realizadas trilhas ecológicas e práticas de rapel e tirolesa, como a Pedra do Juá

e jovens que integram o Centro de Referência em Atenção à Saúde (Cras) da cidade.

Segundo o secretário de Cultura e Turismo de Pilõezinhos, Josinaldo da Silva, estar entre os 10 municípios participantes

do Raízes do Brejo é um privilégio. “A importância de integrar o Raízes do Brejo é uma oportunidade de apresentar o que o município tem de melhor e contribuir para o desenvolvimento local e regional”, observou.



## Visita a engenho e feira de agricultura são alguns destaques

A agenda da rota cultural em Pilõezinhos tem início na tarde de sexta-feira (26), às 13h, com o Fest Idoso, que acontecerá na Praça São Sebastião. A festividade consiste em um encontro de grupos de idosos oriundos de várias cidades, com cada um deles exibindo características de sua cultura local para o público visitante, em uma grande confraternização. Logo em seguida, será aberta a Feira do Agricultor, exibindo e comercializando produtos da agricultura familiar da região. A abertura oficial

do Raízes do Brejo no município está prevista para a noite, a partir das 19h. Na ocasião, haverá a *performance* de artistas da terra.

No sábado (27), a manhã começa com atividade física: às 5h, tem início o treino para a Corrida de São Sebastião — evento esportivo programado para o dia 11 de janeiro de 2026.

Posteriormente, será realizado o hasteamento da bandeira, em comemoração ao 62º aniversário da cidade, seguido de um café da manhã oferecido aos visitantes. Para continuar a

agenda de atividades em ritmo de aventura, os turistas poderão participar do rapel na Pedra do Juá, acompanhados por instrutor e embalados por música ao vivo. À tarde, será a vez de o público conferir a final do campeonato municipal de futebol de 2025. E, para animar a noite de aniversário de Pilõezinhos, o cantor Gui Vaqueiro subirá ao palco de atrações musicais, que continuarão com o show do veterano Amazan.

Ademais, o domingo (28), último dia do circuito itinerante,

será marcado pelo Pedal Raiz, conhecido evento ciclístico da cidade, e pela edição de estreia do Festival de Repente com Cachaça, no Engenho Mariano.

Reta final

Encerrando sua sétima edição em 2025, a Rota Cultural Raízes do Brejo é uma iniciativa idealizada pelo Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB-PB), que conta com o envolvimento do Governo do Estado e de 10 prefeituras da região, além de ins-

tituições parceiras.

A programação do festival é elaborada pelas próprias gestões municipais, com o intuito de oferecer uma ampla gama de atrações para celebrar as riquezas culturais e naturais de cada uma dessas localidades, incluindo apresentações musicais, espetáculos cênicos, experiências gastronômicas e atividades de ecoturismo.

Lançado no dia 16 de outubro, no município de Lagoa de Dentre, o evento deste ano já passou pelas localidades de

Alagoinha, Serra da Raiz, Dona Inês, Juarez Távora, Guarabira, Pírpirtuba e Belém. Antes de chegar a Pilõezinhos, última parada da itinerância, a rota cultural ainda chegará a Duas Estradas, onde acontecerá da próxima sexta-feira (19) ao domingo (21).

Assim, o Raízes do Brejo de 2025 aproxima-se de sua reta final, tendo propiciado dias de festa, arte, cultura e diálogo entre cidades vizinhas, promovendo o turismo e as tradições do Brejo do estado.

## Atrações incluem construções históricas e evento religioso

Um dos pontos turísticos que integram a agenda da rota cultural em Pilõezinhos é a Pedra do Juá, grande atração da cidade para adeptos do turismo de aventura. Localizada na Serra do Espinho, a formação rochosa, cercada por uma vegetação abundante, possui paredões de até 200 m de altura, que possibilitam a prática de rapel e de tirolesa. O local também atrai apreciadores do turismo religioso, já que conta com um cruzei-

ro e uma capela. Além disso, é um ótimo lugar para apreciar o pôr do sol na região.

Outros pontos que valem a visita para quem vai ao município são o Engenho Boa Esperança, produtor da cachaça Senhora de Engenho, e o casarão antigo que fica no Sítio Lameiro.

O potencial turístico de Pilõezinhos é representado, ainda, por algumas festividades tradicionais do calendário local. Comemorada em janeiro, a Festa

de São Sebastião, padroeiro da cidade, é um dos eventos mais aguardados da região, reunindo não só moradores, mas também muitos visitantes, que buscam tanto momentos de oração e fé como o lazer proporcionado pela vasta programação musical. O ápice da festa acontece ao fim das novenas celebradas diariamente, na Igreja Matriz do município, quando devotos do santo homenageado, posicionados em frente ao templo cató-

lico, acionam girândolas de fogos ornamentais que iluminam o céu de Pilõezinhos.

A Festa de São João é outra data importante na agenda cultural local, especialmente na Zona Rural, onde a tradição junina é marcada por eventos de muito forró e comidas típicas, como pamonha, pé de moleque, canjica, milho e arroz-doce.

Passado

O município situa-se na Região Metropolitana de Guarabira, com uma população estimada de 5.329 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O nome “Pilõezinhos” foi inspirado nas formações rochosas encontradas no território, cujo formato de pilões — instrumentos muito utilizados nas cozinhas antigas para o esmagamento de grãos de café, milho e outros cereais — fez com que o lugar, conhecido até então como Santa Cruz, recebesse essa denominação.

O povoado surgiu a partir da construção de uma capela simples, em torno de 1856, local em que colonizadores holandeses levantaram um cruzeiro de madeira. O lugar virou, então, ponto de encontro de orações para aqueles que moravam pela região.

Em 5 de dezembro de 1951, o pequeno vilarejo foi elevado à condição de distrito de Guarabira, permanecendo assim até 27 de dezembro de 1963, quando a Lei nº 3.128 o desmembrou politicamente daquela cidade, instituindo-o como um município independente.



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Pilõezinhos

Além do Engenho Mariano, há o Engenho Boa Esperança, ambos produtores de cachaça



A queima de fogos é o ápice da Festa de São Sebastião



## MÚSICA

Celebrando  
no palco

*Liss Albuquerque comemora seus 45 anos de carreira com um show com vários convidados especiais, neste domingo, no Bessa Grill*

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

Liss Albuquerque não se recorda da data exata, mas sabe que em algum momento do ano de 1980 decidiu deixar para trás os empregos, que definia como “burocráticos”, e partir para a realização de seu maior sonho: trabalhar com arte, atividade árdua, mas prazerosa, que mantém há mais de quatro décadas. Para celebrar o ofício de cantar e de compor, o paraibano apresenta, hoje, a partir das 16h, *Liss 45 – O Show da Vida*, evento no Bessa Grill, situado em João Pessoa. Participam desta festa Capilé, Renata Arruda, Sandra Belé e Jurandy do Sax. O número de abertura fica a cargo de Os Eloquentes. Os ingressos custam de R\$ 30 (individual) a R\$ 120 (mesa para quatro pessoas) e podem ser adquiridos por meio do *site* Sympla.

Comentando a escolha dos convidados, Liss afirma que com todos eles manteve proximidade para além dos palcos. Ele conheceu Capilé na Paraíba, na época em que ambos apresentavam-se em barzinhos. Dividiu com ele uma temporada no Rio de Janeiro e montaram, juntos, um *show* emblemático, que garantiu, em determinado evento, um público célebre. “Na platéia, estavam vários astros como Lenine, Lula Queiroga, Tadeu Mathias, Terezinha de Jesus... ou seja, um *show* de artistas para artistas, todos na mesma intenção de fazer carreira na música. No começo, éramos ele em Campina Grande e eu em João Pessoa”, revela. Já ao lado de Renata Arruda, ele firmou uma associação relevante nos carnavais locais.

Com Jurandy do Sax, outra figura de seu passado, Liss vislumbrou a possibilidade de viver de música, anos antes de esse intento de fato realizar-se. Tempo depois, a dupla “sonhadora”, como ele mesmo adjetiva, criou um *show* voltado para os turistas da capital, que durou cerca de 10 anos: *Parahyba Sim Sinhô*, que somou mais de 700 apresentações, segundo ele. “Sobre Sandra Belé e Os Eloquentes, nossa relação é recente, mas nos afinamos perfeitamente, na união ‘do velho e o novo’. Fizemos um repertório bem eclético, além das novas autorais como ‘Amor arrejado’. E não vai faltar o melhor do forró de Maciel Melo, Dominginhos e Luiz Gonzaga e o tradicional embalo das músicas carnavalescas”, informa.

O marco que ele comemora por meio do *Show da Vida* remonta à sua gênese no grupo Os Vogais, na Paraíba, e a sua posterior passagem pela capital fluminense. Mas a relação com a música era anterior e ancestral. Seu avô, Pedro Batista, maestro da cidade de Guarabira, apresentou-lhe os instrumentos. Mas Liss optou pelo objeto que o acompanha até hoje – o violão.

“Mas foi quando mudamos para João Pessoa, no Ensino Médio, que levei mais a sério tanto o instrumento como a veia de compositor, fazendo pequenas apresentações na escola e para amigos. Nessa época, entrei no grupo folclórico do Lyceu Paraibano, participando de várias vertentes, graças à pesquisadora Dalvanira Gadelha, que me incentivou muito”, rememora.

## Mais 45 anos

No Rio, os espaços eram muitos, mas bastante concorridos, motivo pelo qual Liss rumou para outras frentes. Como ator, fez peças infantis e outras voltadas para o público adulto, a exemplo de *Eles Não Usam Black Tie*, texto de Gianfrancesco Guarnieri. Adepto das colaborações, ele diz que para uma parceria dar certo é necessário haver muita cumplicidade.

“Os parceiros mais atuantes foram Antônio (já falecido) e Alberto Arcela, onde experimentamos vários estilos, festivais e jingles comerciais, sempre com a proposta de buscar novos sons e rimas, dentro de uma poesia estética, mas sem perder a originalidade da ideia, tanto regional como também de outros ritmos como o jazz, o blues e as baladas”, aponta.

De forma paulatina Liss, consolidou-se no exercício da composição, aproximando a cena contemporânea das tradições populares e fornecendo, ainda, faixas de sucesso para os contrerrâneos nordestinos, a exemplo de Dadá Venceslau, Jairo Madrugá, Jarbas Mariz, Márcia Belém e Marinês, material que, anos mais tarde, comporiam seus álbuns autorais.

“Eu gravei três discos, o primeiro, em LP, o segundo, *Nativo*, já na era do CD e o último, uma coletânea de forrós. Uma das melhores composições, ainda hoje toca em rádios alternativas como a Tabajara: ‘A paz’, minha e do saudoso Antonio Arcela, que virou tese de debate em setores da universidade pela sua letra contemporânea de alerta aos problemas da humanidade”, cita.

Ao comparar o mercado fonográfico dos anos 1980 com a situação do segmento agora, Liss sustenta que o suporte digital e a diversidade de formatos foram duas das mudanças benéficas que, em contrapartida, geraram outros desdobramentos negativos. A pressão por produzir conteúdo constantemente conduz a impactos na saúde mental dos artistas.

“Importante também chamar atenção para a fraude em *streaming*, a pirataria e os riscos da má utilização de inteligência artificial, que podem ameaçar a nossa sustentabilidade a longo prazo, se não forem enfrentados de forma responsável. Quando surgem tecnologias que desvalorizam direitos, o mercado precisa reagir. Continuamos na batalha”, assevera.

Liss Albuquerque diz que passou por transformações importantes – de um jovem movido pela “paixão crua” e pela vontade de “alcançar o seu lugar ao sol”, para um adulto com outras prioridades, consciente do seu papel na cultura e com mais atenção ao seu processo criativo, de onde parte toda a sua música.

“Hoje canto com mais verdade, escrevo com mais intenção e subo ao palco com uma entrega que só o tempo ensina. Minha voz e meu olhar mudaram mas a essência permanece: a música continua sendo minha bússola, minha missão e o meu porto seguro. Não sei se terei mais 45 anos, mas pretendo viver os próximos com a mesma energia que me trouxe até aqui”, finaliza.

Liss Albuquerque atualmente e em cenas do passado: sua carreira será a estrela do show de hoje

## ONDE:

■ BESSA GRILL  
(Av. Arthur  
Monteiro de Paiva,  
nº1190, Bessa, João  
Pessoa).



# Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | Colaborador

## Hitchcock: entre o ócio e o riso

O ócio e a criatividade são amigos inseparáveis. É necessário tempo livre para se dedicar à contemplação do universo, às reflexões filosóficas, à leitura de obras literárias, à produção e ao gozo artístico. Ao longo dos tempos essas atividades estiveram associadas a classes e estamentos privilegiados como a aristocracia nobiliárquica, o alto clero e a burguesia. É difícil imaginar que um trabalhador mal remunerado com carga horária extenuante de 8 ou 10 horas diárias, que leve cerca de quatro horas para ir e voltar do trabalho, pos-sua tempo suficiente para se dedicar a essas atividades.

Historiadores contam que Isaac Newton formulou a sua célebre teoria da gravidade e as bases do cálculo diferencial, que revolucionariam a matemática e a física, durante um período de quarentena, em que se viu obrigado a ficar em casa devido à terrível peste bubônica que desolou a Inglaterra, na segunda metade do século 17. Ele era apenas um jovem brilhante e piedoso de 23 anos estudante do Trinity College de Cambridge, filho de ricos proprietários de terra que nunca experimentaria agruras financeiras. Suponho que não imaginava que suas ideias transformariam de forma tão radical o mundo e que o seu nome seria eternizado entre os maiores sábios da humanidade.

Não podemos tirar conclusões precipitadas sobre essa história. Abundância de tempo e dinheiro não são garantias do surgimento de cientistas, filósofos e artistas brilhantes. Thorstein Veblen mostrou que essa combinação produziu no capitalismo uma classe ociosa e fútil que vive de renda e que expressa a própria identidade através da ostentação de bens valiosos

como carros de luxo, iates, mansões, roupas de grife e festas suntuosas. Outro bom argumento é o de que as criações intelectuais dependem geralmente de formação cultural prévia e de uma coisa que costumamos chamar de inspiração.

Durante as férias, percebi que a música continua teimando em me abandonar. Faz tempo que não componho nada e o violão, que já foi amigo íntimo, anda mudo, esquecido num canto. Não é a primeira vez que isso acontece: sobra tempo livre, mas falta aquela combinação rara de inspiração, vontade e lampejo criativo. Se o ócio não me devolveu a música, ao menos abriu uma porta generosa para o cinema. Tenho visto filmes maravilhosos, na maioria clássicos, com uma ou outra produção recente para temperar a lista. Nesta semana, nessa ordem quase ritual, assisti: *O Anjo Exterminador* (1962), de Luis Buñuel; *O Homem que Matou o Facinora* (1962), de John Ford; e *O Terceiro Tiro* (1955), de Alfred Hitchcock.

Não sabia, como quase todo mundo que conheço, que Hitchcock tinha enveredado pelo humor. *O Terceiro Tiro* é uma comédia ácida, com toques de romantismo e um bocado de suspense. Dei várias gargalhadas na frente da TV e senti aquela tensão que marca a experiência fenomenológica dos filmes hitchcockianos. A história se passa no singelo vilarejo de Highwater, Vermont. É outono. O clima está ameno. As folhas amareladas das árvores desbotadas que contrastam com o pouco de verde que ainda resiste ao implacável ocaso do inverno e o céu azul deixam a fotografia muito bonita.

O cadáver de Harry Worp é encontrado, ao rés do chão, na alfombra do campo. As coisas se complicam quando várias

personagens da trama começam a acreditar que são os responsáveis diretos pela morte. As histórias individuais se entrelaçam e acabam criando uma confusão dos diabos. O Capitão Wiles, um velho marinheiro, que estava caçando no bosque acredita ter matado acidentalmente Harry, fazendo-o esconder o corpo. Enquanto isso, Jennifer Rogers, a esposa do defunto, pensa que o matou com uma garrafa de leite na cabeça e Gravelly, uma solteirona de meia idade, acha que o matou quando atirou o salto de seu sapato na sua testa para se livrar de um ataque apoplético.

O que se segue é uma corrida para ocultar o crime das autoridades policiais. O trio é ajudado pelo excêntrico, espiritualoso e sedutor, artista plástico Sam Marlowe. Eles enterram, desenterram e reenterram inúmeras vezes o corpo sem vida, em cenas recheadas de chistes macabros. Na história ainda há espaço para o amor e a solidariedade, que nascem das relações entre o quarteto. Hitchcock acaba revelando como o riso é capaz de aliviar o sofrimento, esfriar a angústia e o terror da realidade.

O riso é, portanto, da ordem do humano. Ele pressupõe a imperfeição. Segundo a professora Marília Dalva Teixeira de Lima, autora de uma brilhante tese de doutorado sobre o riso: “O monoteísmo judaico-cristão torna o riso improvável no mundo divino, porque, como questiona o historiador francês Georges Minois, ‘do que poderia rir um ser todo-poderoso, perfeito, que se basta a si mesmo, sabe tudo, vê tudo e pode tudo?’”. Os deuses da Antiguidade clássica, de tradição politeísta, podiam rir porque não eram perfeitos e possuíam as mesmas características e desvios dos seres humanos.

# Estética e Existência

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | Colaborador

## Reconstrução dos afetos no canto de Mayana Neiva

A beleza da simplicidade no canto regional e na ancestralidade expressa uma forma de estar no mundo, de preservar identidades e de transmitir saberes que atravessam gerações. Esses elementos, quando combinados em uma obra de arte — por exemplo, a arte de cantar — produzem uma experiência armazenada de memória, emoção, pertencimento e dignidade. É dessa combinação que nasce a espontaneidade, na qual é possível encontrar uma vivência que resiste ao engessamento da técnica excessivamente formalizada. Nela, há o gesto natural do corpo que pulsa para cantar, tornando o palco um espaço de empatia e partilha, no qual cada espectador se reconhece no cancionero, na poesia e na melodia. Esse processo eu observei durante o *show* da paraibana Mayana Neiva.

O canto regional nasce da vida simples, das festas de colheita, do trabalho no campo, dos rituais comunitários e das histórias contadas pelos mais sábios. Por isso, carrega uma espontaneidade que não é improviso desordenado, mas uma sabedoria de vida incorporada — transmitida oralmente — que emerge naturalmente do convívio familiar e social como expressão da própria beleza de existir diante dos conflitos. Essa pureza garante que cada interpretação seja única, marcada por emoções intensas e pelo prazer de viver com dignidade o momento presente. É o caso de Mayana Neiva, o qual resgata um modo de cantar que privilegia o sentir antes do executar, acolhendo ainda a participação de cada espectador como novos instrumentos de seu grupo musical e permitindo que deem voz às suas ancestralidades e afetos.

A simplicidade de Mayana como força estética na arte do canto, manifesta-se como a pureza espontânea de uma menina que irradia alegria. Sua voz, nos versos e nas melodias, revela-se num impulso que transcende experiências coletivas e despertam um gosto estético consciente. Essa beleza simples valoriza seu timbre natural, seu ritmo corporal e o espaço afetivo das identidades — a casa, o terrei-

Foto: Rondineille de Paula/Reprodução Facebook



Mayana: sua simplicidade é a voz de todos

ro, a roda, o chão batido, o cheiro da terra molhada, a brisa do amanhecer, o sagrado pôr do sol da tarde. Tudo isso brilha no palco e na dança do seu corpo. A partir desses elementos, sua existência é um estado de arte permite que sua voz conte histórias e recite poemas com verdade e reconstrução de memórias afetivas.

A ancestralidade não apenas inspira o canto regional — ela fala através dele. Cada frase melódica, cada entonação, cada modo de narrar e cantar é sustentado pela memória das lutas por dignidade, das celebrações no aconchego das famílias, das superações das crises existenciais e das resistências contra a violência e o ódio. Cantar ancestralmente é também preservar aquilo que o tempo não destrói, especialmente o desejo de amar e de permitir-se ser amado conforme o outro deseja amar. Por isso, a simplicidade e a espontaneidade possuem uma dimensão política e cultural, pois resistem à homogeneização e afirmam a singularidade e a unidade dos povos em suas diferenças culturais e ideológicas. Na fusão entre pertencimento, memória e dignidade no canto, a voz não é apenas instrumento — é cor-

po, é palco, é território, é chão, é o próprio espectador. O modo de cantar expressa a relação com a natureza local, com a feira, com o clima, com o trabalho e com os modos de vida tradicionais. A espontaneidade de Mayana Neiva permite que seu corpo seja livre e que sua simplicidade seja a voz de todos, justamente por ser verdadeira; seu respeito e carinho ao nomear outras cantoras femininas preservam uma linhagem que se mantém viva como patrimônio cultural. Essa fusão cria um campo estético no qual cantar e viver tornam-se gestos inseparáveis e imortais.

A beleza que reside no coletivo costuma florescer na roda de danças, no encontro, no improviso compartilhado. Já a ancestralidade é fortalecida pela coletividade, pois ninguém canta sozinho sua própria herança cultural. A simplicidade abre espaço para que todos participem, tornando o canto menos espetáculo e mais união. Nesse sentido, o canto regional reeduca sensibilidades e reconstrói afetos — ensina pertencimento, respeito e continuidade das tradições. Por isso, Mayana Neiva tem a habilidade de revelar o humano em sua forma mais pura, livre de regras rígidas. Sua arte de cantar une a poesia do passado ao presente, o indivíduo à comunidade, o corpo ao pertencimento. Trata-se de uma beleza que depende da autenticidade de quem canta e da força de lutar por liberdade e respeito. Assim, seu canto é gesto de preservação, resistência e empatia — um modo de manter viva a chama que une gerações e liberta a alegria do embrutecimento humano.

Sinta-se convidado à audição do 547º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 14 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei a diversidade das peças sinfônicas com temas populares e eruditos nas marchas, danças, balés e óperas.

# Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Salgado é doce

Saí da capital pela estrada embaixo do céu, para celebrar com o povo de Salgado de São Félix, nos seus 64 anos, uma festa modesta, na praça da igreja do padroeiro São Félix e não há outra coisa que eu esperava ver, para contar aos de casa. Lá, eu estava em minha casa, na casa da fazenda do prefeito dr. Joni Oliveira, o médico das flores do poeta Vinicius de Moraes e sua mulher, uma das paixões da minha vida, Auxiliadora Lacerda.

Cheguei como o hóspede da utopia esperado e, só então, os meus olhos se sentiram à vontade com o excesso de beleza da natureza, a troca de carinho. Fui tratado como um rei, onde antes não fui súdito — a amizade entre pessoas amorosas é uma festa que inclui a mobília, com os retratos, os pratos, os animais, os travesseiros, os oratórios e muitas gargalhadas.

Tudo em Salgado é doce, liberdade, é paz, uma cidade em que não se tem notícia de feminicídio. Homens e mulheres aparecem nos jardins, para lá do jardim das rosas de Cartola.

Muitas garotas bonitas — todas acompanhadas, com roupas coladas no corpo, a última moda em Paris, mostrando as curvas e mistérios. É que mulher nasceu para brilhar e mandar no pedaço. Adorei Paulinha, que mora na fazenda do prefeito e da primeira-dama de Salgado. Paulinha, uma morena de endoidecer, como está na canção de Djavan.

Na festa do aniversário da cidade, Fatinha de dona Zita, uma aparição eterna. Cena antiga, moças e rapazes mascando chicletes com banana, que eu nunca entendi o porquê — nem quis saber, sequer mascar.

Uma praça pequena com uma multidão para ver os *shows*, onde as *performances* dos jovens e a gritaria no *show* do Luan Estilizado, o cara com uma sanfona no peito, que mais parecia um filme da obra do escritor cubano Leonardo Padura, autor de *O Homem que Amava os Cachorros*.

Uma cidade linda, bem cuidada e todo mundo é uma grande família. Na casa do prefeito, tem uma mesa de terapia, que fica de frente para galos, perus, noites e quintais. Ô, lugar bom de viver.

Se eu não morasse onde moro, era ali que eu queria ficar, mas não sei se me acostumo a viver longe do mar.

Em Salgado de São Félix tudo é doce, tudo é motivo para comemorar. A fazenda em que dormi, uma casa grande sem senzala, é um entusiasmo para escrever um romance, cheio de planos de ser e chegar a ser, o lugar que a gente não esquece nunca.

Sem uma ligeira demonstração do amor maior, eu fiz umas fotografias, pequenos filmes, esquinas, as igrejas, nas ruas e seus paralelepípedos, tudo coisa para emoldurar no coração do K.

Salgado de São Félix é como Paris, não é feliz ali quem não quer. Não posso esquecer do ipê-amarelo, que cobre a estrada em que fui e voltei embaixo do céu.

Eu era pequeno ainda, quando descobri a cidadania do mundo, sem lamentações, trabalhando até o último minuto, ralando, e creio que isso ficou fincado em mim, porque nasci no Sertão, cuja cidade é a maior do mundo, porque das quadras de suas ruas, consegui abrir as portas e hoje me encanto com Salgado de São Félix, minha bênção, Senhor.

### Kapetadas

1 – Quer ser meu amigo? Não seja delinquente, não seja carente, não durma na praça. Vá trabalhar vagabundo.

2 – Eu só queria a paz mundial, wi-fi livre e morenas peitudas.

Foto: Arquivo pessoal



“Em Salgado de São Félix tudo é motivo para comemorar”

Colunista colaborador



# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

## Revendo a saga de Aruanda (o filme)

Buscando caminhos menos tortuosos e procurando firmar-se no plano da produção, sobretudo artesanal, de curtas e documentários, aliás, sua real e pioneira vocação até os dias de hoje, essa tem sido a meta do nosso “cinema de província”. Reservadamente, com um olho no visor da câmera e outro na cenografia cultural de época da cidade, acompanhei esse movimento na capital paraibana, que tem reverberado para além das fronteiras desde o final dos anos 1950.

Nessa época, já com experiências de alguns anos em salas de cinema — razões que me fizeram instalar e inaugurar o Cine Bangüê do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, em 1982 —, percebi o momento cultural importante que se afigurava com a então criação da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), do Cinema Educativo da Paraíba e da nossa Universidade Federal. Instituição de Ensino Superior federalizada pelo governo de José Américo de Almeida, independentemente de qualquer “Ramona” (ou azarão) que se lhe possam atribuir.

À época repórter do jornal oficial do Governo do Estado, Linduarte Noronha, já conhecido crítico de cinema da imprensa local, procura também criar o seu próprio mundo de observação. Foge da tumultuada sucessão governamental, lançando-se para os sertões do Planalto da Borborema à procura de insólitas aventuras jornalísticas. A edição de 13 de agosto de 1959, de **A União**, vem de publicar reportagem de grande destaque e interesse social sobre um tal quilombo incrustado na Serra do

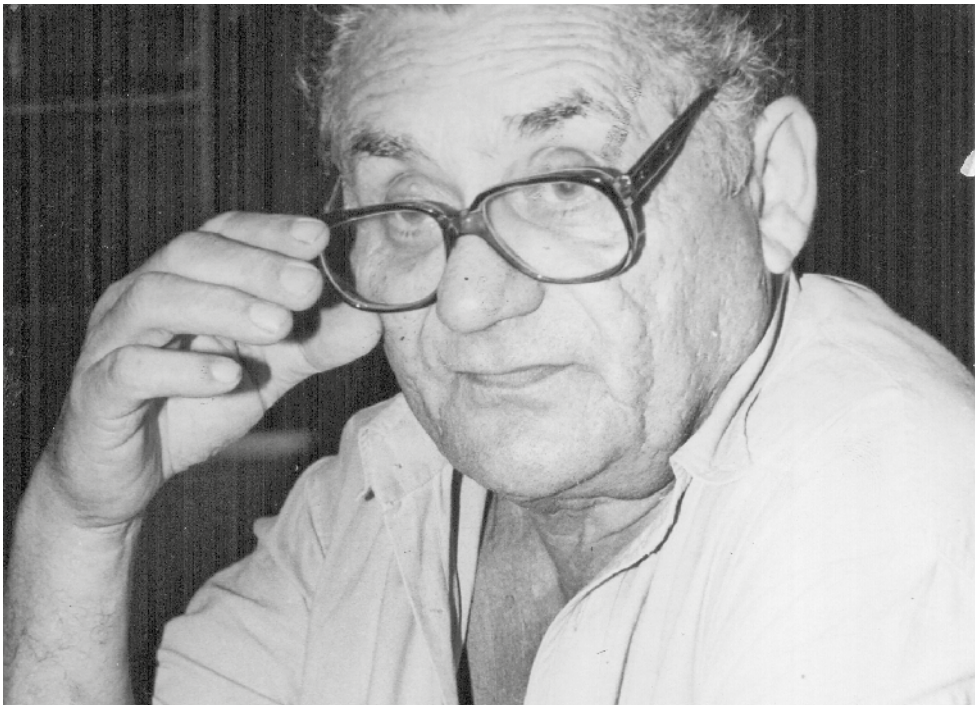


Foto: Arquivo A União

Linduarte Noronha dirigiu “Aruanda” depois de escrever uma matéria para A União

Talhado de Santa Luzia do Sabugi, Alto Sertão paraibano.

Dessa “cinematográfica” reportagem de Linduarte Noronha para o filme *Aruanda*, dele foi apenas um pulo. Realizado naquele mesmo ano pelo próprio Linduarte, o novo documentário detonaria os então anos 1960, abrindo novas perspectivas para a Paraíba e firmando posição nacional na sua categoria, como um dos maiores curtas da fase inicial de um novo olhar cinematográfico para a mais autêntica nordestinidade, em toda a história do cinema brasileiro.

De oportuno, o cineasta baiano Glau-

ber Rocha consegue inflamar ainda mais o sentimento cultural nacionalista, ao afirmar que “a fome latina não é apenas uma questão simplesmente alarmante, mas é o nervo da sua própria sociedade”. E ratifica a originalidade do Cinema Novo através do filme paraibano *Aruanda*, de Linduarte Noronha, que, segundo Glauber, “inaugura assim o documentário brasileiro”. Afirmação que está no meu livro *Cinema & Televisão – Uma Relação Antropofágica*, publicado em 2002 pela A União.

(Para mais Coisas de Cinema, acesse nosso blog: [www.alex santos.com.br](http://www.alex santos.com.br)).



## APC e AF nas ações de 2026

A cineasta e confeira de academia Vânia Perazzo participou, na última quinta-feira (10), junto à diretoria da Aliança Francesa (AF) na Paraíba, de reunião representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), na formulação de ações culturais para 2026, envolvendo a APC e a AF de João Pessoa. O destaque foi para o lançamento de filmes e livros com temática de interesse mútuo das duas entidades.

Nas próximas semanas, a APC retomará contato sobre o calendário e os conteúdos das ações, continuando a cooperação, visando eventos exitosos e de boa participação do público, na sede da AF.

### STREAMING

## Plataforma Viki divulga séries mais assistidas

Gabriela Caputo  
Agência Estado

Já bem estabelecidas entre o público brasileiro, as produções asiáticas, especialmente sul-coreanas, fazem cada vez mais sucesso. O Viki, plataforma de *streaming* dedicada à distribuição desse tipo de conteúdo e que conta com mais de 11 milhões de assinantes brasileiros, divulgou a lista

dos 10 títulos mais populares no Brasil em 2025.

Segundo a plataforma, são produções que vão de “romances arrebatadores a épicos históricos e *thrillers* estilosos”. Entre eles figuram sete séries sul-coreanas e três chinesas (confira no quadro).

Séries novelescas de países como Coreia do Sul, Tailândia, Filipinas, Japão, Taiwan e China ficaram, conhecidas pelo termo “dora-

ma”, adotado no Brasil de forma generalista para abarcar dramas produzidos no leste e sudeste da Ásia. A definição, porém, é questionada pela comunidade sul-coreana no país, que defende o uso de nomenclaturas próprias. Entenda melhor a seguir.

### Dorama, drama e k-drama

Originalmente, o termo “dorama” refere-se ao formato adotado por sé-

ries de televisão japonesas de qualquer gênero — narrativas mais compactas, focadas em um único núcleo de personagens, e que geralmente são concluídas em uma única temporada.

No ano passado, a Associação Brasileira dos Coreanos divulgou um manifesto condenando a definição da Academia Brasileira de Letras (ABL) para a palavra “dorama” como uma “obra audiovisual de ficção em formato de série, produzida no leste e sudeste da Ásia, de gêneros e temas diversos, em geral com elenco local e no idioma do país de origem”.

A associação sul-coreana, representada por professores da USP e da UFF, considerou a definição preconceituosa e generalizadora, argumentando que “dorama”, por ser uma palavra de origem japonesa, não deveria ser usada como um termo para séries de outros países asiáticos.

Existem nomenclaturas próprias de cada país: séries da Coreia do Sul são k-dramas, da China são c-dramas, e de Taiwan são tw-dramas, cada uma com suas características culturais específicas.

Além do Viki, as produções asiáticas também são *hit* na Netflix e HBO Max, e ainda viraram aposta no Globoplay e outros serviços de *streaming* locais.

# Letra Lúdica

Hildeberto  
Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Aquisição de livros

Faz parte de minha rotina visitar regularmente os sebos de minha cidade. Os livros usados me atraem. Quanto mais antigos, melhores. As primeiras edições, então, me são um mimo, uma dádiva. Edições bilingues, edições críticas, volumes que integram certas coleções e outras particularidades que tocam a carência de um bibliófilo, tudo contribui para o prazer inesgotável da aquisição.

Ontem fui à matriz do Sebo Cultural, lá na Avenida Tabajara, fazer minha pequenina festa. Adquiri livros de Gastão de Holanda, Fábio Lucas e Francisco de Assis Barbosa. Tenho essa mania: a de comprar livros pela referência do autor (mais ou menos assim, como assistir a filmes em função do ator ou do cineasta). Mas também os livros me interessam por outros pormenores que considero essenciais.

Por exemplo, Gastão de Holanda, escritor pernambucano, foi um dos fundadores de O Gráfico Amador, prensa manual que funcionou por quase oito anos no Recife, dando a lume nomes e obras de fundamental importância, além de ter criado a editora Fontana e a revista *São José*. Estes elementos me importam muito. O *Atlas do Quarto*, da editora Fontana, com capa e projeto gráfico do próprio autor, dedicatória impressa a José Midlin e epígrafe de Valéry, constitui uma boa mostra de seus poemas. A este exemplar juntei o romance *A Breve Jornada de d. Cristobal* (José Olympio, 1985), dedicatória impressa a Luís Pandolfi, Lourdes Ribeiro e Geraldo Edson Ferreira da Silva. O motivo decisivo que me fez trazê-lo, junto com o outro, foi a dedicatória manuscrita ao poeta Sérgio de Castro Pinto.

Dedicatórias manuscritas são um dos meus fetiches livrescos. Possuo uma edição de *Intérpretes da Vida Social*, de Fábio Lucas, mineiro, economista e crítico literário. Não obstante, vejo-me, agora, com outra, na verdade, a mesma, da Imprensa Oficial de Minas, de 1968, só por causa da dedicatória manuscrita a Pessoa de Moraes, datada de 1994.

Leitor curioso, fico imaginando, por trás dessas dedicatórias, os diversos aspectos das relações, afetivas ou não, entre os escritores e poetas, no tecido informe e complexo da vida literária. A estima, a admiração, o respeito, a ironia, o ressentimento, as farpas, o deboche, a gratidão, a desforra, o poético e tantas outras categorias da vida psíquica perpassam esses sutis paratextos que integram o corpo dos livros.

De Francisco de Assis Barbosa, paulista de Guaratinguetá, biógrafo, ensaísta, crítico literário, comprei duas pequeninas preciosidades: *Achados do Vento*, numa edição do Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, Coleção Biblioteca de Divulgação Cultural Série A, de 1958, e *Manuel Bandeira, 100 Anos de Poesia – Síntese da Vida e Obra do Poeta Maior do Modernismo* (Recife: Pool. Editores e Agentes Literários S. A., 1968).

“Como se hão de arrecadar e arrematar as coisas do vento”, eis a epígrafe do primeiro livro, extraída das *Ordenações*, Livro 3, Título 94. Atendendo ao espírito crítico e exegético da coleção, o autor estuda e esmiúça ângulos curiosos da obra e da personalidade de Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Lima Barreto, José de Alencar, Hipólito José da Costa e Domingos Caldas Barbosa.

*Manuel Bandeira, 100 Anos de Poesia* me toca, não somente pelo conteúdo biográfico e analítico de suas páginas, a dedicatória impressa a Edson Nery da Fonseca (“irmão em Manuel Bandeira”), pelas epígrafes de Carlos Drummond de Andrade (“O poeta melhor do que todos nós, o poeta mais forte”) e do próprio Manuel Bandeira (“Francisco de Assis Barbosa, meu biógrafo bem amado e bem informado”), mas também, especialmente, pelos componentes gráfico-visuais. Além das fotos de família, valorizam muito a edição as caricaturas do poeta feitas por Guevara e Foujita, os desenhos e bicos-de-pena de Cícero Dias, Joanita Blank, Portinari, Scliar e Luís Jardim.

Mas não fiquei por aí. Ainda pus na sacola alguns títulos de Carlos Heitor Cony (crônicas e romances); de Josué Montello (alguns ensaios); de Antônio Olinto (poesia e ficção); de Luís Viana Filho (biografias); de Benedito Nunes e Ernani Reichman (ensaios filosóficos e estéticos). Poetas, críticos, ensaístas, ficcionistas e biógrafos que ilustram, com o peso e o brilho de suas respectivas criações, o acervo da literatura brasileira.

Já em casa, o melhor é fazer a leitura de reconhecimento. Planejar os dias e as horas de leitura à sombra das estantes. Descobrir, pensar e fruir as ofertas que cada livro distribui pelo encanto de suas páginas.

Colunista colaborador



Foto: Divulgação

“Meu Querido Nêmesis” é sucesso, mas sul-coreanos rejeitam a definição “dorama”

### OS 10 TÍTULOS MAIS POPULARES DO VIKI NO BRASIL EM 2025

- |   |  |
|---|--|
| ■ <i>Meu Querido Nêmesis</i> (Coreia do Sul)          | ■ <i>Fitness na Academia e no Amor</i> (Coreia do Sul) |
| ■ <i>Meu Secretário Perfeito</i> (Coreia do Sul)      | ■ <i>Prisioneiros da Beleza</i> (China)                |
| ■ <i>Ambição do Amor</i> (China)                      | ■ <i>Motel Califórnia</i> (Coreia do Sul)              |
| ■ <i>A Primeira Noite com o Duque</i> (Coreia do Sul) | ■ <i>A Lenda da Generala</i> (China)                   |
| ■ <i>A Cidade e a Lei</i> (Coreia do Sul)             | ■ <i>Minha Juventude</i> (Coreia do Sul)               |



LIVRO

# Roniere Leite Soares reúne desenhos

Coletânea Uns Cartuns traz 112 piadas visuais selecionadas entre uma produção que vem desde 1995

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com



“Um pensador apaixonado” e “Cabide de nordestino”: o humor de Roniere Soares

Uma paixão iniciada na época da graduação ganhou contornos profissionais com o tempo. Anos depois, *Uns Cartuns*, primeira publicação do escritor Roniere Leite Soares voltada para o universo do desenho, foi enfim lançada. Formado em Desenho Industrial entre os anos de 1991 e 1995 e nascido em Campina Grande, o cartunista é também colunista de A União — publica quinzenalmente artigos para a página Memorial, sobretudo sobre música e literatura (língua), áreas de sua predileção.

“O curso de Desenho Industrial hoje é chamado mais de curso de Design. A gente tinha essa consciência no tempo, mas hoje reativou-se esse termo”, lembra ele, apontando a área de Desenho de Produto como pertinente à sua formação.

A maioria dos cartuns foi criada no período em que o artista estava concluindo a graduação, em 1995 — apenas cerca de 12 desenhos do livro, constantes nos apêndices, antecedem a época do curso. A motivação partia quase sempre dos fatos do dia a dia, em suas observações do cotidiano. Mas há vários espectros de abordagem que os textos do Memorial deixam entrever.

Na página 53 do livro, por exemplo, Beethoven (1770-1827) participa de uma prévia carnavalesca, enquanto o maes-

tro Heitor Villa-Lobos (1887-1959) passava em seu trenzinho caipira (na pág. 120). Afora a pegada musical, as questões sociais também são desenhadas, como em um episódio de uma sopa de meia (pág. 38), grevistas com descamisados (pág. 58), além de criações dedicadas ao viés metalinguístico.

Roniere Leite também já havia contribuído em outras ocasiões com o *Diário da Borborema* e com uma revista do município de Esperança. “Mas eu acho que foi falta de oportunidade, porque naquele tempo as coisas não eram como hoje”, ele afirma.

“Hoje, a gente tem muito acesso à informação. Inclusive foi uma das dificuldades de expandir meu trabalho, porque não tinha nem computadores naquele tempo, imagina a *internet*, ou *softwares* ou a pegada mais atual da inteligência artificial como a gente tem nas mãos hoje em dia. Os *tablets* para fazer desenhos digitais, vetorizados ou mapeados a *bits* — era tudo feito à mão livre, de forma muito artesanal”.

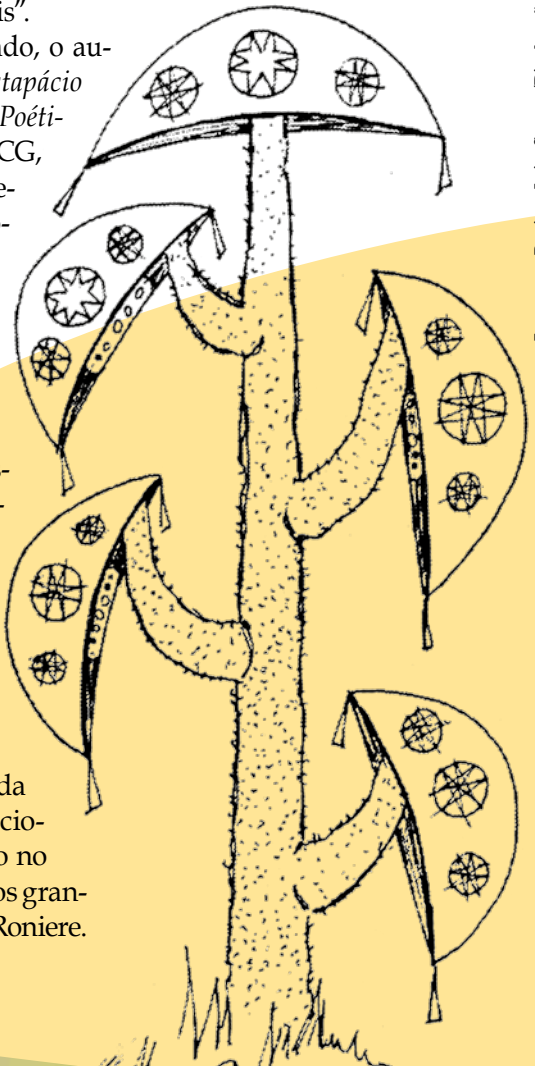
Outro quesito marcante em sua produção vem da influência que teve do quadrinista e jornalista campinense Fred Ozanan, no tempo em que morava no distrito de Boa Vista, Zona Rural de Campina Grande — Roniere viveu no distrito até os 27 anos de idade. Com a ajuda de Ozanan e de outro amigo, que sempre que podia levava para ele charges recortadas de jornais, a vontade de desenhar foi aumentando.

“Quando estava com mais experiência de traçado e até experiência de vida — em detectar as leituras da realidade cotidiana — eu comecei a fazer esses registros, mas não os publiquei. Fiz apenas exposições,

como cito no próprio livro e deixei guardados para publicar depois”.

No fim do ano passado, o autor publicou a obra *Cartapácio Mnemônico de Instâncias Poéticas* (Centro Editorial IHCG, 430 páginas), seleta de poemas escritos em um período de 36 anos (1988-2024). Aos 54 anos e trabalhando como professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) na área de Engenharia, ele afirma o interesse em realizar outros projetos na seara dos traços.

“Eu tive o grande prazer de ter tido a contribuição no prefácio de Fred, um camarada que eu admiro e que tem toda uma história conhecida, premiada nacionalmente e internacionalmente, já reconhecido no Brasil como um dos nossos grandes cartunistas”, destaca Roniere.



Imagens: Roniere Leite Soares/Divulgação

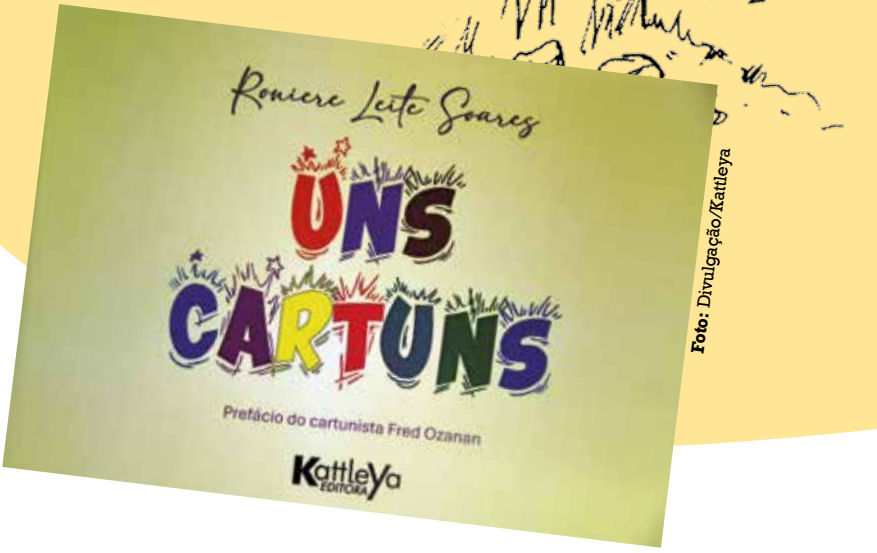


Foto: Divulgação/Kattleya

Livro tem formato horizontal, mas com cartuns também na vertical

## Em Cartaz



## Cinema

Programação de 11 a 17 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa e Campina Grande.  
\* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações as salas de Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

### ESTREIAS

**ENTRE NÓS – UMA DOSE EXTRA DE AMOR** (*The Threesome*). EUA, 2025. Dir.: Chad Hartigan. Elenco: Zoey Deutch, Jonah Hauer-King, Ruby Cruz. Romance/comédia. Depois de uma transa a três, as coisas se complicam quando as duas mulheres se descobrem grávidas. 1h52. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: qui. a ter.: 20h.

**JESUS, A LUZ DO MUNDO** (*Light of the World*). EUA, 2025. Dir.: Tom Bancroft e John J. Schaefer. Animação/drama. Jesus começa a recrutar seus apóstolos. 1h31. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: 13h45, 15h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h50.

**LIVROS RESTANTES.** Brasil, 2025. Dir.: Márcia Paraiso. Elenco: Denise Fraga, Augusto Madeira, Renato Turnes. Drama. De partida para Portugal, professora entrega seus últimos cinco livros a amigos especiais. 1h44. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): qui. a ter.: 15h, 17h30; qua.: 16h30.

**NATAL SANGRENTO** (*Silent Night, Deadly Night*). EUA, 2025. Dir.: Mike P. Nelson. Elenco: Rohan Campbell, Ruby Modine. Terror. Homem traumatizado se veste de Papai Noel para se vingar de quem matou seus pais. 1h35. 18 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h45, 15h45, 17h45, 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: 16h40, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: qui. a ter.: 16h40, 20h50.

**PERFEITOS DESCONHECIDOS.** Brasil, 2025. Dir.: Júlia Pacheco Jordão. Elenco: Sheron Menezes, Fabrício Boliveira, Giselle Itié, Débora Lamm, Danton Mello. Comédia. Amigos resolvem brincar de ler em voz alta as mensagens dos celulares uns dos outros, o que gera problemas. 1h31. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h45, 15h45, 17h45, 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: 16h40, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: qui. a ter.: 16h40, 20h40; qua.: 16h40.

**SEXA.** Brasil, 2025. Dir.: Glória Pires. Elenco: Glória Pires, Isabel Filardis, Thiago Martins, Rosamaria Murtinho. Comédia/romance. Ao

se apaixonar por homem de 35, mulher de 60 precisa enfrentar as expectativas da sociedade. 1h30. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 13h.

**TRAÍÇÃO ENTRE AMIGAS.** Brasil, 2025. Dir.: Bruno Barreto. Elenco: Larissa Manoela, Giovanna Rispoli, Emmanuelle Araújo. Comédia/drama. Amigas entram em crise quando uma fica com o namorado da outra. 1h59. Classificação não informada.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h, 15h45, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: qui. a ter.: 19h15, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: 14h15, 18h35. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 14h15, 18h35.

### PRÉ-ESTREIA

**AVATAR – FOGO E CINZAS** (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/aventura. No planeta Pandora, família na vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. 3h15. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: qua.: 19h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: qua.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: qua.: 3D: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: qua.: 3D: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: qua.: 3D: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qua.: 3D: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: leg.: qua.: 3D: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qua.: 3D: 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: qua.: 3D: 20h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: qua.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qua.: 20h. CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: qua.: 20h.

### RELANÇAMENTOS

**O ILUMINADO** (*The Shining*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Stanley Kubrick. Elenco: Jack Nicholson, Shelley Duvall, Danny Lord, Scatman Crothers. Terror. Isolados em um hotel vazio, família começa a ser sinistramente afetada por elementos sobrenaturais. 2h26. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 20h30.

**ORGULHO & PRECONCEITO** (*Pride and Prejudice*). Reino Unido/França/EUA, 2005. Dir.: Joe Wright. Elenco: Keira Knightley, Matthew Macfadyen, Donald Sutherland, Brenda Blethyn, Rosamund Pike, Carey Mulligan, Kelly Reilly. Romance. Jovem decidida se estranha com um rapaz, mas suas vidas começam a se entrelaçar. 2h09. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h.

### ESPECIAL

**FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL.** Domingo, 14/12: Cine Bangüê: 15h – Maya, Me Dé um Título. **Cinépolis Manaíra:** 18h – Fora de Controle; 20h15 – A Mulher Mais Rica do

Mundo. **Segunda, 15/12: Cinépolis Manaíra:** 18h – Jovens Mães; 20h10 – Operação Maldoror.

**Terça, 16/12: Cinépolis Manaíra:** 18h – Mãos à Obra; 20h10 – Eu, que Te Amei. **Quarta, 17/12: Cinépolis Manaíra:** 18h – A Cabra; 20h10 – Os Bastidores do Amor.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg. Até 14/12. CINÉPOLIS MANAÍRA: leg. Até 17/12.

**HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO** (*Harry Potter and the Goblet of Fire*). Reino Unido/EUA, 2005. Dir.: Mike Newell. Elenco: Daniel Radcliffe, Emma Watson, Rupert Grint, Michael Gambon, Robert Pattinson, Brendan Gleeson, Robbie Coltrane, Maggie Smith, Alan Rickman, Miranda Richardson, Jason Isaacs, Ralph Fiennes, Bonnie Wright, Tom Felton, Timothy Spall, David Tennant, Gary Oldman (voz). Aventura. Harry Potter é colocado, sem querer, em um torneio perigoso, enquanto um mal maior se aproxima. 2h37. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): leg.: 18h, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 18h, 21h15.

### CONTINUAÇÃO

**A QUEM EU PERTENÇO** (*Me el Ain*). Tunísia/França/Canadá/Noruega/Catar/Arábia Saudita, 2025. Dir.: Meryam Joobeur. Elenco: Salha Nasraoui, Mohamed Grayaâ, Malek Mecherqui. Drama. Mulher fica em impasse quando o filho volta da guerra e desencadeia escuridão em sua aldeia. 2h. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: seg., 15/12: 20h; qua., 17/12: 16h30; dom., 21/12: 19h.

**O AGENTE SECRETO.** Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hemília Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joáílsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: dom., 14/12, qui., 18/12, sáb., 20/12: 16h30, 19h30. CENTERPLEX MAG 1: qui. a ter.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qui. a ter.: 20h45; qua.: 15h20.

**BUGONIA** (*Bugonia*). Irlanda/Reino Unido/Canadá/Coreia do Sul/EUA, 2025. Dir.: Yorgos Lanthimos. Elenco: Emma Stone, Jesse Plemons, Alicia Silverstone. Policial/comédia. Dois homens sequestram uma empresária achando que ela é uma alienígena invasora. 1h58. 18 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: dom. a ter.: 17h30.

**D.P.A. 4 – O FANTÁSTICO REINO DE ONDION.** Brasil, 2025. Dir.: Mauro Lima. Elenco: Emily Puppim, Stéfano Agostini, Samuel Minervino, Fabiula Nascimento, Erika Januza, Gabriel Braga Nunes, Érico Brás, Anna Sophia Folch, Suely Franco. Aventura. Os Detetivos do Prédio Azul vão parar em um mundo mágico.

1h49. Livre.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 7: qui. a ter.: 12h45; qua.: 13h40.

**FIVE NIGHTS AT FREDDY’S 2** (*Five Nights at Freddy’s 2*). EUA, 2025. Dir.: Emma Tammi. Elenco: Josh Hutcherson, Elizabeth Lail, Piper Rubio. Terror. Menina retorna a pizzaria abandonada para recontratar animatrônicos assombrados. 1h44. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qui. a ter.: dub.: 16h20; leg.: 20h45; qua.: dub.: 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: leg.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 15h15, 17h40, 20h, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom. a ter.: 14h, 16h30, 19h, 21h30; qua.: 14h, 16h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h05, 18h05, 20h10. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h. CINESERCLA PARTAGE 6: dub.: qui. a ter.: 16h45, 21h; qua.: 15h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qui. a ter.: 16h45, 21h; qua.: 15h45. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a ter.: 14h05, 18h05, 20h10; qua.: 15h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: qua.: 20h40.

**MALDITO MODIGLIANI** (*Maledetto Modigliani*). Itália, 2020. Dir.: Valeria Parisi. Documentário. A vida de Modigliani vista pelo olhar da esposa Jeanne. 1h30. 14 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 16/12: 19h30; dom., 21/12: 15h; ter., 23/12: 16h.

**QUASE DESERTO.** Brasil/EUA, 2025. Dir.: José Eduardo Belmonte. Elenco: Vinícius de Oliveira, Ângela Sarafyan, Daniel Hendler, Alessandra Negrini. Suspense. Dois imigrantes em Detroit se envolvem em um crime ao salvar uma testemunha. 1h46. 14 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 15/12: 16h; dom., 21/12: 17h; ter., 23/12: 19h30.

**SEU CAVALCANTI.** Brasil, 2025. Dir.: Leonardo Laccá. Documentário. Cineasta filma o próprio avô, com 90 anos e uma saúde de ferro. 1h30. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: sáb., 20/12: 15h; seg., 22/12: 16h30.

**TRUQUE DE MESTRE – O 3º ATO** (*Now You See Me – Now You Don’t*). EUA, 2025. Dir.: Ruben Fleischer. Elenco: Jesse Eisenberg, Woody Harelson, Isla Fisher, Dave Franco, Rosamund Pike, Morgan Freeman. Policial. Ilusionistas aposentados se unem a novos talentos para enfrentar criminosos. 1h52. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 15h30, 18h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h30.

**WICKED – PARTE 2** (*Wicked – For Good*). EUA, 2025. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Jeff Goldblum, Michelle Yeoh. Musical/drama. A Bruxa Má do Oeste e a Bruxa Boa do Norte testam sua amizade diante das tensões do mundo de Oz. 2h18. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: qui. a ter.: 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.:

qui. a ter.: 21h.

**ZOOTÓPIA 2** (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/aventura/animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: qui. a ter.: 15h; qua.: 14h15, 16h40. CENTERPLEX MAG 3 (atmos): dub.: qui. a ter.: 14h, 18h30; qua.: 13h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 17h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h45, 16h20, 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h, 15h30, 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 12h45, 15h20, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: qui. a ter.: 13h30, 16h, 18h30; qua.: 13h30, 16h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h05. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h, 18h, 20h. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qui. a ter.: 14h40, 18h50; qua.: 13h45, 17h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h, 18h, 20h. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: qui. a ter.: 14h40, 18h50; qua.: 13h45, 17h45. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a ter.: 16h05; qua.: 13h45, 17h45.

## Música

### HOJE

**LISS ALBUQUERQUE.** Músico faz show comemorando 45 anos de carreira. Participações: Renata Aruda, Capilé, Sandra Belé, Jurrandy do Sax, Os Eloquentes.

**João Pessoa:** BESSA GRILL (Av. Arthur Monteiro de Paiva, nº1190, Bessa). Domingo, 14/12, 16h. Ingressos: R\$ 30 (individual) e R\$ 120 (mesa/ 4 pessoas), antecipados na plataforma Sympla.

### MOSTRA DE CORAIS.

Evento do Natal na Usina. Hoje: 18h - Coral Semear, Coral Celebrar e Coral Meninos de Lucena (Palco Bonde).

**João Pessoa:** USINA CULTURAL ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº243, Tambiá). Domingo, 14/12, 18h. Entrada franca.

### AMANHÃ

**SANHAUÁ SAMBA CLUBE.** Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais. Participações de Helô Uehara e Chico Limeira.

**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº8, Varadouro). Segunda, 15/12, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.



ESTRADAS VICINAIS

Custo de vias pressiona prefeitos

Estudo aponta que R\$ 220,4 milhões deveriam ser investidos, por ano, para adequar e conservar a malha estadual

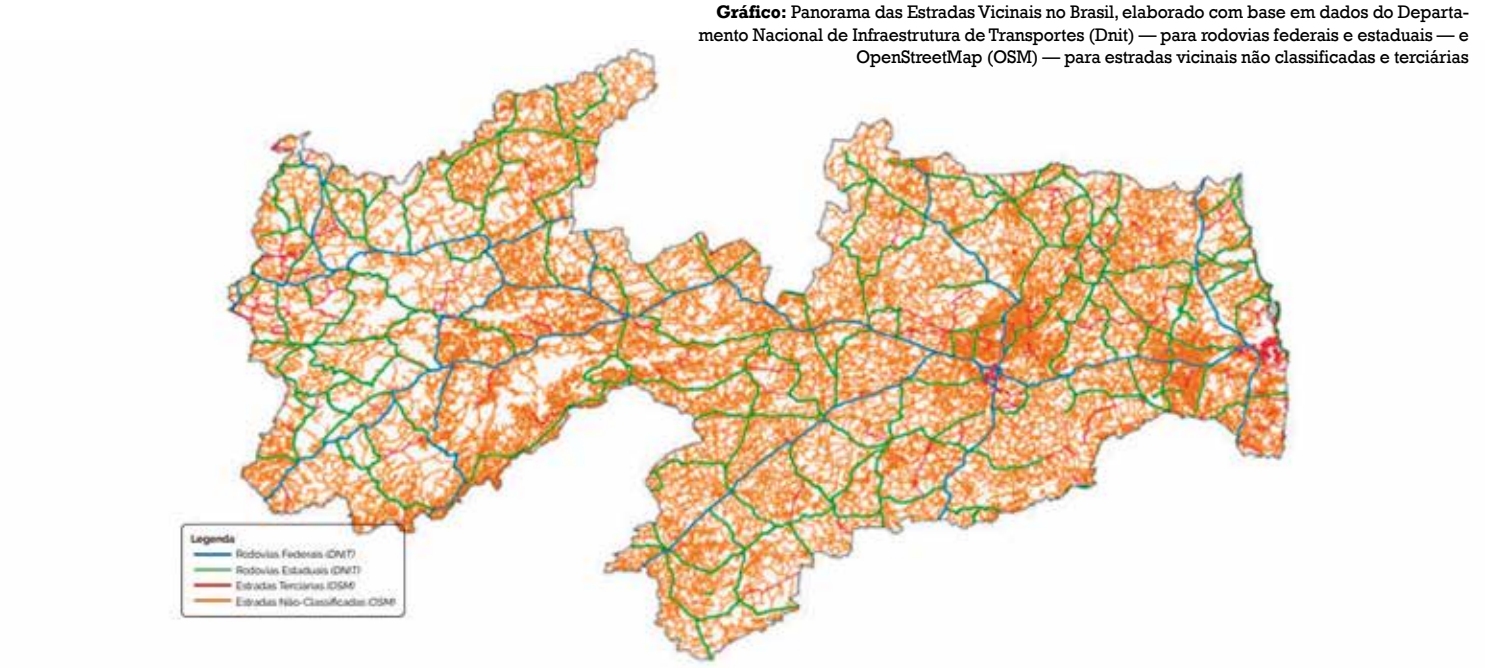
Paulo Correia  
paulocorreia.epc@gmail.com

Essenciais para o escoamento da produção agrícola, a mobilidade rural e, consequentemente, o desenvolvimento econômico de uma região, as estradas vicinais dependem de manutenções regulares, o que impõe desafios às administrações municipais de todo o Brasil — responsáveis pela gerência dessas vias. Na Paraíba, não é diferente. De acordo com o Panorama das Estradas Vicinais no Brasil, documento elaborado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), boa parte da malha rodoviária rural do estado apresenta problemas de conservação, impactando, inclusive, o acesso da população rural a serviços básicos, como os de saúde.

“O transporte tem um papel importante na vida da população. Existem muitas regiões, por exemplo, lá do Sertão, que ainda utilizam carro-pipa e o transporte da água é feito todo em estradas vicinais. A gente está falando da agricultura, do transporte de alimentos, mas também do atendimento médico. Se um agricultor sofre uma picada de uma cobra, ele tem que ir para o hospital muito rápido para tomar o soro”, exemplifica o engenheiro civil e especialista em Transportes, Kennedy Guedes.

Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Kennedy Guedes aponta que a manutenção das estradas vicinais teria baixo custo, se houvesse preparação prévia por parte das Prefeituras. Para ele, a falta de consciência de parte dos gestores é um empecilho maior do que o valor financeiro.

“A adequação é justamente você ter máquinas na Prefeitura, para que ela possa atender às comunidades rurais que, se organizadas, podem indicar quais os pontos mais importantes a serem atendidos. Isso é bem possível se o Poder Público municipal tiver



Relatório estima que a Paraíba possui, aproximadamente, 58 mil km de estradas vicinais, divididas em 23 microrregiões

interesse e tiver uma relação muito boa com as comunidades rurais”, opina.

Kennedy Guedes salienta que a manutenção preventiva é crucial, especialmente em períodos pré-chuvosos, para “não impedir o fluxo de mercaderia e de pessoas”, na região da vicinal. O especialista apresenta a formação de consórcios entre Municípios para adquirir maquinário e planejar a melhoria das estradas como uma das alternativas viáveis para diluir os custos.

“Faz um consórcio de cinco municípios, compra uma estrutura e faz esse planejamento para adequar essas estradas vicinais a um tráfego mais adequado, porque o custo é muito barato comparado com o benefício à população”, sugere o especialista, ao acrescentar que os problemas de conservação impactam, diretamente, a fluidez do tráfego e a economia rural. “Quanto mais tempo você mantiver esses veículos na estrada, maior é o custo do veículo de transporte e de manutenção, aumentando o custo da mercaderia”, diz.

Malha estadual

De acordo com o estudo da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, a Paraíba possui, aproximadamente, 58 mil km de estradas

vicinais, divididas em 23 microrregiões, que receberam classificações distintas no Índice de Priorização das Estradas Vicinais (Ipev), com base em suas produções agropecuárias. As microrregiões denominadas “Brejo Paraibano”, “Litoral Norte”, “Sapé”, “Litoral Sul” e “João Pessoa” foram consideradas as mais relevantes em termos de necessidade de investimentos, por terem “média produção” de cana-de-açúcar e no grupo de frutas e lavouras.

Os custos de mitigação dos problemas de infraestrutura nessas microrregiões são, segundo o panorama, de R\$ 18,26 milhões por ano, sendo R\$ 12,52 milhões (68,6% do total) para adequação da malha em condições precárias e R\$ 5,74 milhões (31,4%) para manutenção da malha em condições adequadas.

Se considerada toda a malha vicinal do estado, os custos anuais estimados são de R\$ 220,46 milhões, sendo R\$ 155,5 milhões (70,53%) para adequação das vias em situação precária e R\$ 64,96 milhões (29,46%) para manutenção daquelas que estão em boas condições.

Obras na Paraíba

Conforme informações do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB), ob-

tidas no Mapa de Obras da plataforma GeoPB, a Paraíba contabiliza 14 obras relacionadas à pavimentação e recuperação de estradas vicinais iniciadas de 2024 a 2025. Os investimentos previstos totalizam mais de R\$ 32 milhões.

Treze desses contratos estão sob jurisdição das Prefeituras de Alhandra, Arara, Cachoeira dos Índios, Cajazeiras, Junco do Seridó, Logradouro, Pedra Lavra-

da, Pocinhos, Poço de José de Moura, Riacho dos Cavalos, Rio Tinto, Tacima e Vieirópolis. Os orçamentos desses projetos variam de R\$ 24.013,01 a R\$ 917.330,72.

Porém, a maior cifra foi empenhada pelo Governo do Estado. Trata-se de quase R\$ 27 milhões, destinados à implantação e à pavimentação de 24,45 km de extensão da vicinal que liga o município de Boqueirão aos distri-

tos Campo Verde, Marinho e Floresta. A obra foi iniciada em 2024 e é executada pelo Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER-PB).

Essa ação estadual de melhoria da infraestrutura rural integra o programa Estradas da Cidadania. Conforme o diretor de Planejamento e Transportes do DER-PB, José Arnaldo Lima, o programa tem uma ênfase no “social, para gerar oportunidades de emprego e renda e, assim, melhorar a qualidade de vida da população rural residente em todas as regiões do estado”. De 2024 a 2025, a iniciativa investiu R\$ 188 milhões para a recuperação ou pavimentação de mais de 142 km de estradas vicinais.

O secretário da Infraestrutura e dos Recursos Hídricos, Deusdete Queiroga, destaca que, ao longo dos últimos oito anos de gestão, o Governo do Estado já investiu R\$ 5 bilhões no programa. “Foram contempladas algumas ligações importantes entre regiões e diversas estradas vicinais, que ligam as cidades aos distritos, as rodovias aos distritos”, destaca.

Saiba Mais

As estradas vicinais, mais conhecidas como estradas de terra, conectam as áreas de cultivo às principais rodovias e unidades portuárias do país. Sem revestimento asfáltico, elas são constituídas de materiais naturais da própria região.

“Ao contrário das estradas rurais ou interestaduais, federais e estaduais, [as estradas vicinais] não têm uma estrutura definida, sendo feitas em cima do greide [terraplanagem] e com uma drenagem preliminar, que você canaliza de maneira simples para os córregos e pontos de baixada”, explica o engenheiro civil Kennedy Guedes.

Essas vias, normalmente, ligam propriedades rurais às rodovias principais e ser-

viços essenciais, facilitando o escoamento da produção e o transporte de pessoas. Elas são classificadas em dois tipos: terciárias e não classificadas. As terciárias são estradas de terra batida, com largura suficiente para o trânsito de dois veículos em sentido oposto, simultaneamente. Já as não classificadas são vias mais estreitas que não permitem esse mesmo fluxo.

O Brasil possui em torno de 2,2 milhões de km de estradas vicinais. Conforme o Panorama das Estradas Vicinais no Brasil, os custos anuais necessários para mitigar problemas estruturais nas microrregiões prioritárias de cada estado giram em torno de R\$ 22,8 bilhões. O levantamento aponta,

ainda, um prejuízo anual de R\$ 16,2 bilhões no país, por conta das más condições dessas vias.

“As condições inadequadas de manutenção e trafegabilidade resultam em atrasos, aumento dos custos logísticos, perda de eficiência no transporte e redução da competitividade do agro brasileiro nos mercados interno e externo”, aponta o estudo.

Além dos danos econômicos, há um custo ambiental: estima-se que, devido à deterioração das estradas vicinais, 3,07 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> sejam lançados na atmosfera a cada ano, contribuindo, assim, para o aumento das emissões de gases de efeito estufa (GEE).



Foto: Arquivo pessoal

Existem muitas regiões, por exemplo, lá do Sertão, que ainda utilizam carro-pipa e o transporte da água é feito todo em estradas vicinais

Kennedy Guedes



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Estradas vicinais dependem de manutenções regulares e a falta de conservação dessas vias compromete o acesso da população rural a serviços essenciais



ANÁLISE TÉCNICA

# Política Nacional de IA tem falhas estruturais

Diagnóstico consta em relatório elaborado pelo senador Marcos Pontes (PL-SP)

Agência Senado

A Comissão de Ciência e Tecnologia (CCT) aprovou, na última semana, relatório com sugestões ao Poder Público para aperfeiçoar práticas voltadas ao desenvolvimento da inteligência artificial (IA) no Brasil. O texto, elaborado pelo senador Marcos Pontes (PL-SP), é resultado da avaliação do colegiado sobre a Política Nacional de Inteligência Artificial.

“A inteligência artificial deixou de ser apenas uma fronteira tecnológica, ela se tornou um dos principais fatores de transformação econômica, produtiva, científica e social em todo o mundo. Por isso, políticas públicas de inteligência artificial não podem ser improvisadas, tampouco dispersas, precisam ser coerentes, avaliáveis e juridicamente seguras e orientadas ao interesse público”, afirmou o relator.

A análise partiu de uma avaliação integrada de três instrumentos: a Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial (Ebia), o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (Pbia) e o Projeto de Lei (PL) nº 2.338/2023, que trata sobre o desenvolvimento e uso da inteligência artificial.

Segundo Pontes, o Ebia estabelece diretrizes estratégicas e princípios éticos alinhados às melhores práticas internacionais; o Pbia apresenta avan-



Foto: Arquivo/Agência Brasil

Falta de indicadores claros de resultados e impactos é um dos problemas citados no documento

ço importante e traduz visão estratégica em ações programáticas; e o PL nº 2.338/2023 dispõe sobre um marco regulatório amplo, moderno e equilibrado que dá segurança jurídica a empresas, pesquisadores, órgãos públicos e cidadãos.

Os resultados levaram em conta nove critérios: planos e objetivos; monitoramento e avaliação; institucionalização; participação; capacidade organizacional e recursos; planejamento e gestão orçamentária; coordenação e coerência; gestão de riscos e controle interno; e *accountability* (termo inglês usado para descrever práticas relacionadas a transparência e prestação de contas).

### Lacunas significativas

De acordo com o documento, os resultados apontam que a consolidação de uma política nacional de IA ainda demandará esforços significativos do Poder Público. Isso porque,

conforme Pontes, apesar dos avanços identificados, a avaliação revela lacunas estruturais que podem comprometer a efetividade da Política Nacional de Inteligência Artificial.

Segundo o relator, o Brasil reúne condições únicas para assumir posição de destaque na inteligência artificial global, uma vez que possui centros de pesquisas de excelência, sistemas públicos robustos, biodiversidade incom-

parável e tradição na produção científica responsável. No entanto, ele argumenta que esses ativos isoladamente não se sustentam, sendo necessário corrigir as falhas apontadas.

“A Política Nacional de Inteligência Artificial precisa evoluir de planos setoriais para uma verdadeira arquitetura de Estado, capaz de resistir ao tempo, aos ciclos políticos e ao dinamismo tecnológico”, defendeu Pontes.

## Saiba Mais

### Confira as falhas identificadas pelo relatório:

- Ausência de metas, indicadores e linhas de base: a estratégia brasileira e o plano brasileiro não apresentam metas quantificadas nem indicadores claros de resultado e impacto;
- Falta de governança unificada e coordenação interministerial;
- Fragilidade na gestão de dados e interoperabilidade

- (capacidade de diferentes sistemas e tecnologias trabalharem juntos);
- Capacidade limitada do Estado;
- Déicits na sustentabilidade financeira;
- Ausência de mecanismos formais de gestão de riscos e de auditoria algorítmica;
- Territorialização insuficiente.

## Sistema depende da gestão de dados seguros

O senador Marcos Pontes apontou como elemento central da avaliação a questão dos dados e da interoperabilidade. Segundo ele, só há inteligência artificial confiável e desenvolvimento tecnológico sustentável com a gestão de dados padronizados, seguros e interoperáveis.

O parlamentar destacou a área da Saúde, que pode se beneficiar da vigilância epidemio-

lógica em tempo real e da otimização logística. Para isso, ele argumenta que é preciso haver integração, documentação e governança responsável.

O relatório destaca o protagonismo dos centros de pesquisas aplicadas em inteligência artificial — criados, desde 2020, pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e seus parceiros —, que operam

como laboratórios nacionais que conectam universidades, governo e setor produtivo.

Segundo Pontes, os centros desenvolvem tecnologias aplicadas, treinam profissionais e testam, em ambiente controlado, padrões éticos e protocolos de governança de IA. A continuidade deles, explica o senador, depende de financiamento plurianual estável, in-

tegração federativa, métricas de desempenho transparentes e expansão para regiões ainda sub-representadas, como Norte e Centro-Oeste.

### Sugestões

As recomendações do relatório aprovado na CCT são:

- Instituir e coordenar um painel nacional de indicadores de inteligência artificial;
- Estabelecer mecanismo de financiamento plurianual para os centros de inteligência artificial;
- Implementar programas de formação técnica e científica em inteligência artificial;
- Criar instância interministerial permanente de coordenação da Política Nacional de Inteligência Artificial;
- Desenvolver normas complementares sobre auditoria algorítmica e avaliações de impacto em inteligência artificial;
- Integrar a Política Nacional de Inteligência Artificial às agendas de inovação industrial.

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## Microcrônicas (22)

Sou forçado a usar o detestável termo “responsabilidade afetiva”, mas preciso urgentemente visitar velhos amigos, como o nosso professor Zenito Oliveira, que fez 90 anos de idade.

Ele foi o primeiro presidente da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz em Itabaiana. É urgente rever quem estimamos. Sinto os laços de amizade muito mais frouxos ultimamente.

### Antes que sejamos arrebatados. Amém?

Encontrei, por acaso, um livro bom para quem quer resolver os problemas ligeirinho: “Como fazer pacto com o Demônio e dele obter tudo o que se quer”.

### Na internet se vê de tudo.

Tenho um amigo que vai lançar um livro de capa dura. Vou morrer sem ter o prazer de exhibir um livro de capa rígida. Ultimamente, é só brochura...

As críticas são necessárias. Se mais pessoas tivessem me criticado, como faz rotineiramente Maciel Caju, talvez eu fosse um grande leitor, não um autor medíocre de brochuras. Destrua sonhos artísticos, sim!

“Alexandre de Moraes resignificou a calvície no Brasil” (No Bluesky).

Mais uma estocada de Maciel Caju: “Caro senhor Mozart, não existe cena de sexo mais desnecessária do que aquela em que seus pais conceberam você”.

Você acha justo uma professora pagar mais imposto do que um milionário? Aquela senhora da rede social acha.

Alguém me diagnosticou com autismo. Desconfio que acordar de madrugada para redigir essas microcrônicas seja um sinal de autismo em adulto.

Saudade do meu amigo professor Flávio Calemba, de Itabaiana. Há dois anos, ele me ligou às duas da madrugada com uma conversa estranha. Queria que eu tomasse conta de sua Rádio Massa. No mesmo dia, foi atropelado por um caminhão e morreu.

Flavinho foi candidato a prefeito de Itabaiana duas vezes, pelo Partido Comunista e pelo Partido Verde. Foi expulso de ambos, por excesso de liberdade. Calemba era o máximo!

Manchete dos jornalões: fala de Lula aumenta nervosismo no mercado. Sonsinho comprovou isso no dia a dia: “Passei no mercado de Mangabeira e tava todo mundo meio nervoso mesmo. Até a moça da verdura me tratou mal”.

Neste fim de ano, gostaria de receber de presente uma agenda que realmente organizasse a vida, com uma visão abrangente e flexível do meu caos particular.

Por exemplo, quando as coisas começarem a piorar na cabeça e nos pés, pular logo para fevereiro que sempre será Carnaval.

“O mundo abandonou a Palestina. Não fizemos absolutamente nada! Permitimos que destruíssem um povo inteiro” (Pep Guardiola).

“Sou um mambembe não remunerado da cultura de rua. Tenho ímpetos homicidas quando vejo um estúpido cagando regras e vomitando o que mal leu de outros idiotas nas tais mídias sociais” (O bebinho, tio de Ameba).



Foto: Andressa Anholite/Agência Senado

Relator do texto, Pontes indicou caminhos para o aperfeiçoamento da política pública

Columnista colaborador



CENSO DEMOGRÁFICO

Migração interna sofre mudanças

Pela primeira vez, a Paraíba registrou saldo positivo, enquanto São Paulo e Rio de Janeiro perderam moradores

Henrique Giacomini  
Agência USP

Segundo dados do Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 29 milhões de brasileiros vivem fora do estado em que nasceram. Além disso, 19,2 milhões de brasileiros habitam uma região diferente da sua terra natal, sendo que, desses, 10,4 milhões nasceram no Nordeste. Os processos de mobilidade entre diferentes regiões do país e de um mesmo estado são conhecidos como migrações internas e impactam diretamente a cultura e os modos de produção econômicos de um país.

Para além dos êxodos rurais e da imagem marcante dos retirantes, os processos migratórios internos são complexos e distribuídos ao longo do tempo. Embora no passado tenham se consoli-



Foto: Arquivo pessoal

A gente sempre vai ver nesses processos essas redes migratórias que vão acolher, que vão sinalizar possibilidades

Carlos de Almeida Toledo

Início da indústria automobilística contribuiu para a corrida ao Sudeste

Dentro dos processos migratórios, a Região Sudeste teve destaque como um dos principais destinos migratórios, especialmente o eixo Rio-São Paulo, devido ao processo de industrialização. O professor Paulo Feldmann, do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) da USP explica: “Começou com setores bem elementares, têxtil, calçados, brinquedos. Mas teve um impulso muito grande quando Juscelino Kubitschek virou presidente, em 1956. Porque o Juscelino conseguiu trazer para o Brasil as mais importantes fábricas de automóveis da época, a maioria para São Paulo. Foi um avanço que a indústria teve muito grande. Cresceu e se espalhou pelo Brasil todo, mas o início foi realmente no ABC, no estado de São Paulo”. Embora a maior parte das migrações do século passado tenha acompanhado o cres-

cimento da indústria e consequentemente se dirigido à Região Sudeste, é importante pensar em outros destinos que surgiram nesse momento. Brasília, por exemplo, passou por um processo de industrialização que não condiz necessariamente com a criação de indústrias na região, mas, sim, com os serviços que se organizaram em torno da capital. Além disso, dentro da Região Nordeste, Salvador, Recife e Fortaleza são exemplos de cidades que também tiveram crescimento significativo, sendo destinos migratórios e concentrando até hoje setores industriais importantes. Sobre os retirantes nordestinos, imagem marcante no imaginário nacional quando o assunto é migração, Carlos Toledo comenta: “A seca cria condições difíceis de reprodução, mas nós não estamos falando de um movimento que é só seca, porque seca houve em outros momentos históricos, e ele implicou, certamen-

te, movimentos populacionais do Semiárido. Eles não tinham ainda esse destino rural-urbano tão estabelecido, e acho que se ater à condição do retirante da seca, para explicar as migrações internas, soa um pouco caricato. Foi muito mais amplo do que isso. Acho que a existência do processo de urbanização, de industrialização é relevante para que não se restrinja a um momento de seca e as redes migratórias se estabeleçam e se solidifiquem”. ■ Dentro da Região Nordeste, Salvador, Recife e Fortaleza são destinos migratórios importantes até hoje



Foto: Fernando Freixo/Agência Brasil

Segundo o IBGE, 29 milhões de brasileiros vivem fora do estado em que nasceram; embora tenha perdido habitantes, SP ainda concentra maior população de migrantes

Do lado do fluxo negativo, o Rio de Janeiro registrou o pior saldo migratório do Brasil, com os emigrantes tendo seus destinos principais dentro da própria região. Foi o primeiro saldo negativo do estado, com menos 61 mil habitantes, desde que o indicador começou a ser pesquisado.

Fundamento histórico

Segundo Carlos de Almeida Toledo, professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), os flu-

xos migratórios internos do país começaram a ganhar força na virada do século 19 para o século 20. “Mas eu diria que a migração rural-urbana significativa tem a ver com o nacional desenvolvimentismo, com projeto de industrialização. Portanto, acho que estabelecer um marco de 1930 para essa virada é importante, porque o Estado é muito relevante para esse processo de industrialização”, complementa o professor. Ele ainda diz que, a partir da década de 50, é possível observar uma intensificação desse processo, com seu período mais signi-

ficativo até a década de 80. Outro processo destacado pelo professor é a criação de redes migratórias. Por meio dessas redes, os migrantes encontram apoio e caminhos possíveis para se estabelecer numa nova região. Ao longo do tempo, algumas redes se consolidam, tornando certos destinos ou regiões mais atraentes dentro desses fluxos, seja pelo apoio de parentes, contrerâneos ou por outros setores da sociedade. “A gente sempre vai ver nesses processos essas redes migratórias que vão acolher, que vão sinalizar possibilidades”.

Migrantes buscam trabalho, mas também querem mais segurança

Com as mudanças na divisão do trabalho e os processos de desindustrialização do país, o perfil das atividades econômicas mudou e hoje se concentra no setor de serviços. Segundo Feldmann, hoje, os destinos econômicos estão mais descentralizados. “Mas, em geral, as capitais mais importantes estão, sem dúvida, no Sudeste ou no Sul. Setores mais avançados, que envolvem uso de alta tecnologia, inteligência artificial, continuam aqui, principalmente em São Paulo. Muita gente vem de fora, de outros estados para cá por causa disso”. Embora ainda seja o destino com maior número de migrantes, a Região Sudeste teve seu primeiro saldo migratório negativo desde 1991, com as regiões Sul e Centro-Oeste sendo as únicas regiões com saldo migratório positivo (mais migrantes chegando do que

saindo). Desde 1991, o Centro-Oeste tem apresentado o segundo maior saldo migratório regional. Essa tendência da região pode ser explicada por fatores estruturais, como a expansão agrícola, investimentos em infraestrutura e o fortalecimento dos polos urbanos da região. Sobre os motivos das imigrações, Feldmann completa: “Eu diria que trabalho, sem dúvida, é muito importante, qualidade de vida também. Mas tem um outro componente que deveria entrar agora, que é a segurança. Eu acho que as pessoas também migram, principalmente do Rio de Janeiro, saem do Rio de Janeiro, por medo dos assaltos, roubos etc., da violência. Você tem pessoas que saem de algumas cidades, de algumas capitais, principalmente nordestinas e do Rio de Janeiro, por medo da violên-

cia. Eu diria que esse é um motivo importante”.



Foto: Arquivo pessoal

Eu acho que as pessoas também saem do Rio de Janeiro por medo dos assaltos, roubos etc.

Paulo Feldmann



EDITAIS NA PARAÍBA

PM, Bombeiros e Ebserh têm vagas

São três opções de seleção que combinam formação superior, dedicação integral e remuneração crescente

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A segunda quinzena de dezembro chega com duas oportunidades importantes para quem deseja fazer parte das Forças de Segurança da Paraíba. A Polícia Militar (PMPB) e o Corpo de Bombeiros Militar (CBM) abriram novos concursos para o Curso de Formação de Oficiais, etapa inicial da trajetória dentro das corporações. São editais que combinam formação superior, dedicação integral e remuneração crescente, atraindo candidatos que buscam estabilidade, desenvolvimento profissional e uma jornada marcada por estratégia e rotina operacional. Em paralelo, a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) abriu um novo processo seletivo para médicos infectologistas no Hospital Universitário Júlio Bandeira, ligado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no município de Cajazeiras.

CFO-PM 2026

Muito aguardado pelos concurseiros, o edital da PMPB conta com 30 vagas para o Curso de Formação de Oficiais (CFO), destinadas ao Quadro de Oficiais do Estado-Maior. Para concorrer, é necessário ter Ensino Superior completo, idade de 18 a 32 anos até 31 de dezembro de 2025 — ou até 40 anos no caso de integrantes da própria corporação —, além de altura mínima de 1,60 m para homens e 1,55 m no caso de mulheres. As inscrições se-

guem abertas até 23 de dezembro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site da Polícia Militar ([www.pm.pb.gov.br](http://www.pm.pb.gov.br)), mediante taxa de R\$ 120.

A classificação dos candidatos será feita com base na nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem 2025) e exames complementares de saúde, aptidão física e avaliação psicológica. Durante os três anos de formação na Academia de Polícia Militar do Cabo Branco, em regime de dedicação exclusiva, o cadete recebe uma remuneração progressiva que começa em R\$ 3 mil e chega a R\$ 3,6 mil ao final. Após a conclusão, ele passa a receber R\$ 6,7 mil como aspirante a oficial. Já na posição de segundo-tenente, o salário é de R\$ 8,7 mil. O resultado do concurso será divulgado em 22 de janeiro de 2026.

CFO-BM 2026

Já no Corpo de Bombeiros, são 15 vagas para o CFO, sendo 12 de ampla concorrência e três reservadas a candidatos negros. Podem participar candidatos com idade de 18 a 32 anos e altura mínima de 1,60 m para homens e 1,55 m para mulheres. Também é necessário ter diploma de Ensino Superior. Assim como na PMPB, o processo parte da nota obtida no Enem 2025 e incluirá avaliação psicológica, exames de saúde e teste de aptidão física. Todo o curso será realizado na Academia de Bombeiro Militar Aris-tarcho Pessoa, na capital paraibana, em regime integral. Ao final, os cadetes saem com



Corpo de Bombeiros tem 15 vagas para o CFO, sendo 12 de ampla concorrência e três reservadas a candidatos negros

o título de Engenheiro de Segurança Contra Incêndio e Pânico.

Para participar, os interessados devem acessar o site da corporação ([bombeiros.pb.gov.br](http://bombeiros.pb.gov.br)) até 26 de dezembro e efetuar a inscrição. A taxa cobrada é de R\$ 120. Quanto à remuneração, os candidatos começam ganhando R\$ 3 mil no primeiro ano de curso até chegar a R\$ 6,7 mil como aspirante a oficial. Já no posto de segundo-tenente do Corpo de Bombeiros Militar, após o estágio probatório, o vencimento passa para R\$ 8,7 mil.

HUJB-UFCG

Vinculado à UFCG, o Hospital Universitário Júlio Ban-



Use o QR Code para acessar o edital da Ebserh

deira, em Cajazeiras, divulgou um novo processo seletivo simplificado para duas vagas de médico infectologista, com jornada de 24 horas semanais e remuneração de R\$ 11,4 mil. Para participar, o candidato deve possuir graduação em Medicina, residência médica ou título



Use o QR Code para acessar o edital dos Bombeiros

de especialista em Infectologia e registro no Conselho Federal de Medicina (CFM).

As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até 21 de dezembro pelo portal da Ebserh ([www.gov.br/ebserh](http://www.gov.br/ebserh)) — para isso, localize na página o Edital nº 030/2025, ligado ao proces-



Use o QR Code para acessar o edital da Polícia Militar

so seletivo público simplificado do HUIJB-UFCG. De acordo com o documento, a seleção será realizada por meio de análise de currículo, títulos e experiência profissional. O resultado definitivo da seleção será divulgado em 19 de janeiro do próximo ano.

Trabalho do policial militar vai além das rondas ostensivas

No imaginário coletivo, ser policial militar é estar sempre na linha de frente, patrulhando a cidade ou atendendo a ocorrências que exigem resposta imediata. Mas a profissão vai muito além do enfrentamento do crime. A rua é apenas a primeira camada de uma carreira complexa, sustentada por múltiplas competências e por áreas que, muitas vezes, o público nem vê. Há equipes dedicadas à comunicação, à inteligência e à tecnologia, assim como grupos especializados em radiopatrulha, cavalaria e canil, além das funções administrativas que mantêm a estrutura funcionando. A primeiro-tenente Natália Rafaelle Campos de Oliveira, que percorreu diferentes caminhos dentro da corporação, conhece bem essa versatilidade. “A Polícia Militar é uma instituição muito diversa. Podemos ter nossas diversas habilidades exploradas dentro desse universo, sempre a serviço do cidadão paraibano”, resume.

Multiplicidade

São múltiplos caminhos que coexistem sob a mesma farda. Basta observar a história dela para entender a amplitude do trabalho. Antes de chegar ao setor de Comunicação Social do Batalhão Especializado em Policiamento Turístico da Paraíba (BEPTur),



Oficial atuou em várias funções da Cavalaria da polícia

Natália passou pela Força Tática, atuou na Cavalaria, ministrou aulas, coordenou cursos de policiamento montado, participou de operações a cavalo, competiu em hipismo representando a corporação e integrou o Espaço Viver Bem, voltado ao apoio emocional dos policiais.

Essa versatilidade, segundo ela, além de provar que a carreira não tem uma trilha única possível, torna o curso de formação ainda mais exigente, funcionando quase como um rito de passagem. Natália conta que as primeiras semanas são intensas, marcadas pela adaptação à doutrina militar e às normas

de comportamento, que diferem da maior parte das carreiras. “As primeiras semanas são mais puxadas. É nesse momento que o candidato vai decidir se é isso que ele quer”, explica, ressaltando que muitos só percebem ali se desejam permanecer.

Formação

O curso de formação reúne disciplinas como tiro, defesa pessoal, meios não letais, legislação, gerenciamento de crises e mediação de conflitos — conteúdos que, segundo a oficial, preparam o futuro policial para situações que mudam subitamente e exigem respostas rápidas.

Não por acaso, a jornada militar surpreende muitos recém-ingressos, especialmente aqueles que imaginavam encontrar um expediente tradicional ou de meio período, como acontece no serviço público. Para a tenente, escalas de 24 horas, plantões prolongados e a própria lógica da Polícia Militar, com suas

regras, ritos e responsabilidades, costumam representar um primeiro choque. “O militarismo acaba surpreendendo alguns candidatos que esperam um cargo público comum. Mas a gente tem essa diferença de ser uma força auxiliar ao Exército Brasileiro. Existe toda uma normativa”, acrescenta.

A preparação é rigorosa e, segundo Natália Rafaelle, já começa no concurso. Para ela, não basta dominar o conteúdo da prova escrita: é necessário ter equilíbrio entre corpo e mente, além de estar com a saúde em dia para passar nos exames psicotécnico e físico. “Sem estar apto em todos os testes, o candidato não poderá ingressar na força policial”, reforça. Esse conjunto de exigências, diz ela, é o que define quem chega ao CFO com maturidade suficiente para enfrentar a intensidade que o aguarda como cadete.

Um dos pontos que a tenente mais enfatiza é o impacto desse treinamento no controle emocional. De acordo com a oficial, as simulações e repetições não servem apenas para aperfeiçoar a técnica, mas para criar um repertório capaz de reduzir o estresse quando as ocorrências se tornarem reais. “Por já ter simulado esse estresse, naturalmente ficamos menos expostos a ele e menos perdidos”, explica. Na prática,

são esses elementos que moldam a rotina de quem veste a farda. Em um único turno, um policial militar pode mediar conflitos, atender a uma ocorrência grave, lidar com demandas administrativas e retornar à rua em poucos minutos. “Todo mundo tem a mesma visão do que é a polícia e, quando entra, percebe que é um universo”, afirma. E esse universo é múltiplo.

Oportunidade na Paraíba

Para quem se identifica com essa multiplicidade de caminhos que a primeira-tenente Natália Rafaelle descreve, o CFO da PMPB é, justamente, o início dessa jornada. O ingresso acontece na graduação de cadete, em um período de formação que combina rotina intensa, técnica e o primeiro contato real com a doutrina militar. Ao concluir os três anos com bom aproveitamento, o aluno é declarado “aspirante a oficial” e passa a viver, de fato, a dinâmica da profissão. A promoção a segundo-tenente chega após o estágio probatório e o cumprimento das exigências legais, embora o primeiro colocado geral avance diretamente para o posto no dia em que se torna aspirante. Vale lembrar que todos os candidatos passarão por avaliações de saúde física e mental, exames clínicos e laboratoriais, além de provas físicas.

Foto: Divulgação/Bombeiros

Fotos: Natália Campos/Arquivo pessoal



<b>Selic</b>  Fixado em 10 de dezembro de 2025  <b>15%</b>	<b>Salário mínimo</b>  <b>R\$ 1.518</b>	<b>Dólar \$ Comercial</b>  <b>+0,11%</b> <b>R\$ 5,410</b>	<b>Euro € Comercial</b>  <b>+0,14%</b> <b>R\$ 6,353</b>	<b>Libra £ Esterlina</b>  <b>+0,01%</b> <b>R\$ 7,243</b>	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %) Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26	<b>Ibovespa</b>  <b>160.766 pts</b>  <b>+0,99%</b>
--	---	--	--	---	---	--

PARAIBANOS NA BOLSA

Em quatro anos, número de investidores cresceu 81%

Havia 55.908 pessoas físicas do estado com contas na B3 em novembro

Pedro Alves  
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A cada ano que passa, os brasileiros voltam mais seus olhos — e seus bolsos — para a Bolsa de Valores (B3), tornando-se investidores no mercado financeiro. Na Paraíba, não tem sido diferente. Em quatro anos, a quantidade de investidores paraibanos cresceu 81,4% na B3. Em novembro de 2021, eram 30.827 investidores da Paraíba na bolsa brasileira. Já em novembro de 2025, 55.908 pessoas físicas do estado integram o ecossistema financeiro, totalizando 62.885 contas.

Em relação aos valores investidos, em novembro de 2021, os paraibanos somavam R\$ 1,7 bilhão em custódia na bolsa brasileira. No levantamento realizado pela B3 até novembro deste ano, já são R\$ 2,54 bilhões custodiados em nome de pessoas físicas do estado.

Uma dessas pessoas é Caio Junqueira, professor universitário. O docente passou a investir em 2019 quando precisou fazer um trabalho na universidade sobre como viabilizar economicamente a implementação de sistemas fotovoltaicos. Foi nesse momento que começou a se familiarizar com o tema econômico e viu crescer seu interes-

se pelo assunto, aprendendo e investindo, inicialmente, com a renda fixa.

“Por conta da demanda acadêmica que tive, precisei ter esse contato com a área econômica. Comecei a ler sobre o tema e a entender que, por exemplo, eu poderia emprestar dinheiro para o governo, nesse caso da renda fixa, com o Tesouro Direto, e o governo iria me pagar aquele valor com um juro, baseado em uma taxa específica. A partir daí, fiquei mais interessado e fui entender também sobre a renda variável”, relatou Caio.

Perfil

Na comparação dos perfis, um se sobressai na quantidade de investidores: são homens de 25 a 39 anos, que somam 38,6% dos paraibanos que investem na Bolsa de Valores. Ao todo, há 21.580 pessoas com esse perfil, que têm investido um montante de R\$ 452,5 milhões.

Por outro lado, há uma faixa etária que, embora com menor número de representantes, detém 42,4% do valor integral investido por paraibanos. Trata-se dos homens de 40 a 59 anos, que representam um total de 14.201 investidores pessoas físicas do estado e custodiam um montante de aproximadamente R\$ 1,08 bilhão.

Existem ainda 299 pessoas de até 17 anos de idade da Paraíba, do sexo masculino, que investem na bolsa, totalizando R\$ 4,2 milhões de valor investido em ativos por meio da B3. Ainda segundo o levantamento, 4.974 investidores são homens de 18 a 24 anos, com R\$ 23,3 milhões sob custódia da bolsa brasileira. Por fim, ainda no recorte do gênero masculino, 2.251 dos investidores paraibanos com 60 anos ou mais têm mais de R\$ 458,7 milhões investidos.

Mulheres

Atualmente, 22,5% das pessoas físicas paraibanas cadastradas e que investem na Bolsa de Valores são mulheres. O

perfil de investidora que detém o maior volume de investimentos é a das cidadãs de 40 a 59 anos, assim como o observado entre os homens. São 4.392 mulheres nessa faixa etária que investem na bolsa brasileira, totalizando R\$ 217,6 milhões em custódia.

O perfil financeiro é semelhante. Nesse grupo, estão pessoas mais maduras, que, além de terem tido acesso a mais informações sobre mercado financeiro, também já tiveram mais tempo de trabalho, de acúmulo de renda e, por conta das trajetórias profissionais mais consolidadas, estão em cargos com salários maiores.

Logo atrás desse perfil, em relação ao valor de custódia, vem o da mulher com 60 anos de idade ou mais. São 1.215 paraibanas, nessa faixa etária, investidoras na B3, totalizando R\$ 191,6 milhões.

A faixa de idade que tem a maior quantidade de pessoas físicas investindo, entre as mulheres paraibanas, é a de 25 a 39 anos. São 5.945 investidoras paraibanas nessa fase da vida, custodiando um valor somado de R\$ 101,6 milhões. Mulheres paraibanas dos 18 aos 24 anos que investem na bolsa são 867, que totalizam R\$ 5 milhões em investimentos. Já menores de idade do sexo feminino na bolsa são 184, com R\$ 10,5 milhões em custódia na B3.

“Com a Selic a 15% e juros reais de 10%, a renda fixa proporciona retorno competitivo com liquidez, permitindo flexibilidade para aproveitar oportunidades que surjam de eventuais correções. Mas hoje existe uma expectativa consolidada de queda dos juros. Esse cenário cria um ambiente favorável para ações, especialmente nos setores sensíveis à taxa de juros, que podem se valorizar com a queda”, analisou o estrategista de ações Filipe Villegas.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O que está por trás da Selic em 15%?

A última reunião do Copom confirmou a manutenção da taxa Selic em 15% ao ano. Essa decisão vai muito além de um movimento técnico da política monetária. Trata-se de um recado claro sobre o momento da economia brasileira e sobre os riscos que ainda cercam o cenário macroeconômico. Estamos diante de um patamar de juros extremamente elevado, um dos maiores das últimas duas décadas, que cumpre o papel de conter a inflação, mas cobra um preço alto da atividade econômica, do crédito e da vida financeira de milhões de brasileiros, empresas e entes públicos.

Apesar dos sinais recentes de desaceleração da inflação, especialmente no acumulado em 12 meses, o Banco Central tem sido enfático ao afirmar que o problema não está apenas no índice, mas nas expectativas. A inflação de serviços segue resistente, o mercado de trabalho permanece aquecido e o ambiente internacional continua instável. Em economias como a brasileira, essa combinação exige cautela. Cortar juros cedo demais pode significar perder o controle de um processo inflacionário que, uma vez desancorado, custa caro para ser revertido.

Há também um componente central nessa decisão: o risco fiscal.

“

Planejamento e leitura estratégica tornam-se essenciais para atravessar um ambiente de juros elevados com maior segurança

Mesmo quando não aparece de forma explícita nos comunicados, ele está presente na condução da política monetária. A incerteza quanto à trajetória da dívida pública, ao cumprimento das metas fiscais e à sustentabilidade das contas do governo pressiona o prêmio de risco do país. Na prática, isso obriga o Banco Central a manter juros mais altos por mais tempo para compensar

essa desconfiança e preservar a estabilidade macroeconômica.

Na economia real, os efeitos são evidentes. O crédito segue caro, o consumo perde fôlego e os investimentos produtivos são adiados. Para pequenos e médios empresários, o custo financeiro torna-se um obstáculo relevante ao crescimento. Para o setor público, os juros elevados ampliam o custo da dívida e reduzem o espaço para políticas públicas e investimentos estruturantes. Trata-se de um ciclo que se retroalimenta e limita o potencial de crescimento do país.

Por outro lado, esse cenário favorece determinados perfis de investidores. A renda fixa permanece atrativa, oferecendo retornos elevados com baixo risco, o que explica a migração de recursos para títulos atrelados à Selic. Embora racional do ponto de vista individual, esse movimento reforça o desafio coletivo de estimular investimentos de longo prazo e criar condições para uma retomada mais consistente do crescimento econômico.

A grande questão passa a ser quando esse ciclo começará a mudar. As expectativas indicam que o início de um processo de corte deve ocorrer apenas em 2026 e de forma gradual. Ainda assim, o mercado elevou recentemente suas projeções para a Selic, sinalizando que a cautela seguirá presente. Mesmo após os primeiros ajustes, a taxa deve permanecer em nível contracionista por período prolongado. Soma-se a isso o fato de que o próximo ano será eleitoral, historicamente associado a maior flexibilidade fiscal. Diante desse cenário, planejamento e leitura estratégica tornam-se essenciais para atravessar um ambiente de juros elevados com maior segurança.



Por meio de 62.885 contas, investidores paraibanos custodiam R\$ 2,54 bilhões na Bolsa

Foto: Daniel Teixeira/Estádio Contêido

Foto: Arquivo pessoal



Caio começou pela renda fixa e se interessou pela B3

Empresas e fundos imobiliários são destaque

No Brasil, a maior parte dos investidores prefere aplicar o dinheiro na renda fixa. De acordo com a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), 60% das pessoas físicas têm ativos desse tipo, o que indica que o investidor brasileiro é mais conservador. Principalmente quando a conjuntura é favorável, a exemplo da atual, com a taxa Selic alta, em 15%.

É possível investir na renda fixa na Bolsa de Valores por

meio de ETFs (sigla, em inglês, para Fundos de Índice), mas a maior parte de investimentos dessa ordem é realizada em bancos tradicionais, corretoras financeiras e nos bancos digitais, de modo que a renda variável é a grande expertise da bolsa. Na B3, é possível investir em ações de empresas brasileiras e internacionais, Fundos de Investimento Imobiliário (FIIs) brasileiros e em outros ativos.

Dos 10 ativos mais investidos por paraibanos na B3, cin-

co são de empresas brasileiras e cinco são de fundos imobiliários. O FII com mais investidores de toda a B3, o MXRF11, é também o queridinho dos paraibanos, com 17.100 investidores, gerando R\$ 31,3 milhões.

Em segundo lugar, vem o Banco do Brasil, sob o ticker — ou código de negociação — BBAS3. O ativo é o que recebeu mais aportes dos investidores da Paraíba. São 14.164 sócios no estado, totalizando R\$ 147,1 milhões investidos no banco.



ORÇAMENTO FEDERAL

# Legislativo tem papel fundamental

*Desde o Império, parlamentares estão envolvidos, com maior ou menor influência, na alocação dos recursos*

Ricardo Westin  
*Agência Senado*

Embora seja elaborado pelo governo, o Orçamento federal não é responsabilidade exclusiva do Poder Executivo. O Poder Legislativo exerce um papel decisivo nesse processo. Isso porque cabe aos senadores e deputados, além de discutir e votar o projeto de lei enviado anualmente pela Presidência da República, modificá-lo quando necessário — principalmente por meio das emendas parlamentares.

A economista Ursula Peres, professora da Universidade de São Paulo (USP) e do Centro de Estudos da Metrópole (CEM), afirma que a atuação do Parlamento no processo orçamentário é essencial. “O Congresso é, por excelência, o espaço do conflito democrático. É nele que diferentes interesses e visões de sociedade se confrontam e se equilibram, produzindo decisões sobre o que fazer, quanto arrecadar e como distribuir os recursos públicos. Esse conflito é a força que torna o Orçamento mais legítimo e representativo, pois traduz a diversidade da sociedade em escolhas concretas de política pública”, explica.

O Orçamento federal indica quanto o governo espera arrecadar em tributos ao longo do ano e como pretende usar esses recursos para manter a máquina pública funcionando e custear serviços para a população. As emendas parlamentares, hoje um dos principais instrumentos de distribuição de recursos federais para estados e municípios, são aplicadas principalmente em projetos locais de saúde, educa-

ção, infraestrutura urbana e assistência social.

Histórico

O Parlamento participa do processo orçamentário desde os primórdios do Brasil independente, de forma cada vez mais decisiva. Ao longo da história, o Orçamento nacional precisou quase sempre do aval do Poder Legislativo para ser executado, mas o grau de influência dos parlamentares na destinação das verbas variou conforme o momento político.

Em momentos de autoritarismo, os senadores e deputados tiveram pouca ou nenhuma voz no Orçamento. Em momentos democráticos, por outro lado, o poder decisório esteve compartilhado entre o Executivo e o Legislativo.

O Senado e a Câmara nasceram, em 1826, já com a atribuição de votar a pro-

posta de Orçamento elaborada pelo governo. No Império (1822-1889), apesar de o Brasil ser uma monarquia constitucional (e não absolutista), os parlamentares tinham pouca margem de interferência, restando-lhes basicamente endossar o projeto redigido pela equipe do primeiro-ministro.

Na época, a arrecadação provinha, entre outras fontes, do lucro das empresas estatais — como a Fábrica da Pólvora e a Estrada de Ferro D. Pedro II — e dos tributos pagos na exportação de café e no registro de pessoas escravizadas. O Orçamento destinava o dinheiro recolhido, por exemplo, à catequização de indígenas, à manutenção do Presídio da Ilha de Fernando de Noronha e à cobertura dos gastos diários da família imperial.

Foi na Primeira República (1889-1930) que os par-

lamentares passaram a ter peso no Orçamento, quando as emendas foram criadas. Nesse período de presidencialismo forte, o Senado e a Câmara desempenhavam um papel limitado no processo orçamentário. Muitas das emendas parlamentares eram rejeitadas pelos relatores, quase sempre ligados ao grupo oligárquico no poder.

Durante a Era Vargas (1930-1945), houve um retrocesso. A elaboração do Orçamento federal passou integralmente para as mãos do presidente da República, que pôde arrecadar e gastar os recursos públicos livremente. Isso ocorreu porque Getúlio Vargas governou como ditador na maior parte dos 15 anos de governo e, à exceção do curto período de 1934 a 1937, o Brasil não teve Senado nem Câmara.

O Poder Legislativo foi reaberto em 1946 e, com

isso, o processo orçamentário voltou a ser compartilhado entre o presidente e os parlamentares. Nesse período democrático, conhecido como República de 1946 (1946-1964), as emendas parlamentares ainda tinham um alcance limitado se comparadas ao poder que adquiririam décadas mais tarde. Nem sempre eram aprovadas e, quando eram, por vezes não saíam do papel por decisão do governo.

O golpe de 1964 marcou uma nova ruptura na parceria entre o Executivo e o Legislativo na moldagem do Orçamento federal. Ao contrário da ditadura de Vargas, a Ditadura Militar (1964-1985) manteve o Poder Legislativo aberto, mas sob controle, para criar a ilusão de normalidade democrática. Apenas formalmente os parlamentares contavam com a prerrogativa de apresentar emendas

ao projeto e modificá-lo. Na prática, não decidiam nada. As regras inviabilizavam as emendas, e o governo militar usava os senadores e deputados para simplesmente legitimar o Orçamento produzido pelo Ministério do Planejamento.

Com a redemocratização, em 1985, o Poder Legislativo ganhou a prerrogativa de participar ainda mais ativamente da moldagem do Orçamento federal: passou a poder modificar quase toda a proposta do Poder Executivo. A Constituição de 1988 estabeleceu que as emendas parlamentares não podem aumentar a despesa sem indicar a correspondente fonte de receita e, ao mesmo tempo, precisam ser compatíveis com o Plano Plurianual (PPA) e a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) — leis que orientam a elaboração do Orçamento anual e garantem a viabilidade e a continuidade de políticas públicas. O Parlamento, aliás, analisa e aprova os projetos do PPA e da LDO, elaborados pelo governo, o que confere aos congressistas ainda mais peso no processo orçamentário.

## Restrição

**Durante períodos autoritários, como o Império e a Ditadura Militar, o Parlamento pouco interferia no Orçamento, com sua ação limitada apenas à aprovação formal**

## Poderes do Congresso aumentaram após 1988

O economista James Giacomoni, professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB) e consultor orçamentário aposentado do Senado, lembra que, no atual período democrático, o episódio mais marcante envolvendo o Orçamento federal foi a investigação conduzida por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Câmara de 1993 a 1994, que apontou o uso de emendas para desviar recursos públicos. Foi a CPI dos “Anões do Orçamento”, que pediu a cassação do mandato de 18 deputados federais.

“O período da Ditadura Militar, em que foi negada aos parlamentares uma atuação relevante nas leis orçamentárias, deixou o Senado e a Câmara desinteressados e institucionalmente desaparelhados para o trato dessa questão. A Comissão Mista de Orçamento [do Congresso] passou a aplicar as determinações da nova Cons-

tituição sem experiência e regras adequadas. A CPI apresentou várias conclusões e recomendações úteis para o aperfeiçoamento do trabalho do Parlamento”, comenta.

Uma mudança feita na Constituição em 2015 aumentou o poder do Congresso no processo orçamentário. O Executivo passou a ser obrigado a executar uma parte das emendas parlamentares. Até então, o governo podia escolher quais emendas liberar, quando e que valor. O Orçamento, nesse ponto, deixou de ser autorizativo e tornou-se impositivo.

As decisões tomadas pelos senadores e deputados relativas ao Orçamento federal são embasadas por audiências públicas — nas quais são ouvidos ministros, presidentes de órgãos públicos, especialistas e representantes da sociedade civil — e por estudos técnicos realizados pelas Consultorias de Orçamento do Senado e da Câmara.

## Emendas são legítimas, mas ainda há falhas

A economista Ursula Peres, da USP, explica por que existe hoje uma imagem ruim das emendas parlamentares. “As emendas passaram a ser percebidas como algo negativo e desviante em decorrência da CPI dos ‘Anões do Orçamento’ e do caráter de disputa e barganha que permeia o processo orçamentário, embora não constituam necessariamente um instrumento nocivo”, defende.

De acordo com ela, as emendas patrocinadas por senadores e deputados atendem a interesses legítimos dos municípios mais pobres, que, por vezes, têm dificuldade para obter recursos federais, e até mesmo a demandas de uma parte do próprio governo — em especial dos ministérios com orçamentos reduzidos, como o da Cultura e o das Mulheres. “A atual forma de utilização das emendas, porém, é inadequada. Com tantas e distintas destinações, os recursos do Orçamento acabam sendo pulverizados e desperdiçados. É preciso fazer uma reforma orçamentária, com regras mais racionais, a exemplo da

reforma tributária”, avalia Peres.

A consultora orçamentária Rita Santos, do Senado, concorda que o atual processo orçamentário não é o ideal e faz uma comparação. “É como se picotássemos uma nota de R\$ 100 em vários pedacinhos e os destinassemos a diferentes municípios. Cada um usaria o seu pedaço para fazer uma pequena intervenção e resolver algum problema local. Essa não é a melhor estratégia porque a mesma nota de R\$ 100, se mantida inteira, poderia custear uma política estruturante para enfrentar algum problema prioritário

■  
**Especialista defende que seria melhor aplicar os recursos em políticas estruturantes, em vez de em pequenas intervenções**

que afetasse um grande número de municípios, produzindo resultados muito mais robustos”, esclarece.

Santos ressalva, porém, que não é correto interpretar que o Poder Executivo prepara uma proposta perfeita de Orçamento e o Poder Legislativo a “estraga” com as suas emendas. De acordo com ela, existem falhas no planejamento orçamentário feito pelo governo. “De qualquer forma, apesar das amplas prerrogativas em matéria orçamentária, o Parlamento tem atuado de forma tímida, por vezes na lógica de atender às bases eleitorais em vez de olhar os interesses nacionais de forma sistêmica na hora de alocar os recursos. Os parlamenta-



Foto: Edilson Rodrigues/Agência Senado

Comissão Mista de Orçamento é a instância, nos dias atuais, que analisa e modifica a proposta enviada pelo governo

**COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA**

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo identificado como sendo do nacional, EDILSON BATISTA DE LIMA, sexo masculino, sem parentes, registrado neste NUMOL sob o número 030101102025039572, Número de Identificação Cadavérica, NIC, 2025-4439, idade estimada em 40 anos, cor parda, cabelos castanhos encaracolados, estatura 165 cm, constituição física boa, sem sinais particulares, Falecido em 22/10/2025 no Hospital Clementino Fraga nesta cidade de João Pessoa PB. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sítio à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor, cidade de João Pessoa - PB.

**Flávio Rodrigo Araújo Fabres S7 Mat: 157.636-4**

Perito Oficial Médico Legal Classe Especial

**Chefe do NUMOL/JP**



INOVAÇÃO

# Complexo científico muda a paisagem do Sertão na PB

Políticas públicas voltadas à pesquisa estimulam desenvolvimento no interior

Bea Alcântara  
Iluska Cavalcante  
*Ascom Secties*

No Sertão paraibano, um novo capítulo começa a ganhar forma com o avanço do Complexo Científico do Sertão. A iniciativa já movimenta obras, pesquisas e parcerias que integram comunidades, universidades e instituições internacionais em torno de um propósito comum: interiorizar a ciência e fazer dela um motor de desenvolvimento para a região. Dos progressos estruturais do Radiotelescópio Bingo à construção da Cidade da Astronomia, passando pela renovação do Vale dos Dinossauros e pela implantação do Museu de Arqueologia de Cajazeiras, o projeto consolida uma política pública inovadora que já recebeu mais de R\$ 75,8 milhões em investimentos.

Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, o Complexo Científico do Sertão simboliza uma escolha estratégica do Governo da Paraíba. “Este projeto expressa a visão do governador João Azevêdo de que a ciência deve estar no centro do desenvolvimento do Estado. Ao reunir infraestrutura de ponta, formação de pesquisadores, cooperação internacional e ações de popularização científica, estamos criando as bases para um Sertão que produz conhecimento, atrai talentos e gera novas oportunidades para a população. É uma política pública que olha para o futuro e faz da Paraíba um território de inovação”.

Desde que foi anunciado,



No projeto Bingo, em Aguiar, já houve a construção dos platôs e das estruturas metálicas

em 2024, o Complexo Científico do Sertão tem avançado significativamente na construção e execução dos projetos relacionados. O projeto Bingo, por exemplo, já teve toda a preparação do terreno, construção dos platôs e fabricação das estruturas metálicas e envio delas pelo 54º Instituto de Pesquisa do Grupo de Tecnologia Eletrônica da China (CETC54), na China, concluídas.

O coordenador-geral do Radiotelescópio Bingo, Elcio Abdalla, destacou o papel coletivo da iniciativa e o apoio institucional recebido. “A ciência é uma herança comum da humanidade, um legado que atravessa fronteiras e transforma vidas. O que estamos construindo aqui na Paraíba vai muito além de um projeto científico: é um empreendimento social, educacional e tecnológico que só existe graças ao esforço de uma comunidade inteira”, afirmou, ressaltando o compromisso do Governo do Estado e das universida-

des na consolidação do radiotelescópio e na formação de uma nova cultura científica no Sertão.

Ainda em relação ao radiotelescópio, as fases em andamento agora são as fundações em concreto, a produção em escala dos receptores pelo Observatório Astronômico Nacional da Academia Chinesa de Ciências (Naoc), em Beijing, e a instalação de infraestrutura de comunicação e processamento. Sendo estas seguidas pela montagem do radiotelescópio no sítio, a instalação dos sistemas de processamento digital e finalizando com o comissionamento e testes científicos.

Em julho deste ano, o governador João Azevêdo assinou a ordem de serviço que autorizou a execução da obra da Cidade da Astronomia, que prevê um investimento de R\$ 24 mi e de 26,5 mi na aquisição de um planetário de última geração. Desde então, o projeto está em fase de construção, representando um importante investi-

mento do Governo do Estado da Paraíba no fomento ao turismo científico e na valorização do Sertão paraibano como polo de conhecimento.

O coordenador do Projeto da Cidade da Astronomia, Jamilton Rodrigues, explicou que a instalação da infraestrutura tecnológica da Cidade da Astronomia “disponibilizará equipamentos de observação e experimentação que permitem transportar a teoria dos livros para a prática, tornando a ciência tangível e compreensível para a população. Esses recursos atuam como base para uma estruturação científica e de inovação mais robusta na região. A presença desses equipamentos fomenta o interesse pelo conhecimento e gera um ciclo de desenvolvimento: a Paraíba não apenas atrai o turismo científico, mas investe na formação de capital humano qualificado, preparando uma geração apta a atuar na astronomia e nos demais equipamentos do Complexo Científico do Sertão”.

## Vale dos Dinossauros é testemunho histórico

As ações no Monumento Natural Vale dos Dinossauros, que contemplam o Projeto de Pesquisa e Preservação do Patrimônio Geopaleontológico e Arqueológico da Bacia do Rio do Peixe-PB, estão sendo implementadas. Na região, as etapas em andamento envolvem os processos de desapropriação do Serrote do Letreiro e do leito do Rio do Peixe, além da articulação de parcerias com a Universidade Estadual da



Monumento serve como atrativo turístico e fonte para estudos geopaleontológicos

Paraíba (UEPB) para cursos, a requalificação do Museu Científico Vale dos Dinossauros e a estruturação de projetos de pesquisa na área.

A expectativa é que, com todas as etapas previstas concluídas, a região do Vale do Rio do Peixe possa ser formalizada na candidatura a Geoparque Mundial

da Unesco, posicionando a Paraíba ao lado do Geoparque do Araripe, no Ceará, e do Geoparque do Seridó, no Rio Grande do Norte.

O equipamento que encerra o *tour* científico do Sertão, o Museu de Arqueologia em Cajazeiras, encontra-se em fase de contratação para execução das obras e implantação.

O Complexo Científico do Sertão é uma política pública pioneira, que transformará o Sertão paraibano em referência nas áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação. É uma iniciativa que reafirma o compromisso do Governo do Estado, por meio da Secties, em garantir o letramento científico e a popularização da ciência.

## Poeira Estelar

Claudio Furtado  
*claudiofurtado@secties.pb.gov.br*

## Paraíba, o Estado Empreendedor que assume o Futuro

A economista Mariana Mazzucato recolocou o Estado no centro do debate sobre inovação ao demonstrar que os grandes saltos tecnológicos da história nasceram de governos capazes de assumir riscos e criar mercados onde antes havia apenas incerteza. No livro “O Estado Empreendedor”, ela lembra que a inovação não brota espontaneamente do setor privado, ela se estrutura quando existe direção pública, investimento contínuo e uma visão de futuro capaz de mobilizar atores diversos.

Esse conceito encontra terreno fértil na Paraíba, que tem ampliado a sua presença como articuladora do desenvolvimento científico e tecnológico. A criação de um Pacto pela Inovação da Paraíba mostra que o Estado decidiu assumir um papel mais ativo, ou seja, menos espectador. O pacto não é apenas uma aliança institucional: é a expressão de um entendimento moderno sobre desenvolvimento, o de que inovação depende de coordenação, continuidade e propósito.

É nesse contexto que o Complexo Científico do Sertão surge como uma das âncoras mais robustas desse novo ecossistema. Seus equipamentos — Radiotelescópio Bingo, em Aguiar; Cidade da Astronomia, em Carrapateira; Vale dos Dinossauros, em Sousa; e Museu de Arqueologia, em Cajazeiras — formam uma infraestrutura científica rara no Nordeste e estratégica para o país.

Esse conjunto de equipamentos, somados à infraestrutura de tecnologia já existente no Sertão da Paraíba, impulsiona pesquisas avançadas, aproxima estudantes da ciência de ponta e projeta a região como um polo emergente de turismo científico.

Ao integrar ciência, tecnologia e território, o Complexo Científico do Sertão traduz, na prática, a ideia de Mazzucato sobre políticas orientadas por missão: equipamentos públicos capazes de gerar conhecimento, atrair investimentos, inspirar jovens e fortalecer a economia local. A presença dessa infraestrutura amplia o alcance do pacto e ajuda a consolidar um ecossistema de inovação que não se limita às cidades litorâneas. Ele interioriza oportunidades e evidencia que o desenvolvimento regional também se faz com telescópios, observatórios, laboratórios, parques tecnológicos, pesquisadores e visitantes interessados na relação entre ciência e ambiente.

Mas a Paraíba também sabe olhar para fora. A parceria com a La Salle Technova Barcelona, uma das instituições europeias mais reconhecidas em inovação, aceleração de *startups* e transferência de tecnologia, projeta o estado para o mapa global da inovação. Essa colaboração aproxima métodos internacionais, abre portas para intercâmbios, cria oportunidades de internacionalização de empresas paraibanas e posiciona o ecossistema local dentro de uma rede mundial de inovação aplicada.

Esse movimento reforça o papel do Estado como empreendedor. Cabe ao Poder Público não apenas financiar laboratórios, mas organizar o ecossistema, articular universidade, empresas e sociedade, e mostrar às regiões que a inovação pode — e deve — ser vetor de transformação social.

Ao apostar nesse caminho, a Paraíba reafirma que o futuro não se improvisa: constrói-se. E quando o Estado se apresenta como empreendedor — coordenando, investindo, criando missões e estruturando pactos — ele não apenas administra o presente. Ele abre trilhas para que o desenvolvimento seja compartilhado, sustentável e inovador. É assim que a Paraíba transforma seu projeto de futuro em realidade concreta.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB

Colunista colaborador

■ Iniciativa do Governo mobiliza a comunidade, universidades locais e parcerias internacionais



Foto: Divulgação/Aesa



Foto: Leydson Oliveira/Colaboração



Foto: Divulgação/Secom-PB



RESERVAS

# Estado vive tranquilidade hídrica

*Regiões Metropolitanas de João Pessoa e Campina Grande têm abastecimento estável devido a reservatórios*

Pedro Alves  
[pedroalvesjp@yahoo.com.br](mailto:pedroalvesjp@yahoo.com.br)

A situação hídrica da Paraíba apresenta um quadro de tranquilidade se observado sob a perspectiva macro, mas ainda existem casos que demandam atenção em algumas regiões do estado. Nos principais centros urbanos, como na Região Metropolitana de João Pessoa e em Campina Grande e suas cidades vizinhas, o abastecimento segue estável devido aos reservatórios que abastecem esses municípios estarem com volumes bons para manter o serviço de fornecimento de água.

Além disso, o bom regime de chuvas nessas regiões faz com que a realidade seja de conforto. Por outro lado, por conta de um ciclo considerado normal pelos especialistas da Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa), alguns açudes do Sertão e do Seridó já estão secos ou com pouco volume, o que inspira mais atenção dos órgãos estaduais.

Dos 137 reservatórios que são monitorados, minuto a minuto, pela Aesa, e que são responsáveis por armazenar a água que visa garantir o direito da segurança hídrica dos cidadãos paraibanos, 41 estão na categoria de “Situação crítica”. Desses, quatro já secaram completamente: Jeremias (Desterro), Sabonete (Teixeira), Bastiana (Teixeira) e São José III (São José dos Cordeiros).

Embora algumas barragens estejam com baixos volumes ou secos, isso não quer dizer que esses municípios estejam atravessando algum tipo de crise ou colapso no abastecimento. É o que explica Alexandre Magno, gerente de hidrometeorologia e eventos extremos da Aesa.

“O sistema de abastecimento do estado tem muitas adutoras também, que pode transportar água da área A para a área B, de modo que amplia o abastecimento de uma região. Não é porque o açude que fica em uma cidade está totalmente seco, por exemplo, que

esse município está sem abastecimento ou passando por racionamento. E o trabalho tem continuado, nesse sentido, para que a gente possa ter uma malha na Paraíba que supra 100% desse abastecimento”, comentou.

Por outro lado, muitos reservatórios estão em níveis de normalidade ou até melhor do que isso. São 38 barragens que estão funcionando perfeitamente, com bons volumes, sendo 21 na categoria “Favorável”, que é quando o volume supera os 70%, e quatro na categoria “Vertendo”, que é quando o açude fica “sangrando”, ou seja, com mais água do que comporta.

Dois deles são as principais barragens que abastecem os maiores centros urbanos da Paraíba, o da Região Metropolitana de João Pessoa, que é abastecido pelo Gramame/Mamuaba, e o da região de Campina Grande, que é abastecido pelo Açude Epitácio Pessoa (Boqueirão). O reservatório que fica em Conde está com 97% da sua capacidade por conta das chuvas que caíram no meio deste ano, na Zona Litorânea do estado.

O Epitácio Pessoa está com pouco menos de 50% do seu volume, está na categoria de “Em observação”, mas vem atendendo Campina Grande e cidades vizinhas com relativa tranquilidade. A obra da transposição do Rio São Francisco tem sido fundamental para que a barragem consiga manter bons níveis para o abastecimento da região.

“Neste ano, a ampliação de ações de transposição e nossos investimentos recentes em infraestrutura hídrica ajudaram bastante. Esse conjunto de ações e de sistemas tem garantido, até aqui, tranquilidade para a maioria dos municípios paraibanos”, analisa Alexandre Magno.

Foto: Divulgação/Secom-PB



Barragem de Gramame/Mamuaba abastece os municípios da Região Metropolitana de João Pessoa

## Sertão deve receber chuvas nos próximos meses

Apesar do cenário maior do estado ser substancialmente confortável, reservatórios no Seridó e no Sertão da Paraíba estão em condições mais vulneráveis. Isso tem a ver, segundo a Aesa, com ciclos naturais de chuva na região do semiárido brasileiro. Os especialistas explicam que esse comportamento é típico no segundo semestre de cada ano, quando a estiagem acentua-se e o calor provoca maior evaporação.

Além disso, reservatórios de menor porte, comuns no Seridó e no Sertão, têm uma inferior capacidade de armazenamento em relação a outras barragens do estado e sofrem mais rapidamente com o esvaziamento quando a recarga natural não acontece.

Apesar desse quadro atual, que inspira cuidados e uma observação mais atenta, a expectativa para os próximos meses é posi-

tiva. O especialista da Aesa aponta que há uma perspectiva também natural de retomada das chuvas na região semiárida do estado, impulsionada pelos padrões climáticos típicos do início do período chuvoso no local. Caso esse cenário se confirme, os açudes devem voltar a receber recarga significativa, permitindo elevar o volume armazenado e reduzindo o risco de dificuldades de abastecimento na região.

“É um ciclo natural que estamos atravessando nessas regiões. Os reservatórios estão baixando e isso dura em torno de seis meses. Depois temos um período chuvoso de quatro meses, em que acontece a recarga. Quanto mais para o Semiárido, maior esse tempo de estiagem, quanto mais para o Litoral, menor. No Sertão, o período mais chuvoso é concentrado de fevereiro a maio”, explicou Alexandre Magno.

## Patos e cidades vizinhas são exceção e têm rodízio

A cidade de Patos e alguns municípios vizinhos, no Sertão da Paraíba, formam a única região do estado que está passando por um racionamento de água neste momento. Desde 17 de novembro, a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) decidiu implantar o sistema de rodízio no abastecimento. A medida deve-se à situação crítica das barragens que abastecem a maior e mais populosa cidade do Sertão paraibano.

O reservatório da Fariinha conta, atualmente, com

apenas 2,07% de seu volume total, comprometendo o fornecimento de água de mais da metade da população de Patos e de outras 15 cidades que recebem águas pelo sistema adutor Coremas-Sabugi. A situação é semelhante na barragem de Capoeira, que fica no município de Santa Teresinha, e atualmente conta com menos de 8% de sua capacidade total. Os dois açudes, de acordo com métricas da Aesa, integram a categoria “Situação crítica”.

O Açude Jatobá, o mais antigo da cidade, também está com pouco mais de 10% da sua capacidade,

fazendo parte da categoria “Atenção”. A barragem acumula apenas 14,27% de seus 2,5 milhões de metros cúbicos.

Segundo o plano de contingência elaborado pela Cagepa, o rodízio funcionará de forma setorizada, garantindo o abastecimento dos bairros em ciclos de cinco dias com água para dois dias sem água durante a semana. O objetivo é que toda a população seja atendida de maneira equilibrada, inclusive nas áreas mais altas do município.

“A Cagepa está trabalhando incansavelmente para minimizar os impactos desse período de escas-

sez na região, agindo sempre com a máxima responsabilidade e transparência. O Governo do Estado, por meio dos órgãos competentes, está realizando o monitoramento climático constante e avaliando as previsões de chuva para que possamos normalizar a situação do abastecimento o quanto antes”, afirmou o presidente da Cagepa, Marcus Vinícius Neves.

O gerente regional da Cagepa na região, Jônatas Raulino, reforçou o apelo à população para o uso consciente da água durante o período. “Infelizmente, esta é a realidade atual dos mananciais que atendem não somente a Patos, mas também várias cidades vizinhas. Pedimos, portanto, a compreensão e colaboração de toda a população nesse momento. É fundamental que cada morador faça a sua parte”, comentou.

Foto: Divulgação/Cagepa





## COPA DO BRASIL

Finalistas serão  
definidos hoje

No jogo de ida, no Mineirão,  
o Corinthians venceu  
o Cruzeiro por 1 a 0

Foto: Gustavo Aleixo/Cruzeiro



Corinthians e Vasco largaram  
na frente na ida e jogam  
pelo empate para alcançar a  
classificação à final

Da Redação

As duas partidas, da volta, das semifinais da Copa do Brasil ocorrem hoje: às 18h, Corinthians e Cruzeiro enfrentam-se na Neo Química Arena, em São Paulo; às 20h30, Fluminense e Vasco jogam no Maracanã. Na ida, no confronto entre paulistas e mineiros, o Timão levou a melhor, vencendo por 1 a 0. Já no clássico carioca, o Cruz-Maltino foi quem saiu em vantagem após ganhar por 2 a 1. Agora, as equipes de Dorival Júnior e Fernando Diniz jogam o segundo jogo precisando apenas do empate para alcançar a classificação.

Os derrotados precisam pelo menos de vitória com placar mínimo para forçar as penalidades máximas. Triunfo por dois gols classifica diretamente. Os clubes que chegarem à final da Copa do Brasil receberão, pelo menos, R\$ 33 milhões, premiação do vice-campeão. O vencedor da competição vai ganhar R\$ 77 milhões.

O Corinthians aposta no seu treinador para alcançar um lugar na final da Copa do Brasil. Dorival já venceu o torneio mata-mata em três oportunidades: 2010 (pelo Santos), 2022 (pelo Flamengo) e 2023 (pelo São Paulo). No ano passado, não disputou a competição, pois estava dirigindo a Seleção Brasileira. Nos últimos anos, ele tem atingido números impressionantes.

O técnico não sabe o que é ser eliminado do torneio mata-mata desde as quartas de final de 2016, quando estava no Santos e caiu diante do Internacional. De lá para cá, comandando diferentes equipes, esteve em 14 confrontos, obtendo a classificação em todos eles. Desde 2022, Dorival Júnior fez 26 jogos pela Copa do Brasil, com 19 vitórias,

quatro empates e apenas três derrotas.

Na atual edição da competição, sob o seu comando, o Corinthians tem sete vitórias em sete partidas, com nove gols marcados e nenhum sofrido. Antes de pegar o Cruzeiro, o time alvinegro eliminou Novorizontino, Palmeiras e Athletico-PR. O duelo entre paulistas e mineiros terá transmissão da Globo, GE TV, SporTV, Premiere e Prime Video.

“Temos que ter consciência de que o jogo de volta será ainda mais pesado, muito mais forte, com as equipes ainda mais concentradas, e o resultado está todo em aberto. Temos uma pequena vantagem muito importante, construída dentro da casa do Cruzeiro. Uma equipe excelente, muito bem treinada. Assim, foi o Corinthians também”, disse Dorival após o confronto no Mineirão.

Do lado cruzeirense, a expectativa é que a equipe consiga contrariar a lógica e alcance a classificação, mesmo atuando fora de casa. Leonardo Jardim, treinador da Raposa, pediu para que a torcida não desacredite, que o triunfo e a classificação são viáveis, tendo em vista o futebol que os jogadores já apresentaram.

“Eu acredito que esta equipe, que ao longo do ano teve muitos jogos fora de casa que ganhou, pode também ganhar deste adversário e se classificar. Por isso, é importante focar, recuperar bem e fazer um jogo ao modo Cruzeiro para se qualificar”, ressaltou.

#### Fluminense e Vasco

Com um gol de Vegetti, aos 48 minutos do segundo tempo, o Vasco derrotou o Fluminense, por 2 a 1, de virada, no primeiro confronto, que também ocorreu no Ma-

racanã. Para o enfrentamento de hoje, cada treinador se apega às circunstâncias vivenciadas durante toda a competição. Fernando Diniz, do lado vascaíno, busca ajustar o time para dar ainda mais protagonismo ao atacante Rayan; enquanto Luis Zubeldía, do lado tricolor, revisita viradas do seu time nos 180 minutos de outros duelos desta edição da Copa do Brasil.

“É um jogador muito decisivo. Desde que cheguei aqui, eu procuro fazer com que ele participe ao máximo do jogo. Tem um poder de decisão muito grande junto com Andrés (Gómez) e Coutinho. No segundo tempo [do primeiro jogo], ajustamos um pouco o posicionamento dele e orientamos no sentido de onde tinha o espaço para ele pegar mais a bola. Aí ele conseguiu participar mais do jogo. Depois que o Vegetti entrou, veio mais para a ponta, ficou entre a ponta e a meia, circulando entre as linhas ou pegando a bola aberta. Levou a vantagem e foi decisivo para virarmos”, falou Diniz sobre Rayan, que marcou um gol e fez linda jogada no lance que originou a virada do Cruz-Maltino.

“O Fluminense perdeu para o Bahia e deu a volta no Maracanã. Perdeu por 1 a 0 e viraram a série. Cito como exemplo. As Copas são Copas. Partidas muito parelhas até o ponto em que se chega à vitória no minuto 93. [...] Quem pensa que a Copa são 90 minutos me parece que está equivocado. A não ser que passem 90 minutos e tenha a chance de ganhar de 4 a 0 ou de 3 a 0, como às vezes acontece. Mas, às vezes, nem com grandes resultados as eliminatórias estão encerradas. O Palmeiras com a Liga de Quito, por exemplo. Você tem que avaliar os 180 minutos”, destacou Zubeldía.

“Temos que corrigir ações pontuais, como transições, um contra um. Isso te permite estar novamente em campo. É ajustar para os próximos 90 minutos e, apesar de respeitar todas as equipes, acredito que temos tudo para dar a volta no mata-mata”, completou o treinador argentino.

Fernando Diniz concordou com o técnico rival e descartou qualquer oba-oba. “Vamos encarar o jogo com muita seriedade. É mais ou menos como foi no primeiro tempo da ida: o Fluminense terminou ganhando e tínhamos que buscar. Só terminou o primeiro tempo. São 180 minutos, temos que ficar focados, procurar corrigir o que tivemos de errado, enfrentar o jogo deste domingo com a máxima seriedade e respeitar o nosso adversário”, afirmou. Fluminense e Vasco terá transmissão do SporTV, Premiere e Prime Video.

#### Arbitragem

Rodrigo José Pereira de Lima vai apitar Corinthians e Cruzeiro. Ele terá os assistentes Nailton Junior de Sousa Oliveira e Victor Hugo Imazu dos Santos. O árbitro de vídeo é Rafael Traci. No outro confronto, clássico carioca, Wilton Pereira Sampaio é o árbitro de campo. Ele será auxiliado por Rodrigo Figueiredo Henrique Correa e Bruno Raphael Pires. O árbitro de vídeo é Wagner Reway.

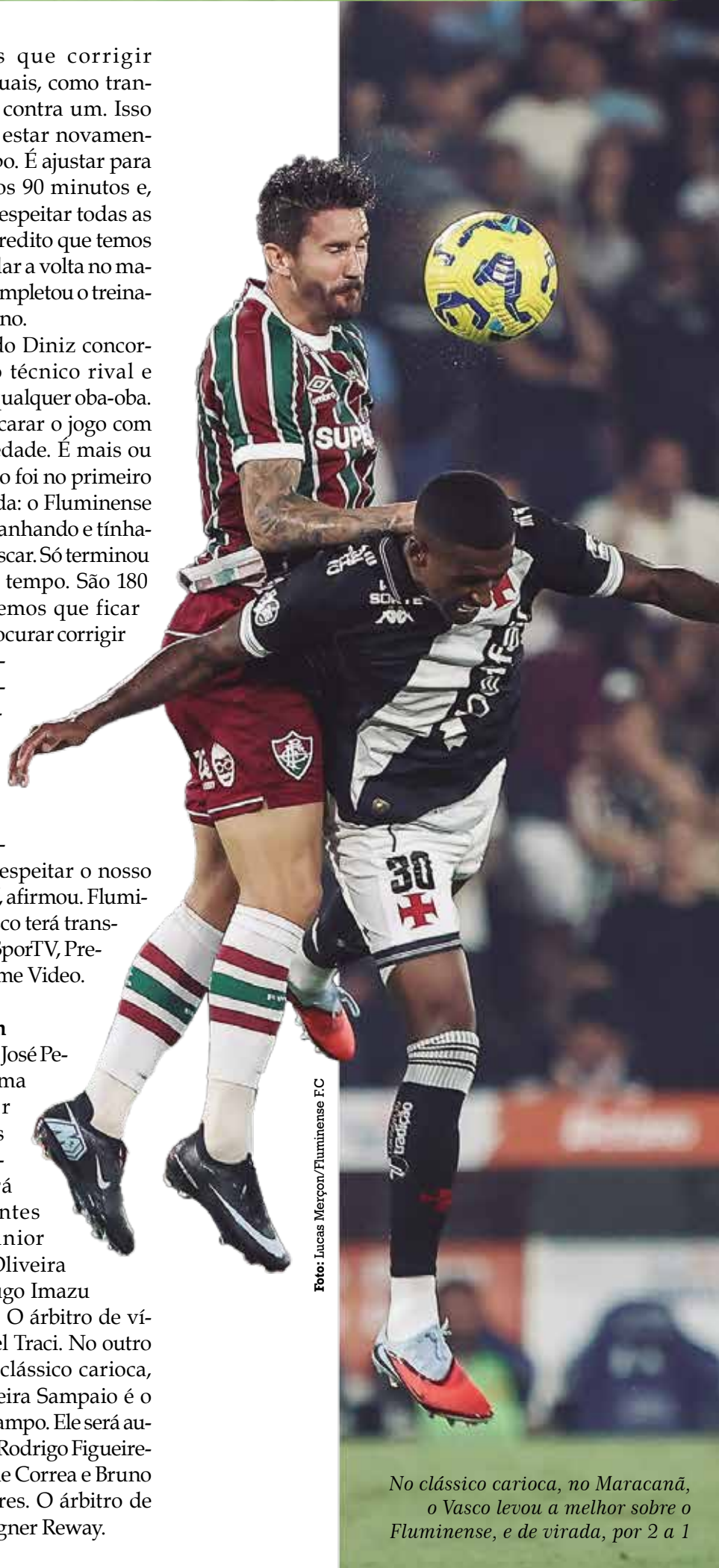


Foto: Lucas Merson/Fluminense FC

No clássico carioca, no Maracanã,  
o Vasco levou a melhor sobre o  
Fluminense, e de virada, por 2 a 1



APOSTAS ESPORTIVAS

# Plataforma bloqueia acesso a sites

*Cidadãos já podem autobloquear-se de todas as bets que estão autorizadas pelo Ministério da Fazenda*

Está no ar, desde a última quarta-feira (10), a Plataforma Centralizada de Autoexclusão para que cidadãos possam se autobloquear, de uma só vez, de todos os *sites* de apostas autorizados pela Secretaria de Prêmios e Apostas do Ministério da Fazenda (SPA-MF). A página pode ser acessada pelo endereço eletrônico: gov.br/autoexclusaoapostas.

As *bets* autorizadas já eram obrigadas a oferecer aos apostadores mecanismos de autoexclusão dos seus respectivos *sites* e aplicativos. Agora, o sistema do Governo Federal permite que o cidadão solicite, voluntariamente, de uma só vez, o bloqueio do seu acesso a todas as contas que tenha em *sites* de apostas, assim como permite tornar o CPF da pessoa interessada indisponível para novos cadastros e para recebimento de publicidades direcionadas de *bets*.

A possibilidade de solicitar a autoexclusão nos *sites* das empresas de apostas permanece disponível. Além disso, a ferramenta fornece informações sobre pontos de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) onde a pessoa pode buscar ajuda para tratar da saúde mental.

A autoexclusão centralizada é reconhecida cientificamente como uma estratégia essencial para reduzir os danos à saúde mental da população com relação às apostas.

Passo a passo

A Plataforma Centralizada de Autoexclusão deve ser acessada por meio de cadastro no portal Gov.br, com contas nível prata ou ouro. No sistema, o usuário precisa informar o período em que pretende ficar autoexcluído — de um a 12 meses. Uma vez selecionado o prazo, não é possível reverter a escolha durante o período indicado. Há a opção de se autoexcluir do ambiente de apostas por tempo indeterminado (sem prazo). Somente nesse caso, o usuário terá até um mês para invalidar a decisão.

A segunda pergunta a ser respondida na plataforma refere-se aos motivos que levaram a pessoa a se autoexcluir:

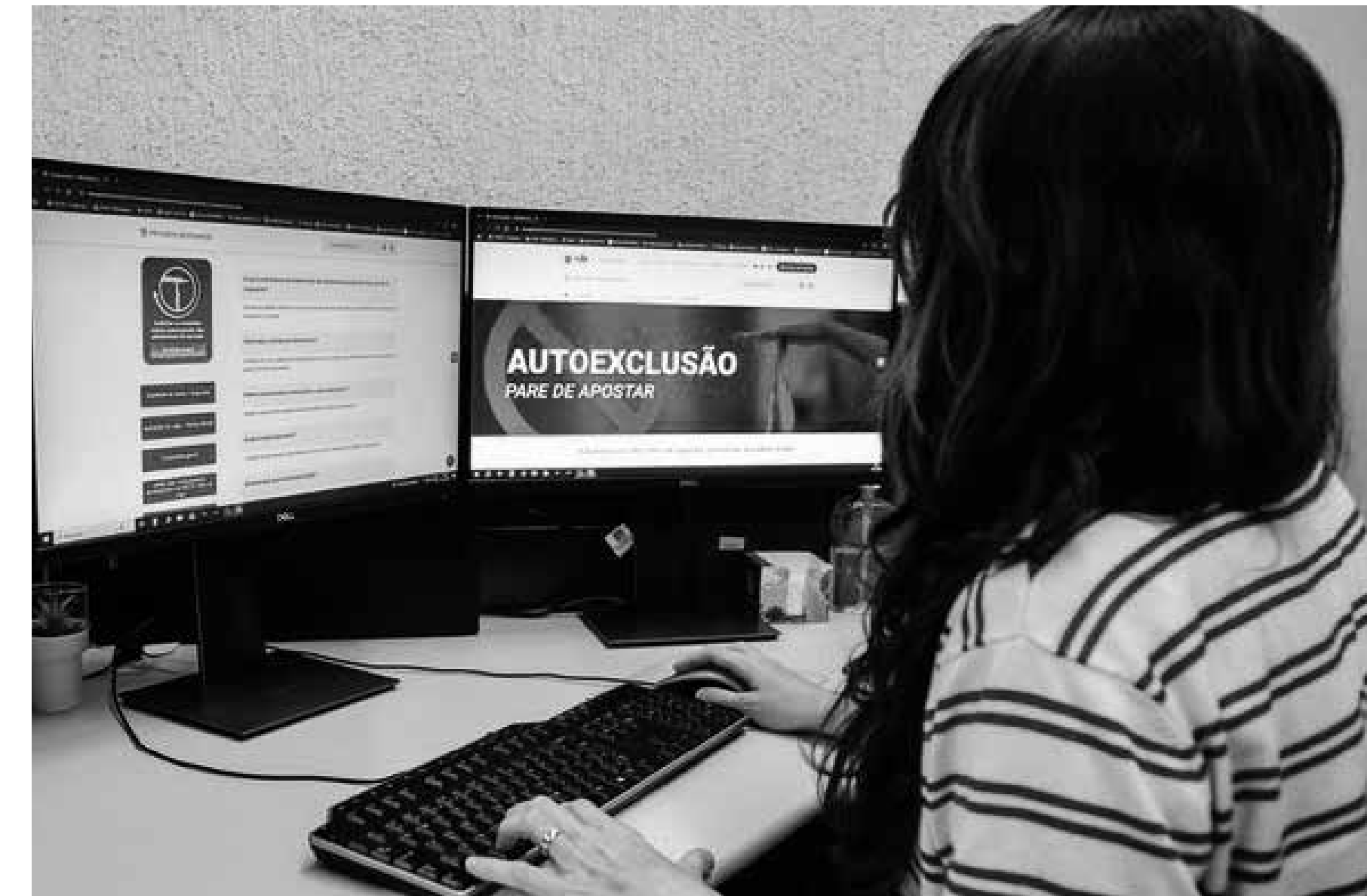


Foto: Washington Costa/MF

A Plataforma Centralizada de Autoexclusão já está no ar e à disposição dos cidadãos para fazer o bloqueio dos sites esportivos de forma voluntária

decisão voluntária, dificuldades financeiras, recomendação de profissional de saúde, perda de controle sobre o jogo (saúde mental) ou prevenção de uso dos seus dados em plataformas de apostas. Também é possível escolher não informar o motivo.

Em seguida, é necessário aceitar os termos de uso e verificar se os dados pessoais estão corretos. Depois, o usuário recebe um registro de confirmação da autoexclusão, que é como um documento, com todas as informações prestadas.

De acordo com o secretário de Prêmios e Apostas do MF, Regis Dudena, os operadores autorizados pela SPA automaticamente recebem o comunicado de autoexclusão e têm até 72 horas para bloquear o acesso dos usuários aos seus *sites* e aplicativos. “Será uma plataforma de múltiplas atividades, e não apenas de autoexclusão. Todo cidadão que quiser infor-

mações sobre o tema, que quiser fazer o Autoteste de Saúde Mental, poderá acessar o sistema e nele entender as especificidades e os riscos desse setor, além de poder ser direcionado para *links* do Ministério da Saúde”.

Histórico

Já prevista na Agenda Regulatória 2025–2026 da SPA, a Plataforma Centralizada de Autoexclusão foi desenvolvida tecnicamente pelo Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), a pedido da SPA, e é um dos desdobramentos da parceria estabelecida entre o MF, Ministério da Saúde (MS), Ministério do Esporte e Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) no Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) de Saúde Mental e de Prevenção e Redução de Danos do Jogo Problemático, cujo relatório final foi divulgado no fim de setembro.

A diretora de Negócios

Econômico-Fazendários do Serpro, Ariadne Fonseca, destaca que a solução consolida o papel da empresa estatal na construção de uma infraestrutura digital voltada ao interesse público. “A plataforma é um marco na proteção ao apostador e na consolidação de um mercado regulado de apostas no Brasil. A tecnologia do Serpro garante que a decisão do cidadão seja respeitada com segurança, transparência e total conformidade com as normas de proteção de dados”, afirma.

Para o secretário nacional de Apostas Esportivas e de Desenvolvimento Econômico do Esporte, Giovanni Rocco Neto, a nova plataforma de autoexclusão representa um passo fundamental na construção de um ambiente de apostas mais seguro, responsável e alinhado às melhores práticas internacionais.

“A medida fortalece a proteção ao cidadão, contribui

para preservar a integridade esportiva e apoia ações de prevenção e cuidado com a saúde mental. O Ministério do Esporte seguirá atuando em estreita cooperação com o Ministério da Fazenda, Ministério da Saúde e demais órgãos do Governo Federal para aprimorar instrumentos de monitoramento, transparência e responsabilidade no setor”, afirma Giovanni.

A plataforma consta do plano de ação contido no relatório do GTI, que também inclui medidas de prevenção, redução de danos e assistência a pessoas em situação de comportamento de jogo problemático, persistente e recorrente, no contexto da exploração comercial das apostas de quota fixa. Um mês antes de a plataforma entrar no ar, a SPA-MF publicou a Portaria SPA/MF nº 2.579 e a Instrução Normativa SPA/MF nº 31, que regulamentam o mecanismo de autoexclusão.

Regras

A Instrução Normativa nº 31 define os procedimentos técnicos de integração ao Sistema de Gestão de Apostas (Sigap) e concedeu prazo de 30 dias para que as empresas de apostas implementassem os mecanismos de verificação de usuários na base de autoexclusão centralizada, bloqueando o acesso e devolvendo aos apostadores eventuais valores que eles tenham disponíveis em suas contas nas *bets*.

Além desse prazo de 30 dias para a implementação da autoexclusão, que se encerrou no dia 10, há um período de adaptação de 90 dias para as empresas realizarem os ajustes técnicos necessários à imposição dos autolimites prudenciais. Adicionalmente, a Portaria nº 2.579 também estabelece que os operadores de apostas implementem, no momento do cadastro dos apostadores em seus *sites*, autolimites prudenciais obrigatórios de tempo e de valor apostado.

FAIR PLAY FINANCEIRO

## CBF publica guia com objetivo de aumentar a transparência

A CBF publicou em seu *site* a versão completa do Regulamento do Sistema de Sustentabilidade Financeira (SSF), texto-base do modelo de *fair play* brasileiro, apresentado pela entidade na última edição do CBF Academy Summit.

A fim de facilitar as consultas ao seu Sistema de Sustentabilidade Financeira (SSF), a CBF, por intermédio do presidente Samir Xaud, elaborou um guia explicativo que vai servir a dirigentes, conselheiros, funcionários, torcedores e demais interessados na gestão do futebol nacional. Com uma linguagem direta e acessível a todos, o guia ajuda no entendimento do Regulamento do SSF.

O sistema representa uma nova etapa do futebol no Brasil, com o objetivo claro de buscar a estabilidade financeira duradoura dos nossos clubes. Busca, com isso, aumentar a transparência, incentivar o controle de custos, estimular investimentos no futuro e garantir que os clubes operem dentro de suas próprias condições financeiras.

O guia apresenta cada seção do regulamento em um formato simples, respondendo a duas perguntas fundamentais: “Por que esta regra existe?” e “Como ela funciona na prática?”. O objetivo é ir além do “o quê” para focar no “porquê”, mostrando a lógica por trás de cada mecanismo de controle e como ele se alinha às melhores práticas

cas de governança adotadas nas principais competições do mundo.

A CBF entende que a implementação de um novo sistema de controle financeiro é um processo complexo. Por isso, esse guia busca ser um parceiro dos clubes nessa jornada de adaptação, oferecendo clareza sobre suas obrigações e sobre os mecanismos de transição que foram criados para garantir uma efetivação justa e gradual.

Com o compromisso de promover avanços, com ética, transparência e respeito aos torcedores brasileiros, a CBF acredita que, com regras claras e um propósito coletivo, estará aberto o caminho para a construção de

um ecossistema de futebol mais forte, íntegro e, acima de tudo, sustentável para as futuras gerações.

Controle

CBF entende que o processo é complexo, mas de fundamental importância para que os gastos dos clubes sejam mais transparentes e o futebol se fortaleça com a sua implementação



Samir Xaud, presidente da Confederação Brasileira

Foto: Staff Images/CBF



PALMEIRAS

# Abel admite mudanças no elenco

*Técnico deixa claro que alguns dos contratados adaptaram-se, mas outros ficaram devendo na temporada*

Agência Estado

Abel Ferreira chegou ao Palmeiras em 2020. De lá para cá, tinha conquistado títulos em todas as temporadas, algo que não aconteceu neste ano. O treinador admitiu que faltou consistência à equipe na reta final para ter melhor sorte na Libertadores e no Campeonato Brasileiro. “Esta equipe tem essa resiliência dentro dela, mas a verdade é que ainda não é consistente. Foi capaz de ter uma noite histórica, mágica, naquilo que é a Libertadores. Nunca na história nenhuma equipe tinha conseguido virar um jogo de 3 a 0 [contra a LDU, na semifinal do torneio continental]”, lembrou Abel em entrevista à TV Palmeiras.

“Claro que teve os seus custos depois, em termos emocionais, aquilo que foi o nosso desgaste. Mas a verdade é que as duas equipes que foram disputar a final da Libertadores [Palmeiras e Flamengo], naqueles dois últimos meses, perderam pontos [no Brasileirão]. Mas a verdade é que foi apenas o nosso resultado que tivemos contra o Grêmio. Eu acho que fizemos uma bela partida, mas a forma como sofremos os gols... Nós sabemos os aspectos que temos de melhorar, que temos de corrigir. E, portanto, faltou um pouquinho desta consistência”, repetiu.

Abel Ferreira reconheceu que o Palmeiras pecou nos jogos diante de Vitória e Fluminense, no Allianz Parque, nas rodadas finais do Brasileirão. O time alviverde empatou os dois duelos em casa por 0 a 0.

“Tivemos lesões, tivemos castigos. Temos que reconhecer. E tivemos jogos em que não fomos bons o suficiente. E, na minha opinião, olhando assim, muito resumido, nós não lutamos ou nós perdemos o campeonato em casa, com o Vitória e com o Fluminense”, disse.

“Se nós quisermos ser muito sinceros, apesar das vezes que jogamos contra o nosso rival direto [Flamengo], estamos numa delas quatro pontos à frente e, na segunda, três pontos à frente, antes do final do ano estar três pontos à frente e, mesmo assim, ter a possibilidade, em casa, de lutar pelo título estando à frente contra essas duas equipes, Vitória e Fluminense, não fomos consistentes o suficiente pelas expectativas que criamos de conseguir ser campeões. Este ano resume-se isso”, lamentou.

“Passamos a jogar de forma consistente [depois do Mundial de Clubes da Fifa], mas, na fase final, não fomos consistentes o suficiente para lutar por este título de outra maneira”, prosseguiu.

De contrato renovado por mais duas temporadas, Abel Ferreira explicou as razões que o fizeram permanecer na equipe paulista. Ele ainda citou um momento emblemático da temporada, que foi a eliminação para o Corinthians nas oitavas de final da Copa do Brasil.

“[Decidi renovar] por duas grandes razões. Ao longo do ano, fui falando com a presidente, e ela me falou várias vezes da vontade que tinha que eu ficasse nesse projeto. Falei que era um treinador de projeto e realizações. Falei também que era uma decisão em família, eles estão no Brasil há quatro anos, então, com as conversas que tivemos ao longo deste período,



Fotos: Cesar Greco/Palmeiras

Abel Ferreira está no Palmeiras desde novembro de 2020 e estreou contra o Bragantino

a nossa presidente manifestando o desejo que eu continuasse, queria estabilidade, consistência. Fomos falando, eu dizendo que não tínhamos conquistado títulos e ela me disse que, aconteça o que acontecer, que eu continuasse”, discursou.

“Há um momento aqui que marca tudo. Foi a derrota a seguir para um de nossos rivais, o Corinthians, na Copa do Brasil, quando a presidente me chama e me coloca o contrato à frente para assinar. Quando você sente essa confiança do líder, essa inspiração, é difícil encontrar no futebol de hoje, não só o nacional, quando ouve sua presidente, no momento mais difícil, te colocar o contrato para assinar. Me marcou muito. Falei com a minha esposa, disse que não iria assinar naquele momento, mas disse que, aconteça o que acontecer, vamos seguir juntos”, complementou.

Abel Ferreira afirmou que o Palmeiras terá mudanças no elenco para a temporada de 2026. O planejamento já foi iniciado com a diretoria. No entanto, o português descartou uma grande reformulação na equipe.

“Esta temporada de 2026, nós estamos a trabalhar nela durante todo este período e, precisamente agora, que acabou também a época desportiva, estamos a trabalhar em cima dela e vamos precisar fazer pequenos ajustes”, explicou.

“Sabemos aquilo que temos de corrigir, sabemos aquilo que temos de ajustar, sabemos, em termos de mentalidade e cultura, de cobrança, de exigência, que temos de implementar também, porque, como eu te disse anteriormente, durante o ano, nós mostramos que fomos capazes de competir, mostramos que fomos capazes de estar à frente no campeonato e não fomos consistentes”, enfatizou.

“Portanto, projetar o ano de 2026, isso está a ser feito, foi feito ao longo do ano de 2025 e está a ser feito neste momento, naquilo que tem a ver com estas correções, ajustes e melhorias que têm de ser feitas. Quando falamos em termos de elenco, não vai haver uma alteração tão significativa, são ajustes pontuais”, disse.

Segundo Abel Ferreira, alguns reforços se adaptaram bem ao clube em 2025, como Andreas Pereira, Vitor Roque e Lucas Evangelista. Jogadores como Facundo Torres e Sosa ainda têm margem de crescimento. Outros atletas, porém, não ficaram no clube.

“Tem outros que temos que trocar, porque não se adaptaram. E essa é a minha função. Minha, do [Anderson] Barros [diretor-executivo] e da nossa presidente. Falamos, sentamos e percebemos os jogadores que nós temos que ter paciência”, avisou.

## NÚMEROS DO TÉCNICO

### Abel Ferreira

363 jogos | 211 vitórias | 84 empates | 68 derrotas | 607 gols marcados | 290 gols sofridos

### Estreia

5/11/2020 – Palmeiras  
1 × 0 Red Bull Bragantino (Copa do Brasil)

### Títulos

Conmebol Libertadores (2020 e 2021), Conmebol Recopa (2022), Campeonato Brasileiro (2022 e 2023), Copa do Brasil (2020), Supercopa do Brasil (2023) e Campeonato Paulista (2022, 2023 e 2024)

### Maior série invicta

5/11/2020 – Palmeiras  
1 × 0 Red Bull Bragantino – Copa do Brasil

### Maior série de vitórias

nove, de junho a julho de 2021

### Maior série sem sofrer gols

oito jogos, de agosto a setembro de 2023

## Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

## E quem duvida?

O Sousa pode até não ter ainda a tradição e longevidade de clubes como Botafogo-PB, Treze e Campinense, mas quem é o atual bicampeão estadual será sempre um importante postulante ao título do Campeonato Paraibano que vai se aproximar. Quando isso se constrói também a partir de um presente de melhor estrutura econômica, frente a pelo menos dois dos rivais citados, os de Campina Grande, o *status* fica ainda mais cristalino e justo. Mas, para 2026, o presidente do Dinossauro vai ter que ser um tanto mais criativo.

Isso porque o Campinense e, ainda mais, o Serra Branca, forçaram uma reformulação no elenco do Sousa para 2026. Enquanto a Raposa contratou o lateral-esquerdo Jackson, o rico Carcará tirou do Sousa jogadores importantes das vitoriosas últimas temporadas alviverdes.

O goleiro Bruno Fuso, o zagueiro Uesles e os atacantes Ian Augusto e Diego Ceará saíram do Sousa e agora vão defender o Serra Branca na temporada do ano que vem. A vitrine é semelhante. Sousa e Serra Branca vão disputar, além do Estadual, a Copa do Brasil e a Série D do Campeonato Brasileiro. O Sousa tem, no entanto, a Copa do Nordeste, para jogar, torneio que o Carcará só verá da televisão.

De todo modo, foram movimentações relevantes do mercado interno do futebol paraibano. Certamente o Serra Branca ofereceu salários maiores. Investimento para buscar o título estadual. Perdas significativas para o elenco do Dinossauro, que vai ter que recorrer a substituições que sejam à altura. O que não é fácil.

Mas quem duvida do Sousa? E quem duvida do comandante do departamento de futebol do clube, o seu histórico presidente, Aldeone Abrantes? Eu que não! Mesmo não sendo simples manter um trabalho que foi bicampeão estadual em cima do Botafogo-PB, sendo os dois títulos fora de casa, no jogo da volta, atuando em João Pessoa, no Almeidão. Foi coisa final!

Além da regularidade das campanhas nos dois estaduais. Um time sempre sólido defensivamente. Que oscilava ofensivamente, mas que foi suficiente para o Estadual por dois anos seguidos. Embora não tenha sido para alçar voos maiores na Série D. O Sousa perdeu seu goleiro, Bruno Fuso, seu melhor zagueiro da última temporada, Uesles, e o seu artilheiro, maior goleador dos dois últimos estaduais, Diego Ceará. Golpes importantes feitos pelo Serra Branca, um rival direto no Paraibano e na Série D do ano que vem.

Por outro lado, manteve o lateral-direito Iranilson, o zagueiro Marcelo, o volante Hebert, o meia Diego Viana e dois goleiros, Gabriel e João Victor. Além de seu jovem valor, Estêvan. A manutenção de jogadores de uma temporada para a outra foi um trunfo importante nas últimas temporadas. O que ficou mais difícil por conta da saída dos atletas já citados para o Serra Branca.

Na última conversa que tive com o dirigente, perguntei sobre essas perdas e sobre a expectativa dele para a montagem do novo elenco. Aldeone foi curto e grosso — mesmo educado como foi, dessa vez, comigo: “Nosso time será melhor do que o de 2025”. Em entrevista ao Podcast Futebol da Paraíba, tempos depois, tratou de criticar os atletas que saíram e preferiram novos ares. Disse, sem citar nomes, que vários queriam sair antes e enrolaram o Dinossauro na Série D.

Em entrevista ao Globo Esporte, mudou o tom, e disse que o Sousa segue sendo o patinho feio do Campeonato Paraibano, e que outros times são favoritos. Isso é Aldeone. Manejando narrativas, mudando elas de um dia para o outro, às vezes empolgado, às vezes resignado. Quase sempre tutelando uma equipe competitiva.

É Aldeone também a capacidade de se refazer e de manter o Sousa como uma das maiores forças atuais do futebol paraibano. Não vai ser fácil, mas não duvido nada que ele consiga novamente formar um time que chegue ao mata-mata, se aproximando de um novo título. E quem é que duvida?



Muitos jogadores adaptaram-se ao estilo de jogo do técnico; outros devem deixar o clube



REDES SOCIAIS

# Seleção Brasileira é a 3ª mais seguida

No Ranking Digital de Seleções, França e Inglaterra têm mais seguidores, segundo pesquisa do Ibope Repucom

Após o sorteio dos grupos da Copa do Mundo Fifa de 2026, o Ibope Repucom — líder global em pesquisa de *marketing* esportivo e retorno de exposição das marcas em mídia — divulgou a nova edição do Ranking Digital das Seleções de Futebol no Mundo. O levantamento analisa o volume de seguidores de 60 seleções de futebol e contempla as 42 seleções já confirmadas para Copa de 2026 e as 18 com as maiores bases digitais que já participaram de alguma edição da Copa do Mundo.

França e Inglaterra seguem na liderança, com 48,8 milhões e 43 milhões de seguidores, respectivamente, no combinado entre seus perfis oficiais no Facebook, X, Instagram, YouTube e TikTok. A Seleção Brasileira fecha o pódio na terceira posição, com 38,4 milhões de inscrições.

Desde julho de 2024, data da última divulgação, as 60 seleções analisadas somaram 40 milhões de novas inscrições em seus perfis oficiais, sendo 56% com origem nos perfis de TikTok das seleções globalmente. As seleções com os melhores desempenhos foram Portugal, Indonésia, Espanha, França e Argentina, que somaram, juntas, mais da metade (51% ou 20 milhões) das novas inscrições no período.

Portugal obteve o melhor desempenho entre todas as seleções analisadas. A Federação Portuguesa de Futebol conquis-



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Seleção Brasileira apresentou apenas o 8º crescimento, ao registrar 1,2 milhão de novas inscrições em suas plataformas

tou 7,3 milhões de novas inscrições em suas redes oficiais, sendo 51% desse ganho com origem em sua conta no TikTok, plataforma em que a entidade dobrou sua base de seguidores, o melhor resultado entre todas as seleções. Em 2024, Portugal possuía 3,6 milhões de inscritos no TikTok e hoje conta com 7,3 milhões. Além disso, entre as 30 principais equipes, a Seleção Portuguesa foi a com maior taxa de crescimento no período, com uma evolução de 24% em sua base digital.

A Indonésia, mesmo sem se classificar para a próxima Copa, registrou o segundo maior crescimento digital entre todas as seleções de futebol. A Associação de Futebol da Indonésia somou mais de 3,7 milhões de novas adesões, das quais 75%, ou 2,8 milhões, vieram de seu perfil no TikTok. A Indonésia também figurou no topo dos ganhos no X, com 350 mil novos inscritos.

A Espanha ficou com o terceiro maior crescimento, com cerca de 3,3 milhões de novos

inscritos, um aumento de 20% em sua base desde 2024. A Real Federação Espanhola de Futebol registrou crescimento expressivo no TikTok, com 2,1 milhões de novas inscrições, além de se destacar no Instagram com mais de um milhão de novos seguidores.

A França teve o quarto maior crescimento no período, ao conquistar 3,2 milhões de novas adesões em suas plataformas. Cerca de 60% desse resultado veio do TikTok, responsável por 1,9 milhão de no-

vos inscritos. Com esse desempenho, a Federação Francesa de Futebol ultrapassou a marca de 48 milhões de inscrições no total de suas redes sociais e segue na liderança do *ranking* geral, mantendo uma vantagem de cerca de seis milhões sobre a Inglaterra, segunda colocada, com 43 milhões.

A Argentina, atual campeã da Copa do Mundo Fifa, fecha o *top 5* das seleções que mais conquistaram novos fãs em suas contas digitais. Ao todo, a Associação Argentina

de Futebol somou 2,9 milhões de novos inscritos em suas redes sociais, sendo 87% desse crescimento proveniente de seu perfil no TikTok. Com esse resultado, a Seleção Argentina chegou à marca de 29 milhões de inscrições no total de suas mídias digitais.

### Seleção Brasileira

A Seleção Brasileira, terceira colocada no *ranking*, apresentou apenas o oitavo crescimento, ao registrar 1,2 milhão de novas inscrições em suas plataformas oficiais no período. Diferentemente da tendência global, no caso da CBF, foi o Instagram que respondeu pela maior parte desse avanço, com 1,1 milhão de novos inscritos.

Apesar do desempenho modesto no período, o Brasil segue entre as principais forças digitais do mundo: mantém a maior página no Facebook, com 12 milhões de inscritos; possui a segunda maior conta no Instagram (atrás de Portugal), com 18,9 milhões; e detém o terceiro maior canal no YouTube, com 1,8 milhão de inscritos (atrás de França e Inglaterra). Além disso, a CBF também retomou recentemente sua presença oficial no TikTok, onde já reúne cerca de 700 mil inscritos, embora o perfil da Seleção Brasileira no TikTok seja o menos desenvolvido entre as 10 maiores seleções e possa ser um canal com potencial de crescimento até o início da competição em 2026.

## Dezembro Vermelho



### Mês de conscientização e combate ao HIV/Aids e a outras ISTs

O medo e o preconceito podem ser os seus maiores inimigos. Previna-se, realize testes e busque o atendimento do SUS sempre que necessário.



M A R K E T I N G E P C I F R E E P I K



## SABEDORIA POPULAR

# Curar o espírito

*Seja na tradição católica ou na Umbanda, ritual de processo de cura das rezadeiras está desaparecendo por conta da diminuição da transmissão às novas gerações*

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

Edilene Barreto, mora no bairro José Américo, em João Pessoa, e levou o filho Ian, de um ano de idade, para ser rezado por dona Bárbara, como é mais conhecida na vizinhança Bárbara de Oliveira, 74 anos. A criança estava sem apetite e, mesmo acreditando que podia ser em decorrência dos primeiros dentinhos nascendo, a mãe pediu para que ela fosse rezada, com receio de ser mau-olhado.

Com um terço na mão e três ramos de sabugueiro em outra, a rezadeira benze a criança fazendo gestos em forma de cruz, enquanto balbucia o “Pai Nosso”, a “Ave Maria” e o oferecimento pedindo que todos os males afastem-se do pequeno. Poucos minutos depois, enquanto conversavam um pouco mais sobre os sintomas, o menino, que chegara tristonho, começava a pular e saltitar no colo da mãe.

As portas da casa de dona Bárbara costumam estar sempre abertas para quem busca a cura de algum mal do corpo ou da mente, ainda mais depois que seu Braz e dona Zefinha, outros rezadores do bairro, faleceram. A informação de que ela exerce o ofício espalha-se de boca em boca, tanto que chegam crianças, jovens, adultos e idosos de outros bairros, e até de outras cidades, pedindo para serem rezados. Animais de estimação também entram na lista dos que já foram abençoados.

“Eles me procuram para rezar para tudo: para cobreiro, depressão, ansiedade, dor de cabeça, todas doenças. No pe-

ríodo de inverno, quando os meninos ficam doentes de gripe e virose, as mães procuram mais ainda a gente. Eu olho e se acho que é outra coisa, aí mando é levar no médico, porque não sei se o que eu estou rezando vai durar”, ressalta a rezadeira. Como a maioria dos moradores, a benção é gratuita e quem desejar pode fazer uma oferta espontânea.

Foi no sítio que morava, em Catingueira, no Vale do Piancó, que dona Bárbara aprendeu os ritos e benditos que recita. Ainda criança, ela observava atentamente como a mãe e o avô, ambos de tradição indígena, rezavam para curar picada de aranha, mordida de cobra, estancar o sangue de um corte ou apagar incêndios. As adaptações para incluir os males de hoje e outras jaulatórias católicas ficaram por conta dela mesma. Para os que estão com depressão, por exemplo, ela ensina a rezar o terço do “Divino Espírito Santo”, que aprendeu na

televisão, com o padre Marcelo Rossi.

Essas e outras transformações chamaram atenção da agricultora e bacharel em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Aparecida (Cida) Pontes, que aprofundou essa atividade de cura em seu trabalho de conclusão de curso. Natural de Ingá, Cida cresceu num ambiente em que existiam rezadeiras e rezadores de tradição católica ou da Umbanda em praticamente todo bairro ou sítio. Quando foi realizar a pesquisa, no entanto, encontrou apenas duas senhoras, uma delas já idosa que não conseguia mais recebê-la.

“Os rezadores estão envelhecendo e os rituais estão morrendo com eles, porque não conseguiram passar para outra pessoa a reza.

Isso acontece também porque existe um caminho próprio para que elas comecem a ser rezadeiras, como um adoecimento, um sonho ou alguma

coisa que possa despertá-la”, revela Cida. Ela lembra, por exemplo, que cresceu ouvindo dos antigos que a criança que chorasse na barriga da mãe desenvolvia o dom da cura.

O ofício não é exclusividade das mulheres, mas elas são a maioria. Para a agricultora, há uma predisposição feminina ao cuidado que está muito associada ao acolhimento que se pratica na reza, tanto na escuta como na disposição dessas mulheres para atender a qualquer horário. “Não tem como a rezadeira ser alguém que não acolhe, porque ela não só reza; ela acolhe, escuta a pessoa que vem contar a história, os sofrimentos e aconselha. Qualquer hora que ela precisar de um acolhimento, a rezadeira está lá para e não diz assim: ‘Olha, senta aí e espere’, sabe?”, pontua Cida.

A conversa é parte do processo de cura, sobretudo porque direciona as palavras que serão ditas na oração. Ao observar dona Lourdes, rezadeira de Ingá, com mais de 80 anos, que participou da pesquisa, Cida percebia como ela modificava algumas frases da reza, de acordo com o que a pessoa havia relatado antes. O fato da rezadeira ser alguém do convívio comunitário também é um facilitador desse diálogo.

“A reza é a cura pela palavra. A parte mais importante da reza são aqueles dizeres e a forma como se diz, que tem um ritmo. Os ramos, o tipo de plantas que são usadas, o terço ou outros objetos fazem parte do ritual, mas não são eles que fazem a cura”, explica Cida Pontes.

A oralidade, pela qual as orações foram transmitidas, também são preservadas, inclusive com formas que se desviam do padrão gramatical. “Com dois te butaro / Com três eu tiro / Olhado, quebrante, olho excumungado, sai cima de [diz o nome da pessoa que está sendo rezada] olhado amaldiçoado / se butaro na bunitiza / Na feiura / Na gurdura / Na magrenha / Na comida / No trabalho / Na pele / Na carne / Todos mal que tiver

em cima de [o nome da pessoa rezada] será jogado nas ondas do mar sa- grado”, trans-

creveu a cientista da religião em seu TCC. O rito completa-se com a oração do “Pai Nosso”, da “Ave Maria” e do “Glória ao Pai”, e é repetido três vezes, durante três dias, ao fim do qual é rezado o oferecimento às “Cinco Chagas de Jesus Cristo”.

O registro desses saberes foi uma das formas que a agricultora estudante de Ciências

da Religião encontrou para preservá-los diante do risco de desaparecimento. Além da transmissão às novas gerações ter diminuído consideravelmente, outro desafio que essa prática de cura enfrenta vem dos movimentos conservadores e neopentecostais cristãos, tanto evangélicos quanto católicos, que incentivam o racismo religioso. Em alguns casos, as “rezadeiras convertidas” deixam de lado o ofício porque é visto pejorativamente, como macumba ou catimbó.

Em razão disso, Cida Pontes defende que esses saberes sejam reconhecidos institucionalmente, para possibilitar a criação de políticas públicas que garantam sua preservação. Outro caminho que ela propõe é que a reza tradicional seja incorporada ao conjunto das práticas integrativas e complementares, que buscam o autocuidado e o bem-estar do indivíduo, ao lado dos tratamentos médicos convencionais.

“Essas práticas, vivências e saberes de cura que vieram de rituais dos povos indígenas, que já estavam nessa terra, dos africanos escravizados e também do mundo europeu, precisam ser minimamente reconhecidas. É por isso que, enquanto eu limpo o mato do meu roçado, eu continuo nesse movimento, fazendo minhas pesquisas para que essas práticas ancestrais, que já passaram por muitos pagamentos, sejam valorizadas”, afirma a agricultora, que vem reunindo elementos para continuar a investigação no mestrado.

Enquanto trabalha em vista desse propósito, Cida já se alegra com as iniciativas dos benzedores digitais que encontrou nas redes sociais. Alguns dos perfis no Instagram como Sertão Místico (@sertao.mistico), que registra a tradição das rezadeiras no Nordeste, e as Benzedadeiras de Brasília (@benzedadeiras.brasilia), que realizam tanto o benzimento *on-line* como coletivo em praças, parques e postos de saúde da capital federal, chamam atenção para como essa prática pode estar passando por um processo de renovação.

“A tradição, como a gente conhecia antigamente, está passando por um processo de ressignificação, por isso eu acho que morrer, não morre. É uma tradição muito potente que as novas gerações estão redescobrimdo”, aponta a pesquisadora.

Foto: Leonardo Ariel



Dona Bárbara com o seu terço e os três ramos de sabugueiro

Foto: Arquivo pessoal



Cida Pontes aprofundou o tema em seu TCC na UFPB



Dona Bárbara tirando o mau-olhado do pequeno Ian, filho de Edilene Barreto



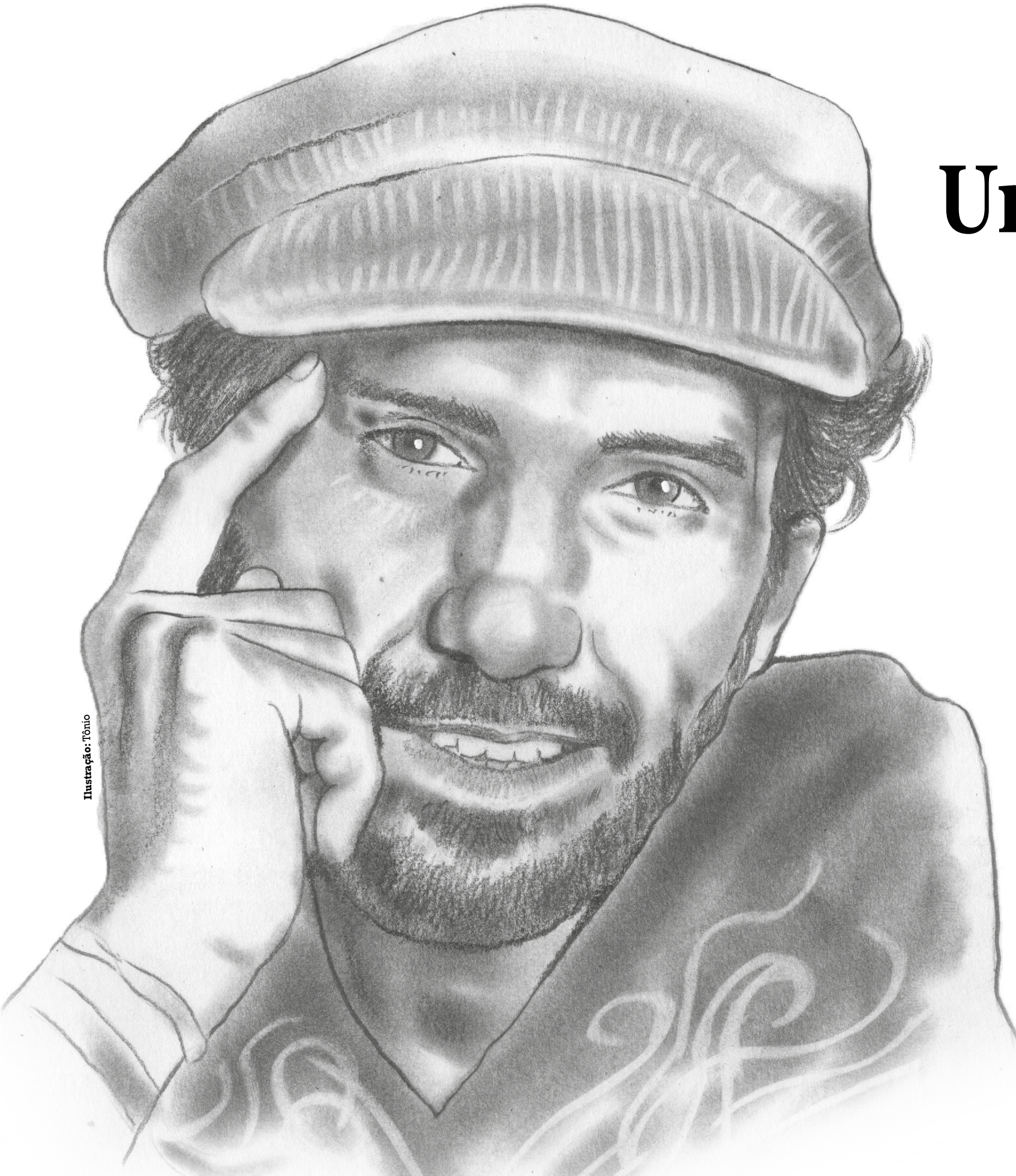


Ilustração: Tino

Marcos Pinto criou o Grupo Experimental Cena Aberta (Geca), uma espécie de laboratório de pesquisa, no qual atuava como ator e encenador; além de trabalhar no figurino, no cenário, na musicalidade e na expressão corporal

## Marcos Pinto

# Um artista que mesclava o erudito e o popular

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Diretor de teatro, ator, produtor cultural, dramaturgo, escritor e poeta. Essas eram as atividades profissionais do paraibano Marcos Pinto, que poderiam ser resumidas numa única: artista. Era na arte que pulsava a intensidade de seu ser, que ele extravasava a criatividade, que costurava os fragmentos daquilo que lia, ouvia e vivia. Seu ofício era juntar: dramas sacros e palhaçaria, erudito e popular, pessoas e palavras, corpos e sons para, com toda essa diversidade, falar da vida nas praças e nos palcos.

Marcos Fábio Costa Pinto nasceu em 10 de agosto de 1973, na cidade de Vieirópolis, no Sertão paraibano, mas, ainda adolescente, foi morar na capital com a irmã, Fátima Andrade. Em João Pessoa prosseguiu nos estudos e chegou a graduar-se em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lecionando, ainda, por algum tempo. Sua vocação, mesmo, sempre esteve nos palcos.

“Ele costumava ler um livro e depois transformava o que lia em peças. O teatro, às vezes, deixava um pouco a desejar na questão financeira, mas ele sempre batalhou pelo que queria. Era uma pessoa de caráter muito forte e muito decidido quando queria uma coisa, e sempre foi determinado para esse trabalho. Ele respirava cultura e o desejo dele era estar inserido no teatro”, afirma Fátima Andrade.

O teatro infantil e circense foram os primeiros caminhos pelos quais o ator enveredou. “A arte de Marcos Pinto era marcada pela palhaçaria, elementos populares e o timing exato da comédia. A memória da convivência com Marcos destaca sua generosidade, rigor e disciplina no exercício da arte”, comentou o professor do curso de Teatro da UFPB, Erlon

Cherque, com quem Marcos Pinto realizou *performances* poéticas e manteve um projeto em torno de elementos da obra de Ariano Suassuna.

A educadora e pesquisadora de circo e teatro, Marinalva Rodrigues, recorda dos primeiros espetáculos de palhaçaria que trabalhou com Marquinhos, como era conhecido entre os colegas, e destaca a sensibilidade do artista para misturar elementos do popular e do contemporâneo. Como diretor, Marcos incentivava os atores para que fossem brincantes no palco. A dedicação e o cuidado em relação aos detalhes era tanto, que ele mesmo dedicava-se a customizar o figurino do elenco, como ocorreu na montagem de *A flor do Suvellão*, na qual Marinalva fazia a palhaça Kika:

“Ele era muito rico em juntar e misturar textos. Captava as fontes que queria e mesclava. O processo de criação das músicas também era autoral. Tinha dias que ele trazia apenas uma provocação e a gente passava a criar, com o músico convidado. Essa parceria com o elenco foi um processo muito marcante para mim, uma experiência que eu não esqueço”, relata. A construção e reconstrução do espetáculo eram contínuas, e incluíam também a análise da reação da plateia, ao fim dos espetáculos, a partir das quais eram realizadas alterações para a apresentação seguinte.

### Diversidade de linguagens

Segundo o ator e crítico de arte Stênio Soares, que nutria grande amizade por Marquinhos, a guinada na trajetória artística do ator ocorreu em 2001 e 2002, depois das vivências no Projeto de Integração e Descentralização dos Atores do Nordeste (Piane) e de uma temporada de pesqui-

sa dele em Portugal, nos dois casos, sob orientação do encenador Moncho Rodriguez. De volta às terras paraibanas, Marcos Pinto criaria o Grupo Experimental Cena Aberta (Geca), uma espécie de laboratório de pesquisa, onde atuava como ator e encenador. A característica principal do grupo era explorar a diversidade de linguagens na construção dos espetáculos, mesclando o erudito e o popular, a dramaturgia ibérica e nordestina. Foi a partir dali que o artista traçou uma trajetória cênica premiada em festivais e elogiada pela crítica e pelo público.

Stênio destaca a contribuição singular e intensa, ainda que breve, do ator e encenador para os palcos: “Suas principais obras cênicas foram nutridas, expressivamente, por três elementos estéticos marcantes: uma preocupação com a linguagem corporal dos atores construída com base nos jogos da cultura popular, uma dramaturgia arraigada de um pensamento existencialista e uma leitura mística particular para a encenação teatral”.

Como diretor, esteve à frente da montagem de *Guiomar filha da mãe*, na qual ensaiou seus primeiros movimentos nessa direção; *A Saga de Zacarias* (2007), que misturava fabulação, personagens e mitos da cultura popular nordestina, explorando a linguagem corporal dos atores; e *Cordel em Retalhos*, uma colagem de três textos de Lourdes Ramalho. *Presépio Mambembe*, *A Saga da Luz*, *Evoé* e *Romance Bufo* também estão na lista de produções do grupo.

Em 2009, a convite da Trupe Arlequin, Marcos Pinto montou *Nada, Nenhum e Ninguém...*, peça que retratava a trajetória de uma trupe de atores bufões que viviaambulando há mais de 400 anos, desejosos de montar um espetáculo. Diocélio

Barbosa, ator e diretor da Trupe Arlequin, recorda o processo criativo, que classifica como uma espécie de metateatro, pois a peça abordava a trajetória, a convivência e a sobrevivência de uma trupe, dialogando com a vida dos próprios atores, que estão sempre estar em busca de formas para materializar seus projetos.

“Marcos Pinto foi um dos mais brilhantes diretores e profissionais criativos paraibanos. Era um artista inquieto e de uma criatividade ímpar, que colocava suas ideias em diálogo com as manifestações culturais e populares paraibanas e com as questões da sociedade. Um artista multifacetado também, pois, além de diretor, trabalhava na dramaturgia, no figurino, no cenário, na musicalidade e na expressão corporal. Todas essas reverberações materializavam-se em cena por meio de visualidades e narrativa que afetavam o público”, comentou Diocélio Barbosa.

O diretor da Trupe Arlequin destaca, ainda, as surpresas no processo criativo com o encenador e as habilidades que ele possuía para construir o texto a partir de referências diversas, sempre com elementos regionais. Na montagem de *Nada, nenhum e ninguém...*, Marcos trabalhava como se estivesse costurando uma colcha de retalhos e não propunha um texto completo para a peça. Os fragmentos chegavam aos poucos, para que os atores pudessem estudar e experimentar, durante os ensaios. A ideia era que o espetáculo não tivesse uma sequência linear, tanto que nunca se sabia qual seria a cena final da apresentação.

“Foi um processo intenso. Entramos em laboratório e estreamos em 2009, depois circulamos por todas as capitais do Nordeste, em festivais e mostras de teatro.

Com esse espetáculo, ganhamos também o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz, que permitiu circular pelas capitais da região Sudeste e Centro-Oeste”, relembra Diocélio, que também trabalhou com Marcos na montagem da *Paixão de Cristo*, da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), em 2011.

Como ator, Marcos já havia participado, em outras ocasiões, da encenação bíblica da capital paraibana. Em *O Divino Calvário*, no entanto, estava à frente da direção com Barbosa, que propuseram um espetáculo livre, adaptado do drama sacro *O Mártir do Calvário*, do português Eduardo Garrido. A ideia era misturar os planos real expressionista e imaginário minimalista, para trazer à cena um Jesus humano junto de seu povo. A fim de privilegiar a relação direta dos atores com a plateia, a narração era feita por personagens como um palhaço, que representava o elemento Éter, e outros quatro atores que figuravam como os elementos naturais da água, terra, fogo e ar.

“Marcos era uma pessoa muito carismática, intensa nas suas amizades e gostava muito de juntar pessoas, mas, mesmo em dias de lazer, nas conversas ou bate-papos informais, suas inquietações artísticas estavam sempre presentes. Para mim, fica lembrança da felicidade, da gargalhada, do riso rasgado, da vontade de viver a arte, que ele tinha. Ele era cem por cento arte”, completa Diocélio Barbosa.

Marcos Pinto tinha 41 anos quando foi encontrado morto, na noite do dia 16 de dezembro de 2014, dentro do apartamento onde morava, no bairro de Tambiá, no Centro de João Pessoa. As investigações sobre o crime foram concluídas sem apontar o autor do homicídio.

## Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

## Como não ser fisgado por rage bait, escolhida a “palavra do ano”?

Você entra nas redes sociais e sente raiva das postagens que vê? Você comenta nas publicações ou as compartilha, registrando sua indignação? Bingo! Você foi fisgado e tornou-se mais um número para quem aposta no chamado *rage bait*. Tal termo, escolhido como palavra do ano pelo Dicionário Oxford da Língua Inglesa, significa “isca de raiva”, em tradução livre.

Nos anos anteriores, entre os termos escolhidos como palavra do ano pelo Dicionário Oxford, estão: *selfie* (2013), pós-verdade (2016), tóxico (2018), emergência climática (2019), vacina (2021), *goblin mode* (2022), *rizz* (2023) e *brain rot* (2024).

Em 2020, não houve a seleção de palavras, devido à pandemia da Covid-19. Outra curiosidade ocorreu em 2015, quando foi eleito um pictograma e não um termo. Isso mesmo! Naquele ano, o Dicionário Oxford escolheu o *emoji* “Rosto com Lágrimas de Alegria”, para refletir o espírito, o humor e as preocupações daquele ano em questão.

Em 2025, além de *rage bait*, disputavam o título de palavra do ano os termos *aura farming* (“cultivo de aura”, em tradução livre) e *biohack* (intervenção no próprio corpo). Conforme a Oxford University Press, editora do dicionário britânico, o uso da expressão *rage bait* triplicou nos últimos 12 meses.

“Isca de raiva”, aponta o dicionário



Imagem: Reprodução/Oxford University Press

Termo descreve táticas de manipulação usadas para estimular o engajamento online

rio, é um termo que descreve táticas de manipulação usadas para estimular o engajamento *on-line*; no caso específico, a prática manipuladora consiste em publicar conteúdo para provocar raiva, frustração ou irritação nos internautas de forma deliberada. Tudo isso para gerar mais comentários e compartilhamentos, ampliando o tráfego de perfis em redes sociais, bem como de *blogs* e *sites*.

Utilizar a raiva para atrair audiência não é algo recente. Já acontece há tempos. A novidade é o incremento da inteligência

artificial generativa (IA) para a produção de conteúdos diversos, como vídeos, ilustrações, fotos alteradas e áudios falsos. Até que alguém descubra que o que viu não corresponde à realidade, o nível de irritação já foi às alturas.

Mexer com o sentimento das pessoas é, de fato, o propósito da “isca de raiva”. Nisso, inclusive, reside a diferença entre *rage bait* e *click bait*, que também é um artifício para atrair a atenção do público, mas sem apelar para as emoções.

Mas como não cair em *rage bait*? O

letramento digital e a educação midiática podem ser aliados nesse processo. Sim, é um processo: não é do dia para a noite, ou em um estalar de dedos que isso acontece.

Para o filósofo Byung-Chul Han, a racionalidade requer tempo, pois decisões racionais são construídas a longo tempo. “A racionalidade discursiva é ameaçada, hoje, também pela comunicação afetiva. A gente se deixa afetar demais por informações que se seguem apressadas umas às outras. Afetos são mais rápidos que a racionalidade. Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular”, afirma.

“Desse modo, *fake news*, notícias falsas, geram mais atenção do que fatos. Um único tuíte que contenha *fake news* ou fragmentos de informação descontextualizados é possivelmente mais efetivo do que um argumento fundamentado”, avalia o pensador no livro *Infocracia – Digitalização e a crise da democracia*. E, sim, quem adota *rage bait* como estratégia, muitas vezes, objetiva causar discórdia e polarização política.

Enfim, saber-se vítima da manipulação que explora sentimentos exige tempo. Por isso, não reagir é uma boa estratégia. Deixe-se afetar apenas pelo que lhe traz emoções boas, positivas, não pelo que gera frustração e raiva.

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

## Do caipira ao sertanejo de raiz — X

Os que vêm acompanhando a coluna desde o início, em janeiro de 2021, certamente já atentaram para o quanto ela é planejada bem ao gosto do autor. Em estilo, gênero, período, fase, momento ou movimento, seja o que for, temos procurado destacar compositores, músicos, intérpretes etc., que consubstanciem um gosto correlato com o deste que lhes escreve semanalmente. Mas que não seja somente isso. Buscamos um pouco mais: cuidar para não caírem no vazio e no esquecimento popular àquelas criações que, em determinado momento, marcaram presença em nossas vivências, fazendo permanecer a memória delas no nosso afetivo emocional.

A nossa música sertaneja, se bem que tenha sofrido influências da guarânia paraguaia e até do bolero mexicano, marcou seu terreno próprio, fixando-se entre nós desde a segunda metade do século 20 e foi sendo alimentada por um sempre e ainda crescente número de adeptos, sejam simples ouvintes, até consagrados criadores. Destes, tenho lhes falado constantemente, sempre procurando resgatar ou manter os seus dons artísticos e criativos.

Mais modernamente, dois amigos, contraparentes, permanecem na linha de frente dessa história. Embora eles não formem, necessariamente, uma dupla caipira, Renato Teixeira de Oliveira (Santos-SP 1945) e Almir Eduardo Melke Sater (Campo Grande-MS, 1956), talvez este último, nos próprios dizeres daquele, foi “quem melhor destrinchou o segrado da viola caipira [...], fazendo com que ela se torne um objeto de desejo no mundo inteiro”. Embora seja mais moço, Almir é quem “vive numa linha de fronteira, perto

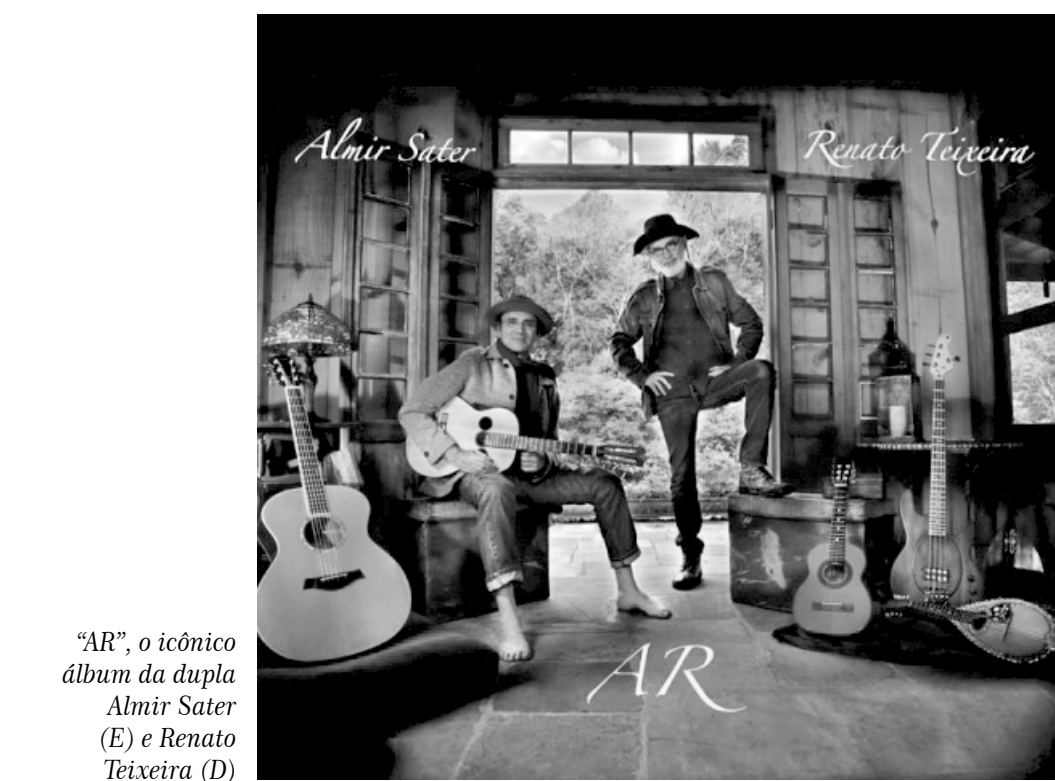


Imagem: Reprodução/Universal Music

“AR”, o icônico álbum da dupla Almir Sater (E) e Renato Teixeira (D)

do Pantanal e é tão bom violeiro, quanto compositor, ator e intérprete”.

Um certo laço de natureza familiar, além da música, é o que possibilitou uma maior aproximação entre os dois: uma filha de Renato, a cineasta Antônia Teixeira, foi casada com Rodrigo Sater, irmão de Almir.

O maior destaque nacional de Renato Teixeira é a celebrada “Romaria” (1977), gravada por vários intérpretes, com destaque para Elis Regina. Sua maior notoriedade artística vem do início dos anos 1990, quando apresentava o programa *Tom Brasileiro*, na TV Record, com valorização de nossa música de raiz. Sempre se

portou como um cultivador e defensor da autêntica música caipira, manifestando-se contra o que ele chamava de “desvios da música sertaneja”.

Renato Teixeira é amigo e parceiro de Almir Sater e, com ele, escreveu inúmeras canções, com destaque maior para “Tocando em frente”, que titula o nosso trabalho. A gravação original é de 1990 e mereceu inúmeros registros, inclusive um feito para a gravação de Maria Bethânia.

Vários álbuns foram gravados pela dupla Renato-Almir, com destaque para o lançamento, em 2015, por plataforma digital — álbum *AR* —, o maior projeto da

dupla, em conjunto, além de outros mais. O disco foi gravado entre o Brasil e Nashville (EUA), com produção do norte-americano Eric Silver, com 10 *hits* inéditos da dupla, com trânsito entre o *country*, o *folk* e a nossa música de raiz, sem fugir, no entanto, da essência e do purismo de nossas raízes caipiras. A título de curiosidade aos que apreciam detalhes: nesse álbum, executam-se duetos marcantes numa espécie de diálogo entre a nossa viola e o banjo, bem característico do *country*. Em cima do sucesso, foi gravado ainda em segundo volume, o + *AR*, distribuído pela Universal Music e lançado em 2018.

A dupla esteve sempre presente em festivais, telenovelas e afins, ganhando, nos anos 1990, três prêmios Sharp. Na mesma década, Almir estreou como ator na novela *Pantanal* (TV Manchete, de Benedito Ruy Barbosa) e participou da teledramaturgia *A História de Ana Raio e Zé Trovão*.

Em 2010, Almir foi convidado para participar do especial da Rede Globo, *Emoções Sertanejas*, em homenagem aos 50 anos de carreira de Roberto Carlos.

Ainda com passagem marcante em nosso cancionário, vamos encontrá-los, em 2012, figurando entre os “30 maiores ícones brasileiros da guitarra e do violão”.

Dentre outros registros, mencione-se o premiado no 19º Grammy Latino, como Melhor Álbum de Música de Raízes da Língua Portuguesa.

Apesar de o sucesso continuar, a dupla, retornou às carreiras individuais em 2019, quando recebeu o título *Honoris Causa* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).



PESQUISA

Qual palavra representa o sentimento do Brasil?

Neste ano, “incerteza”, “inteligência artificial” e “tensão” foram as mais escolhidas

José Maria Tomazela

Agência Estado

“Incerteza” é a palavra que mais reflete a percepção dos brasileiros sobre 2025, segundo estudo da consultoria Cause, em parceria com o Instituto de Pesquisa Ideia. A palavra foi escolhida por 24% dos brasileiros entre as sete expressões finalistas definidas pelos especialistas, ficando à frente de “inteligência artificial”, apontada por 16%, e “tensão”, escolhida por 15% dos consultados.

Na pesquisa de 2024, os brasileiros escolheram a palavra “ansiedade” para definir o ano. “Quando duas palavras seguidas apontam na mesma direção, não estamos diante de tendência, mas sim diante de um diagnóstico”, diz Leandro Machado, mestre em Administração Pública pela Universidade de Harvard e sócio fundador da Cause.

O ano que chega ao fim ficou marcado no país por indefinições na economia, na política e na questão ambiental, devido aos resultados aquém das expectativas da COP30, a conferência do clima realizada em Belém, no Brasil.

Também estiveram entre as finalistas as palavras “justiça” (com 14%), “adaptação” (9%), “amazônia” (6%) e “Burnout” (síndrome do esgotamento profissional (3%)).

Eleições internacionais

A expressão do ano em 2025, de acordo o *Dicionário Collins*, foi “vibe coding”, termo usado para descrever um novo modo de pro-

gramar respostas via inteligência artificial (IA). Na pesquisa doméstica, “inteligência artificial” foi o segundo termo mais lembrado pelos brasileiros.

Já o *Dicionário Oxford* escolheu o termo “rage bait”, que em português significa “isca de raiva”, como a palavra do ano de 2025 no mundo. A expressão descreve conteúdos on-line criados intencionalmente para gerar indignação e engajamento a partir de emoções negativas, refletindo a polarização nas redes sociais.

O *Dicionário de Cambridge*, por sua vez, elegeu “parassocial” como palavra do ano de 2025. O termo é definido pelo dicionário como “uma relação que alguém experimenta com uma pessoa famosa que não conhece, um personagem de livro, filme ou série de TV, etc., ou uma inteligência artificial”.

Método de pesquisa

Conforme a Cause, a escolha no Brasil seguiu um processo combinado: especialistas em Comunicação, Filosofia, Ciências Sociais e áreas correlatas definiram inicialmente as sete palavras que representariam 2025. Em seguida, as palavras finalistas foram estimuladas em uma pesquisa quantitativa, com amostra representativa para 1.500 brasileiros maiores de 16 anos, residentes em todas as regiões do país.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 1º e 4 de dezembro de 2025, com margem de erro máxima de três pontos percentuais e intervalo de con-

Vibração

Segundo o *Dicionário Collins*, a expressão do ano foi “vibe coding”, termo usado para descrever um novo modo de programar respostas via inteligência artificial

fiança de 95%, a partir de cotas sociodemográficas da população, segundo a Pesquisa Nacional por Amstras de Domicílios (Pnad) 2025 e o Censo 2022.

Dúvidas sobre o futuro

Para Leandro Machado, a predominância do termo “incerteza” reflete um sentimento coletivo de instabilidade e dúvidas sobre o futuro. Seja pelas transformações aceleradas da eco-

nomia e da tecnologia, seja por tensões geopolíticas e desigualdades internas persistentes, os brasileiros demonstram perceber 2025 como um ano de grandes desafios e de variáveis imprevisíveis que influenciam o cotidiano e as decisões das pessoas.

Para ele, o resultado tem relação com movimentos identificados em edições anteriores da pesquisa, como a eleição de “ansiedade”, em 2024, que capturou o impacto emocional de um período de transição em escala global e nacional.

Para Cila Schullman, CEO do Instituto de Pesquisa Ideia, quando a palavra “incerteza” define um ano inteiro, ela mostra que os brasileiros estão tomando decisões com cada vez menos pontos de apoio. “O dado não descreve só o país, mas a experiência diária de viver num mundo em que as referências mudam rápido demais. E, no caso brasileiro, isso ganha ainda mais força quando conectado com a palavra de 2024, ‘ansiedade’”.

Charada

Resposta da semana anterior: Navio de grande porte (1) = nau + Chica (2) = Tica. Solução: atividade marítima (3) = náutica.

Charada de hoje: Você escorrega (1) no vaso em que arde um fogo (2), enquanto escuta uma música sertaneja (3).



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chioffi



Eita!!!!

# Algoritmo do Instagram: o que é mito?

O Instagram é alvo constante de teorias sobre como funciona seu algoritmo. Na prática, o sistema de recomendação atual funciona a partir de uma combinação de sinais de retenção, relevância, interesse e probabilidade de engajamento. Embora a Meta não revele todos os detalhes do algoritmo, há informações suficientes, incluindo limitações explícitas na própria interface do aplicativo, para separar fato de ficção. Veja a seguir, cinco mitos persistentes que ajudam a entender como o Instagram realmente decide o que aparece (ou não) para os usuários (com *Agência Estado*):

# Se eu postar pouco, o algoritmo me pune

A ideia de punição não se sustenta tecnicamente. O que ocorre é que postar menos reduz a quantidade de sinais recentes que o sistema utiliza para prever interesse e relevância. Sem dados atualizados sobre quem costuma engajar com o seu conteúdo, o algoritmo naturalmente entrega menos, não como forma de castigo, mas porque trabalha com menos informação. É probabilidade, não penalidade.

# Editar a legenda derruba o alcance

O receio de alterar texto, capa ou marcações após publicar é infundado. Quando um post é editado, o sistema apenas reprocessa o conteúdo, sem reduzir sua distribuição por esse motivo. Quedas de alcance associadas a edições normalmente se devem a coincidências ou à *performance* do conteúdo, não à edição em si.

# Postar muitos stories derruba engajamento

A quantidade de stories não determina o alcance. O fator decisivo é a taxa de conclusão — isto é, quantas pessoas assistem até o fim. É possível publicar cinco ou 20 stories com ótimo desempenho, desde que mantenham interesse e coerência narrativa. Quando há perda de visualização, a causa costuma ser falta de retenção, não excesso de volume.

# Shadowban é uma punição secreta

O termo popularizou-se como explicação para as quedas bruscas de alcance, mas não corresponde a um mecanismo oficial. O Instagram afirma não operar punições invisíveis: o que existe são restrições documentadas, aplicadas quando há violação de diretrizes, *hashtags* inadequadas ou comportamento de *spam*. Em vez de censura oculta, há limites definidos, e, em geral, notificações no painel da conta.

# Usar todas as funções melhora o alcance

Criadores frequentemente acreditam que publicar em todos os formatos garante um tratamento preferencial, mas não é verdade. O Instagram avalia o desempenho individual de cada post, e não a variedade de ferramentas utilizadas. Usar stories, feed, carrosséis e reels não gera bônus automático; apenas aumenta as chances de acerto pelo volume ou consistência criativa.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

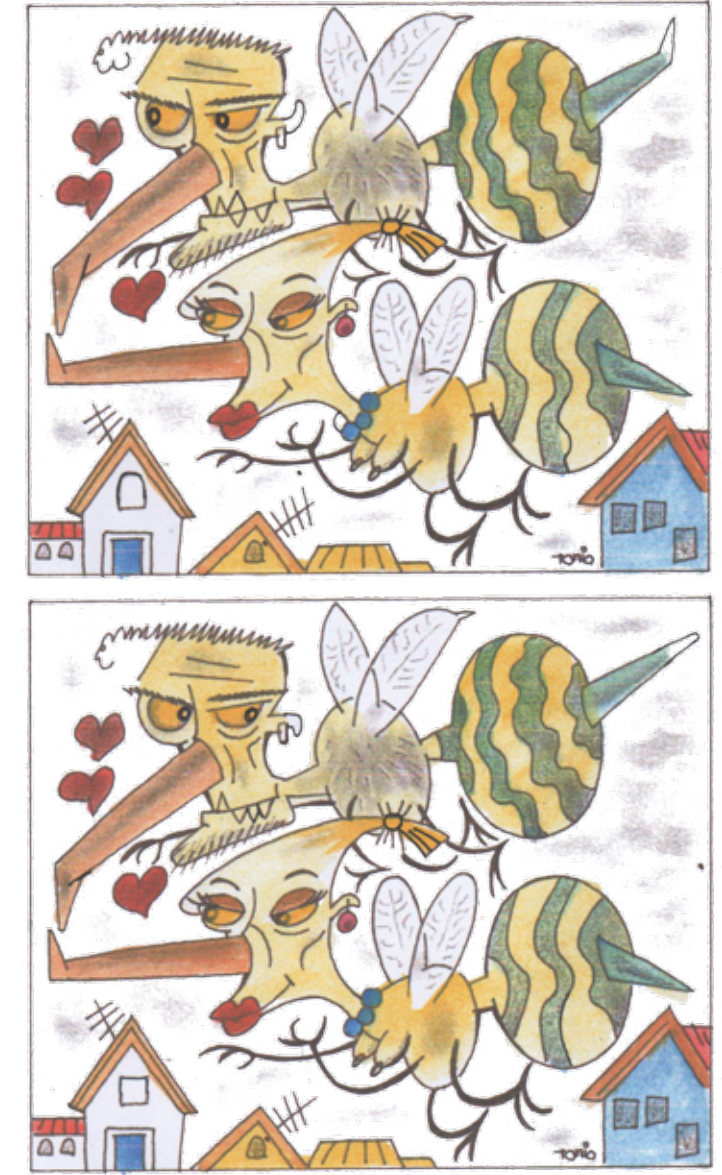
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – orelha; 2 – antena; 3 – colar; 4 – ferro; 5 – dente; 6 – listras; 7 – cabelo; 8 – olhos; 9 – janela.